



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

JEANY CASTRO DOS SANTOS

**“O OLHO QUE TUDO VÊ”: UMA ANÁLISE DO CORPO E DA CIDADE NA  
PERSPECTIVA DE GÊNERO EM PALMAS - TO**

Palmas- TO

2021

JEANY CASTRO DOS SANTOS

**“O OLHO QUE TUDO VÊ”: UMA ANÁLISE DO CORPO E DA CIDADE NA  
PERSPECTIVA DE GÊNERO EM PALMAS - TO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins – UFT, como requisito para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Dra. Temis Gomes Parente.

Palmas- TO  
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S237♦ Santos, Jeany Castro dos.  
"O OLHO QUE TUDO VÊ": : UMA ANÁLISE DO CORPO E DA  
CIDADE NA PERSPECTIVA DE GÊNERO EM PALMAS - TO . /  
Jeany Castro dos Santos. – Palmas, TO, 2021.  
147 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em  
Desenvolvimento Regional, 2021.

Orientador: Temis Gomes Parente

1. Corpo. 2. Cidade. 3. Gênero. 4. Sociabilidade . I. Título

**CDD 338.9**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde  
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica  
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JEANY CASTRO DOS SANTOS

**“O OLHO QUE TUDO VÊ”: UMA ANÁLISE DO CORPO E DA CIDADE NA  
PERSPECTIVA DE GÊNERO EM PALMAS-TO”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do  
Tocantins para obtenção do título de Doutor.  
Orientadora: Profa. Dra. Temis Gomes Parente


Aprovada em 16/09 /2021 \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Temis Gomes Parente (Orientadora) - UFT

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Reijane Pinheiro da Silva - UFT

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Antonio José Perdodo Neto - UFT

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi - UFGD

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Gleys Lally Ramos dos Santos - UFT

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cynthia Mara Miranda - UFT

*Não tenho palavras  
Pra agradecer tua bondade  
Dia após dia me cercas  
Com fidelidade*

*Nunca me deixes esquecer  
Que tudo o que tenho  
Tudo o que sou, o que vier a ser  
Vem de ti, senhor*

*Ana Paula Valadão*

## AGRADECIMENTOS

*A expectativa por este dia foi diariamente cultivada ao longo desses quatro anos e meio. Em todos eles, o Senhor esteve presente, por esta razão o meu primeiro agradecimento é a Deus, que me agraciou com este importante presente que é a tese. Neste momento, faço uso da letra da música de Ana Paula Valadão “Não tenho palavras para agradecer tua bondade, dia a após dia me cercas com fidelidade”;*

*Dedico o meu segundo agradecimento aos meus pais, Ana Madalena dos Santos e José de Castro Ribeiro, as minhas irmãs Josiany e Josikleia e ao meu irmão Josikeyton. O apoio de vocês, em um dos momentos mais difíceis da minha vida, foi fundamental para que eu pudesse escrever a primeira versão desta tese - a vocês o meu amor e gratidão;*

*Agradeço as minhas filhas Giovana Pereira de Castro e Lara Pereira de Castro, que sempre me lembravam da hora de parar: “Mãe, já deu por hoje, vamos conversar”. Este alerta diário me permitiu manter o equilíbrio emocional e psicológico. A vocês o meu amor eterno;*

*Agradeço a minha amiga Fernanda Rodrigues da Silva pela parceria desde o mestrado, pelos artigos publicados, pelas trocas de conhecimento e especialmente pela amizade sincera;*

*Agradeço a minha amiga Alessandra Ruita Santos Czapski pelo convite para compor o colegiado do curso de Serviço Social da Unitins, espero poder retribuir a confiança;*

*Agradeço a minha orientadora, Dra. Temis Gomes Parente, por todo ensino e trocas de conhecimento ao longo desta penosa, mas gratificante caminhada. Espero que nossa amizade seja perene, que nossas parcerias sejam constantes e que o futuro nos presenteie com oportunidades que possam ser realizadas em conjunto.*

*Agradeço, ainda, à Dra. Gleys lally Ramos dos Santos, ao Dr. Airton Cardoso Cançado e ao Dr. Losandro Antonio Tedeschi pelas ricas contribuições quando da qualificação do projeto de tese;*

*Agradeço a CAPES pelo investimento financeiro que possibilitou a dedicação exclusiva ao doutorado, resultando na publicação de artigos acadêmicos, participação de eventos internacionais e nacionais, e a tese que me rendeu o título de doutora em Desenvolvimento Regional.*

*Por fim, dedico este trabalho a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução desta tese de doutorado.*

## Lista de Figuras

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1 - Percentuais de excesso de peso da população das capitais brasileiras.....           | 9   |
| Figura 2 - Praça dos Girassóis: órgãos do governo e monumentos históricos .....                | 82  |
| Figura 3 - Academia instalada na Praça dos Girassóis .....                                     | 84  |
| Figura 4 - Passarela instalada na Praça dos Girassóis .....                                    | 85  |
| Figura 5 - Praça dos Girassóis: espaços utilizados pelos profissionais de educação física..... | 87  |
| Figura 6 - Estrutura de vigilância presente na Praça dos Girassóis .....                       | 89  |
| Figura 7 - Exames esportivos anunciados em outdoors.....                                       | 94  |
| Figura 8 - Descontinuidade das passarelas ao redor das quadras residenciais.....               | 107 |
| Figura 9 - Ilustrativa de final de treino na Praça dos Girassóis .....                         | 112 |



## Lista de Quadro

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1- Comparativo entre o poder disciplinar e o biopoder ..... | 33 |
|--|----|

## **Lista de Gráficos**

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 1 - Percentuais de pessoas ativas e inativas em Palmas -TO ..... | 45 |
|--|----|

*Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que era você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá [...] ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo. Como?! Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse - com as mãos um pouco febris - o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever. (FOUCAULT, 2008, p. 19)*

## RESUMO

SANTOS, Jeany Castro dos. **“O olho que tudo vê”**: uma análise do corpo e da cidade na perspectiva de gênero em Palmas-TO. 2021. 152 p. Tese (Doutorado) - Programa de Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins, 2021.

Este estudo teve como proposta norteadora investigar sobre o corpo e a cidade no contexto das atividades físicas que são realizadas em espaços abertos. A delimitação espacial da pesquisa foi a Praça dos Girassóis, localizada na área central de Palmas, Estado do Tocantins, por ser um local utilizado pela população para a realização dessas atividades. Como recorte temporal, adotou-se o período de 2006 a 2016, considerando os dez anos de sistematização da pesquisa do Ministério da Saúde que monitora a população das capitais brasileira em relação aos fatores de risco a doenças crônicas não transmissíveis, como é o caso da obesidade. A publicidade dos dados, pela imprensa local, atribuiu a Palmas o título de capital mais magra do Brasil por apresentar os menores percentuais referentes à obesidade. Este aspecto conduziu ao pressuposto de que os mecanismos de vigilância e controle, que estabelecem padrões de normalidade, influenciam na decisão de realizar atividade física, tendo em vista a necessidade de garantir a manutenção da ordem binária, mediante o reforço de características físicas que validam construções culturais determinantes para a atribuição de diferenças entre mulheres e homens. Para tanto, delineou-se como objetivo geral analisar as razões que levaram as mulheres e os homens a realizar atividades físicas na Praça dos Girassóis, o qual se desdobra em quatro objetivos específicos, que são: 1. analisar os mecanismos de controle do corpo; 2. refletir sobre o comportamento das mulheres e dos homens que realizam atividades físicas; 3. realizar uma analogia entre a arquitetura panóptica e a Praça dos Girassóis; 4. identificar os fatores que levaram a sociabilidade do lugar. Assim, adotaram-se as noções teóricas do biopoder (FOUCAULT, 1999), do panóptico (BENTHAM, 2005), de gênero (LAGARDE, 1996) e de sociabilidade (PESAVENTO, 2007) para fundamentar a análise desenvolvida. Como metodologia, utilizou-se a História Oral, com base nos autores Portelli (1996, 1997) e Thompson (2002), tendo em vista o interesse pela subjetividade inerente às narrativas orais e documentais. O resultado da pesquisa evidenciou que os mecanismos de vigilância e controle do corpo influenciam na decisão de praticar atividades físicas na Praça dos Girassóis, contudo é a sociabilidade desenvolvida entre as sujeitas e os sujeitos que garante a prática cotidiana no lugar.

Palavras-chave: Corpo, Cidade, Gênero, Sociabilidade.

## ABSTRACT

This study had as a guiding proposal to investigate the body and the city in the context of physical activities that are performed in open spaces. The spatial delimitation of the research was Praça dos Girassóis, located in the central area of Palmas, State of Tocantins, as it is a place used by the population to carry out these activities. As a time frame, the period from 2006 to 2016 was adopted, considering the ten years of systematization of the research by the Ministry of Health, which monitors the population of Brazilian capitals in relation to risk factors for non-communicable chronic diseases, such as the case of obesity. The publicity of the data, by the local press, attributed to Palmas the title of the leanest capital in Brazil for presenting the lowest percentages related to obesity. This aspect led to the assumption that surveillance and control mechanisms, which establish standards of normality, influence the decision to perform physical activity, considering the need to ensure the maintenance of the binary order, through the reinforcement of physical characteristics that validate constructions cultural determinants for the attribution of differences between women and men. Therefore, it was outlined as a general objective to analyze the reasons that led women and men to perform physical activities in Praça dos Girassóis, which unfolds into four specific objectives, which are: 1. analyze the body's control mechanisms; 2. reflect on the behavior of women and men who perform physical activities; 3. draw an analogy between panoptic architecture and Praça dos Girassóis; 4. identify the factors that led to the sociability of the place. Thus, the theoretical notions of biopower (FOUCAULT, 1999), the panopticon (BENTHAM, 2005), gender (LAGARDE, 1996) and sociability (PESAVENTO, 2007) were adopted to support the analysis developed. As a methodology, Oral History was used, based on the authors Portelli (1996, 1997) and Thompson (2002), in view of the interest in the subjectivity inherent to oral and documentary narratives. The research results showed that the mechanisms of surveillance and body control influence the decision to practice physical activities in Praça dos Girassóis, however it is the sociability developed between the subjects and the subjects that guarantees the daily practice in the place.

Keywords: Body, City, Gender, Sociability.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>   | <b>1</b>  |
| <b>PARTE I – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>1.1. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO TÍTULO DA TESE.....</b>  | <b>5</b>  |
| <b>1.2. ELEMENTOS DA TESE .....</b>  | <b>7</b>  |
| <b>1.3. PALMAS: UM OLHAR SOBRE A CIDADE .....</b>  | <b>11</b> |
| <b>PARTE II - PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>  | <b>14</b> |
| <b>2.1. PESQUISA EXPLORATÓRIA .....</b>  | <b>14</b> |
| <b>2.2. COMITÊ DE ÉTICA.....</b>   | <b>16</b> |
| <b>2.3. METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL .....</b>   | <b>16</b> |
| <i>2.3.1. Realização das entrevistas.....</i>  | <i>19</i> |
| <b>2.3.2. Fontes .....</b>   | <b>23</b> |
| <i>2.3.3. Transcrição e análise das entrevistas de história oral .....</i>   | <i>26</i> |
| <b>PARTE III – ARQUITETURA DOS CAPÍTULOS.....</b>  | <b>30</b> |
| <b>CAPÍTULO I: MECANISMOS DE CONTROLE DO CORPO.....</b>  | <b>31</b> |
| <i>1.1. Controle do corpo e da vida: entre o poder disciplinar e o biopoder.....</i>   | <i>32</i> |
| <i>1.2. Medicalização do corpo .....</i>   | <i>38</i> |
| <i>1.3. Monitoramento da população .....</i>   | <i>44</i> |
| <i>1.4. Biopoder como medida regulamentadora .....</i>   | <i>47</i> |
| <b>1.5. Da proibição ao incentivo .....</b>  | <b>50</b> |
| <b>CAPÍTULO II: CONTROLE DO CORPO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO ....</b>   | <b>53</b> |
| <i>2.1. Escapando ao controle: uma análise das relações de gênero.....</i>   | <i>54</i> |
| <i>2.2. Subjetividade social e individual em relação ao corpo.....</i>   | <i>59</i> |
| <i>2.3. (In)satisfação com o próprio corpo.....</i>  | <i>64</i> |
| <i>2.4. Por que “elas” são maioria nos grupos de treinamento funcional que se reúnem na Praça dos Girassóis em Palmas – TO?.....</i> | <i>71</i> |
| <b>CAPÍTULO III: CIDADE PANÓPTICA: A VIGILÂNCIA DOS ESPAÇOS EM PAMAS-TO.....</b>   | <b>76</b> |
| <i>3.1. Praça dos Girassóis como uma construção panóptica .....</i>  | <i>77</i> |
| <i>3.2. Praça dos Girassóis.....</i>   | <i>81</i> |
| <i>3.3. Um olhar sem rosto! É assim que o panóptico atua?.....</i>   | <i>88</i> |

|   |            |
|---|------------|
| 3.4. Quanto maior a vigilância, maior o seu efeito? .....                             | 91         |
| <b>CAPÍTULO VI: PALMAS - UMA ANÁLISE DA CIDADE A PARTIR DA</b>                        |            |
| <b>SOCIABILIDADE DESENVOLVIDA NA PRAÇA DOS GIRASSÓIS .....</b>                        | <b>95</b>  |
| 4.1. Da vigilância à sociabilidade: uma análise possível?.....                        | 95         |
| 4.2. Palmas: vista do alto e de longe .....   | 97         |
| 4.3. Prática cotidiana da cidade.....   | 100        |
| 4.4. Percepção das sujeitas e dos sujeitos sobre Palmas .....                         | 103        |
| 4.5. Sociabilidade desenvolvida na Praça dos Girassóis.....                           | 108        |
| <b>PARTE V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>113</b> |
| <b>5.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>116</b> |
| <b>5.3. ANEXOS.....</b>   | <b>127</b> |
| <b>5.4 APÊNDICE .....</b>   | <b>129</b> |
| <i>Apêndice 1 - Roteiro de entrevista profissional de educação física .....</i>       | <i>129</i> |
| <i>Apêndice 2 - Roteiro de entrevista com pessoas que realizam atividades físicas</i> |            |
| .....   | 130        |
| <i>Apêndice 3 - Ofícios encaminhados .....</i>  | <i>131</i> |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo configura-se como uma pesquisa histórico-cultural, ancorada no tempo presente, que se propõe a tematizar a Praça dos Girassóis, localizada em Palmas, Estado do Tocantins, como lugar de sociabilidades decorrente da realização de atividades físicas. Essa praça foi construída na parte central do plano diretor da cidade, entre o cruzamento da Avenida Teotônio Segurado e Avenida Juscelino Kubitschek. Nela constam amplos espaços que são utilizados por esportistas em atividades de treinamento funcional e corrida, com maior recorrência entre o final da tarde e início da noite.

O argumento que me empenhei em defender é que os mecanismos de controle e vigilância do corpo influenciam na decisão de praticar atividades físicas na Praça dos Girassóis. Ademais, afirmo que, na relação entre o corpo e a cidade, é possível, em alguma medida, escapar ao controle que busca moldar o corpo a ideais socialmente construídos, para dar espaço à promoção de sociabilidades pelas sujeitas e pelos sujeitos que vivenciam a cidade no uso cotidiano da Praça dos Girassóis, durante a realização de atividades físicas.

A flexão do gênero feminino do vocábulo “sujeitas” foi uma decisão justificada pela necessidade de dar destaque, ou em outras palavras, de marcar o fenômeno<sup>1</sup> relacionado à participação das mulheres<sup>2</sup> nas atividades físicas realizadas na Praça

---

<sup>1</sup> De acordo com Devide (2012, p. 244), “o esporte ancorou valores como força, potência, velocidade e vigor físico, historicamente associado à masculinidade”. No mesmo sentido, Knijnik (2003, p. 64) identificou em sua pesquisa que os aspectos que comprometiam a feminilidade eram reprimidos pela sociedade: “Se a atividade irá, mesmo que por tempo limitado, ‘desarrumar’ os corpos, ameaçar sua fragilidade, desgastar suas energias ou tirar a sua graciosidade, deve ser rechaçada”.

<sup>2</sup> Os grupos que realizam atividades físicas nas praças existentes na cidade possuem um percentual elevado de mulheres. De acordo com as fontes, esse percentual, na maioria dos grupos, chega a mais de 90%.



dos Girassóis. Representa, portanto, o que Catherine Walsh<sup>3</sup> (2013) denominou de “linguagem desobediente”. A autora valeu-se deste argumento para justificar, em sua escrita, o uso do “x” para representar mulheres e homens. Outra autora a utilizar argumento na mesma direção Djamilia Ribeiro (2019) descrevendo como linguagem sem obediência as regras da gramática normativa para fazer referência a forma que autora Lélia Gonzalez para escrever o texto intitulado “ Racismo e sexismo na cultura brasileira. Nesse sentido, valho-me deste argumento para fundamentar o emprego da palavra “sujeitas” no presente estudo.

Outra autora a utilizar uma “linguagem desobediente” foi Grada Kilomba (2019) ao destacar em itálico as palavras que não possuem flexão de gênero na língua portuguesa, como foi o caso da palavra *sujeito*. Com base nesse argumento se justifica, neste estudo, o uso dos termos “sujeitos” e “sujeitas” para esta marcação.

Ao alertar para a escolha metodológica citada acima, peço licença para contar sobre os vários processos de mudanças que ocorreram na minha forma de ver o mundo e me relacionar com ele, remetendo, desta forma, a importância da marcação do termo sujeita, tanto no aspecto acadêmico quanto no pessoal. Essa é a maneira que encontrei para demonstrar que estou em processo e, por esta razão, aberta a críticas e contribuições que possam me tornar sensível a outra forma de violência de gênero por meio do estranhamento de tais práticas.

Apresento, nas próximas linhas, o meu lugar de fala, ou seja, quem é a pesquisadora que se propôs a debater sobre o tema corpo e cidade. Sou negra, assistente social, professora, cristã, feminista, ciclista. Minha formação inicial está ligada à área de ciências exatas, com a graduação em Sistemas de Informação. Ao ingressar no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, de natureza interdisciplinar, tive acesso à literatura da área das ciências sociais, levando-me a espaços até então desconhecidos, o que remete a afirmação que estou em processo. Todavia, foi na escolha da orientadora de doutorado que as mudanças mais profundas em minha vida passaram a ser constantes.

Na entrevista da seleção de doutorado, um membro da banca questionou-me sobre as razões que levam uma pessoa graduada em Sistemas de Informações a

---

<sup>3</sup> Na primeira menção dentro do texto, as autoras e autores serão apresentados pelo nome completo como forma de valorização e identificação das mulheres e dos homens que contribuíram teoricamente com estudo como o fez Raimundo Nonato Lima dos Santos em sua tese (2016).

propor uma pesquisa cuja sustentação teórica fazia referência a gênero, utilizando como metodologia a história oral. Sinceramente, não me recordo o que respondi, mas a escolha, naquele momento, era mais pela orientadora do que pela proposição do tema de pesquisa apresentado à época, o qual se referia a um estudo sobre a política pública de criação de territórios rurais, do qual fui bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) durante dois anos.

Ao ingressar no doutorado, coloquei em prática uma decisão que já vinha cultivando: a de obter outra graduação. Assim, baseada na linha de pesquisa da minha tese, que é Políticas Públicas, decidi pelo curso de Serviço Social por atuar em Políticas Sociais. Foram muitas as mudanças neste curto espaço de tempo: nova graduação, nova temática de pesquisa, novas teorias, nova orientadora.

Recordo-me quando, em uma das aulas da professora Temis, perguntei se poderia estudar gênero sem ser feminista - recorri ao argumento de neutralidade da ciência para permanecer em um lugar confortável. O que a Professora Temis quis falar é que eu não poderia/conseguiria fazer as grandes reflexões se quisesse/pudesse permanecer neutra. A resposta da professora Temis foi imediata: ouvi um sonoro “não”, acompanhado de uma afirmação de que eu era “sim” uma feminista mesmo sem entender isso claramente. Desse dia em diante, senti como se o mudo se descortinasse sobre os meus olhos. Os estranhamentos com as situações do cotidiano passaram a ser uma constante em minha vida e entendi que não poderia ser neutra em estudos que discutem gênero.

O trabalho escrito, que ora estão tendo acesso, representa apenas um lampejo do que realmente significaram estes quase cinco anos de dedicação ininterrupta a esta pesquisa. A ligação que esta tese tem com a minha vida, as escolhas que tive que fazer, no caso, a de parar de trabalhar no emprego formal para trabalhar na pesquisa; deixar o convívio com a minha família e amigos para me dedicar a este estudo; abrir mão de passeios e lazer para as leituras intermináveis buscando desenvolver o estudo ao qual me propus; as horas de sono perdidas; as madrugadas na frente do computador; todas essas escolhas, fazem parte do processo de mudança no olhar sobre as relações sociais, não irão aparecer no desenho moldurado nesta tese, mas materializam-se como tal.

Talvez, nos espaços que ainda eu de percorrer na trajetória acadêmica e profissional, quiçá surja a oportunidade de contar um pouco dessa história; talvez as pessoas percebam o quanto esta tese me modificou ou talvez não; talvez jamais

venham a saber ou conhecer ou entender sobre os caminhos que tive que trilhar para chegar aqui; talvez, algum um dia, alguém se interesse em conhecer um pouco desta história, especialmente no que se refere a subjetividade presente no encaixe de cada peça do quebra-cabeça que é a construção de uma tese. Cada linha escrita e apagada; cada versão construída e reconstruída; cada escolha feita e deixada para traz; cada expectativa montada e frustrada; cada alegria e tristeza; cada confronto e mudança; cada conquista e perda.

Depois desta tese, me vejo assim como um quebra-cabeça que foi desmontado e depois montado novamente. Não sou mais a mesma, muita coisa se perdeu no meio do caminho e outras foram conquistadas. Estou aberta às possibilidades que o futuro me reserva. Meu compromisso é o de continuar caminhando e aprendendo com as experiências das relações que se mostrarem leves e saudáveis. Se algum desses momentos chegar, espero poder contar que valeu a pena! Contudo, por agora, me reservo o direito de falar que estou cansada.

Hoje, tenho um misto de sentimentos: tristeza por não ter podido controlar o tempo, e alegria por saber que, “tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu; [...] há tempo de plantar e tempo de colher [...] tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria” (Eclesiastes 3: 1-4 S/D).

Nunca pensei em ser doutora. Mesmo hoje, ainda não sei o seu real significado. Poderia pensar que o convite para atuar como docente do colegiado do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) ou as orientações de pesquisa decorrentes dessa atuação na área de gênero ou ainda o convite para compor o Grupo de Trabalho – GT “Cidades e Memória” são indícios da influência desta formação, mas espero que este título, para além das oportunidades profissionais, me torne uma pessoa melhor, mais humana.

Espero que o conhecimento desenvolvido nestes anos de estudo me ajude na compreensão do ser humano e suas relações. Espero poder inspirar pessoas, induzindo-as na busca de seus objetivos e até mesmo em criar objetivos que venham a buscar. Mas, o que eu espero mesmo é desfazer o mal-entendido criado na ideia que minhas filhas possuem em relação ao processo de doutoramento. Espero que se apaixonem pelo maravilhoso mundo da ciência e também espero que o caminho delas seja leve e prazeroso, como em vários momentos, foi o meu.

Após esta licença, passo a apresentar como o trabalho está estruturado. A tese foi dividida em quatro partes: a primeira faz uma apresentação da pesquisa; a segunda detém-se sobre o percurso metodológico; a terceira, sobre o desenvolvimento da pesquisa e a quarta apresenta as considerações finais a respeito do estudo. Cabe destacar que a terceira parte da tese está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, discute-se sobre o controle do corpo a partir do poder disciplinar e do biopoder. No segundo, promove-se uma reflexão sobre o controle do corpo a partir da perspectiva de gênero. No terceiro, desenvolve-se uma análise sobre a cidade por meio de uma analogia entre uma construção panóptica e a Praça dos Girassóis, e no quarto, discute-se sobre as sociabilidades desenvolvidas na Praça dos Girassóis.

## **PARTE I – APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**

Apresentam-se os aspectos introdutórios da pesquisa. Nas primeiras linhas, explicam-se os elementos teóricos contidos no título da tese. Em seguida, delinear-se os elementos que norteiam a tese. Na sequência, foi apresentada uma contextualização da cidade de Palmas.

### **1.1. Considerações a respeito do título da tese**

O título da tese *O olho que tudo vê<sup>4</sup>: uma análise do corpo e da cidade na perspectiva de gênero* foi pensada a partir dos elementos teóricos e empíricos que orientam o estudo. A expressão o “olho que tudo vê” remete à noção teórica do Panóptico. Etimologicamente, a palavra Panóptico vem do prefixo grego “pan” e significa *tudo* e do sufixo grego “opticon” que significa *visível*. O “olho que tudo vê” reporta à ideia de uma visão de totalidade, em que, no presente estudo, remete a um tipo de poder que é exercido sobre o biológico a partir da vigilância (FOUCAULT, 1987) e do controle (FOUCAULT, 1999) do corpo.

---

<sup>4</sup> A expressão “O olho que tudo vê” foi utilizada no título da dissertação de Fabio Lúcio Mello Tobias (2008), em razão de fazer referência à teoria do panóptico.

A análise do controle do corpo tem como teoria norteadora o biopoder. Esse termo foi cunhado pelo filósofo Michel Foucault (1999) para referir-se às práticas disciplinares sobre o corpo e a biopolítica aplicada à população. Trata-se da utilização de técnicas para controlar e subjugar os corpos da população. No biopoder, o corpo é antes um meio onde transita e reproduz poder. Refere-se, portanto, a um poder que busca criar um estado de vigilância, mediante o controle da população, para impedir os corpos de se tornarem transgressores<sup>5</sup>. A transgressão do corpo pode ser compreendida na obra intitulada *A história da sexualidade 3: o cuidado de si*, em que Foucault (1985) desenvolve o pensamento sobre o controle do corpo a partir da regulação da atividade sexual.

Ao abordar o controle do corpo considerando a relação entre mulheres e homens, Foucault (1985) abre a possibilidade para a discussão de gênero, para além da noção de saúde, uma vez que, de acordo com a sua descrição, no casamento, mulheres e homens possuíam responsabilidades diferentes. Nessa relação, enquanto as mulheres deveriam ser submissas e fiéis, os homens não teriam esta obrigação. Dessa forma, “a ética dos prazeres está preza no casamento, para as mulheres, pois no caso do homem este não é por isso condenado a pretexto de antinatureza” (FOUCAULT, 1985, p. 235) esta crítica feita pelo autor abre possibilidades para as desigualdades de gênero.

A regulação do corpo no contexto da relação de gênero se desdobra em inúmeras situações. As atividades físicas, objeto desta investigação, compreende uma das formas de controlar os corpos, à semelhança da análise realizada por Foucault (1985, p. 233). Como ele explica: “havia um tempo que o cuidado do corpo e da saúde, a relação com a mulher e com o casamento, a relação com os rapazes, tinham sido motivo para a elaboração de uma moral rigorosa”. O mesmo rigor identificado por Foucault (1985), no que se refere à fidelidade no casamento, pode ser observado no comportamento de mulheres e de homens em relação à realização de atividades físicas em que as mulheres e os homens são cobrados a manterem marcas do binarismo, sustentados em construções culturais.

---

<sup>5</sup> Neste estudo, entende-se por corpos transgressores aqueles que não atendem às normas sociais referentes ao binarismo que marca o corpo da mulher e o corpo do homem.

A relação entre os gêneros é antes uma construção cultural, pois “trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais” (SCOTT, 1990, p. 75). Nesse sentido, a perspectiva de gênero presente no título desta tese se sustenta em Marcela Lagarde (1996, p. 2), buscando “analisar e compreender as características que definem as mulheres e os homens de maneira específica, assim como suas semelhanças e diferenças”.

Além disso, essa perspectiva de gênero rejeita qualquer explicação fundamentada nas desigualdades baseadas em características biológicas. Dessa forma, a explicação para a maior participação das mulheres em grupos que realizam atividades físicas orientados por um profissional de educação física<sup>6</sup> e que atuam na Praça dos Girassóis está fundamentada em teóricos que baseiam seus estudos a partir da noção de cultura<sup>7</sup>.

Após esse prólogo, cujo objetivo foi conhecer os elementos presentes no título da tese, apresentam-se, adiante, a escolha do tema, o problema de pesquisa, o pressuposto, os objetivos: geral e específicos, e, brevemente, a metodologia utilizada.

## **1.2. Elementos da tese**

A escolha das atividades físicas como tema de investigação desta tese ocorreu em 2017, após exibição, no jornal local<sup>8</sup>, dos dados da pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (MS), intitulada Vigilância dos fatores de risco para doenças crônicas por inquérito telefônico (VIGITEL), a qual destacou o resultado alcançado por Palmas em relação aos percentuais de sobrepeso e hipertensão arterial. A matéria foi gravada na Praça dos Girassóis e contou com a seguinte chamada: “De acordo com os dados do Ministério da Saúde, Palmas é a capital mais magra do Brasil” (JORNAL ANHANGUERA, 2017). Ao referir-se a Palmas como a capital mais magra do Brasil<sup>9</sup>, a imprensa local reforçou o mecanismo de normalização<sup>10</sup> presente na teoria do

---

<sup>6</sup> Graduação de Educação Física.

<sup>7</sup> Por Cultura, Denys Cuhe (2012, p. 10) apresenta como sendo o “instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizadas dos comportamentos humanos” revelando-se como construções culturais.

<sup>8</sup> TV-Anhanguera e G1- Tocantins.

<sup>9</sup> De acordo com o noticiário jornalístico, o dado da VIGITEL refere-se ao período de 2006 a 2016.

<sup>10</sup> “[...] o elemento que circula entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os

biopoder, o controle do corpo, mediante dados da VIGITEL, que na análise desta tese faz referência à valorização do estereótipo do corpo magro<sup>11</sup>.

Os indicadores<sup>12</sup> criados pela VIGITEL compreendem biopolíticas, cujo objetivo é controlar a população no que se refere a: i) doenças crônicas; ii) excesso de peso e obesidade<sup>13</sup>, iii) álcool e iv) hábitos saudáveis (BRASIL, 2006-2019). A biopolítica, de acordo com Foucault (1999, p. 293),

[...] vai se tratar, sobretudo, é claro, de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais; vai se tratar, igualmente, não de modificar tal fenômeno em especial, não tanto tal indivíduo, na medida em que é indivíduo, mas, essencialmente, de intervir no nível daquilo que são as determinações desses fenômenos gerais, desses fenômenos no que eles têm de global [...]

Dessa forma, a aplicação da VIGITEL, no que se refere ao controle do peso, atua no processo de normalização do corpo devido ao estabelecimento de indicadores de normalidade; a imprensa local, na mesma direção, atua no controle da população ao apresentar imagens do corpo idealizado (magro), revelando que o poder sobre o biológico é mais exercido que possuído<sup>14</sup>, conforme sinaliza Foucault (1987).

A sistematização de 10 anos (2006 a 2016) da VIGITEL em relação aos hábitos da população das capitais brasileiras trouxe que Palmas, a capital do Estado do Tocantins, se destacou no item “ii excesso de peso e obesidade<sup>15</sup>” por apresentar o menor percentual (47,7%), como pode ser observado na Figura 1, a seguir.

acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a ‘norma’. A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto à população que se quer regulamentar [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 302).

<sup>11</sup> De acordo com Goellner (2008, p.251), o corpo valorizado socialmente é o magro: “Seja magra! Faça ginástica! Conquiste a beleza autêntica por meio de hábitos saudáveis!”.

<sup>12</sup> “Os indicadores monitorados pelo VIGITEL compõem o módulo fixo do sistema e analisam os aspectos relativos a: hábito de fumar, presença de excesso de peso ou de obesidade, características do **padrão de alimentação** e da **atividade física**, consumo abusivo de bebidas alcoólicas, auto avaliação do estado de saúde, referência a diagnóstico médico de hipertensão arterial, diabetes” (BRASIL, 2009, p. 24, grifo nosso).

<sup>13</sup> De acordo com Sant’Anna (2014, p. 9) “a obesidade foi declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2005. Evidentemente, as indústrias farmacêuticas têm um enorme interesse nessa declaração. Se há uma pandemia da obesidade, divulgada de modo espetacular pelos meios de comunicação de massa, ela não ocorreu sem provocar outra: trata-se de uma pandemia das dietas. E o dever destas recaiu às mulheres”.

<sup>14</sup> Foucault (1987, p. 63): “vigilados em todos os seus pontos [...] onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados [...] onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado entre os vivos, os doentes e os mortos”.

<sup>15</sup> O cálculo que define o “excesso de peso” é obtido mediante a utilização do Índice de Massa Corporal (IMC). O indicador de normalidade considera o peso *versus* altura. Por meio de uma avaliação nutricional, obtém-se o cálculo do IMC, da Circunferência da Cintura (CC) e do Percentual de Gordura Corporal (PGC). Estes três elementos são utilizados pelos profissionais de saúde para classificação do peso da população em normal e anormal (PEREIRA; HARAGUCHI, 2015).

Figura 1 - Percentuais de excesso de peso da população das capitais brasileiras



Fonte: Vigitel (2016).

Adotou-se o período de 2006 a 2016 como delimitação temporal deste estudo pela publicação de 10 anos da sistematização dos dados referente aos fatores de risco às doenças crônicas não transmissíveis pela VIGITEL, como argumento para construção social do ideal de corpo a ser perseguido pela população das capitais brasileira, incluído Palmas. Quanto à delimitação espacial da pesquisa, toma-se como objeto de análise a Praça dos Girassóis, localizada em Palmas, Estado do Tocantins, mesmo local escolhido pela imprensa local para dar publicidade aos resultados da pesquisa, no ano de 2017.

A utilização da Praça dos Girassóis, como sendo um lugar que oferece visibilidade para quem realiza atividade física, pôde ser problematizada, neste estudo de tese, à luz da teoria do panóptico, justificando a escolha do título “o olho que tudo vê”, visto que a visibilidade é um elemento importante para o controle do corpo (FOUCAULT,1987), como a que ocorre durante as atividades físicas.

O pressuposto é que os mecanismos de vigilância e controle influenciam na decisão de realizar atividade física, procurando garantir a manutenção da ordem binária, mediante o reforço das características físicas que validam as construções culturais determinantes para marcação de diferenças entre mulheres e homens.



Além disso, a reflexão desenvolvida buscou evidenciar que a Praça dos Girassóis compreende não só um local de vigilância e controle do corpo, mas, sobretudo, de sociabilidades, com significados diferentes para as mulheres e para os homens, como será apresentado ao longo do estudo.

Para o desenvolvimento da tese estabeleceu-se como objetivo geral analisar as razões que levaram mulheres e homens a realizar atividades físicas na Praça dos Girassóis, em Palmas, Tocantins. Para tanto, delinearam-se quatro objetivos específicos, a saber: 1. analisar os mecanismos de controle do corpo; 2. refletir sobre o comportamento das mulheres e dos homens que realizam atividades físicas; 3. realizar uma analogia entre a arquitetura panóptica e a Praça dos Girassóis; 4. identificar os fatores que levaram a sociabilidade do lugar.

Para o alcance desses objetivos, decidiu-se pela utilização da metodologia de história oral dada a possibilidade de outros olhares sobre Palmas, diferente de Reis (2015) e Oliveira (2016). Conforme Freire (2006, p. 116), “[...] a história oral possibilita diferentes versões sobre o mesmo fato”, este aspecto reforça a importância da adoção da metodologia de história oral, visto que, ao privilegiar as narrativas, cria-se espaço para a construção de outras histórias.

As histórias que versam sobre a Praça dos Girassóis sinalizaram para um aspecto importante: a de que ela pode ser pensada não apenas como uma obra arquitetônica idealizada pelos seus criadores, mas, também, como um lugar praticado, em que as sujeitas e os sujeitos vivenciam experiências no uso cotidiano da realização de atividades físicas. Isso possibilitou a construção de outras histórias sobre o lugar, como a que aqui foi proposta.

Pensar a Praça dos Girassóis para além da sua arquitetura só foi possível mediante a análise da subjetividade presente nas motivações que levaram mulheres e homens a realizar atividades físicas nesse lugar. Importante ressaltar que a narrativa de história oral é sempre resultado de um processo dialógico entre a pesquisadora e sua fonte, por esta razão “[...] depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogo e relações pessoais” (PORTELLI, 1997, p. 35), e depende em igual medida, do que a entrevistada ou o entrevistado narra e do que será interpretado pela pesquisadora. A interpretação não pode ser baseada simplesmente nos fatos narrados, mas, sobretudo, nos significados que eles possuem, os quais, por sua vez, dependem da lupa teórica adotada no estudo.

A história oral tem na narrativa o seu principal elemento de análise dando maior atenção aos significados dos eventos narrados do que aos eventos em si. Esse aspecto pode ser evidenciado mediante uma característica da memória que é a seleção dos eventos significativos, visto que, como destaca Portelli (1997, p. 33), a memória “não é um depósito passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significados”.

As entrevistadas e os entrevistados contam não apenas o que fizeram, “mas o que queria[m] fazer, e o que acreditava[m] estar fazendo e o que agora pensa[m] que fez” (PORTELLI, 1997, p. 31). A este respeito o historiador Losandro Antonio Tedeschi (2014, p. 37) esclarece que as “memórias se constroem e se organizam, na vontade de incursionar o sentido das vivências do passado no propósito de expô-las seletivamente, publicamente e coerentemente narradas para dar conta da trajetória de vida da pessoa em sociedade”. Essa é uma característica importante para a escolha da metodologia de história oral, visto que é na subjetividade dos fatos narrados que os objetivos desta investigação foram alcançados. A seguir, alguns aspectos da história da criação de Palmas que foram úteis para a análise do fenômeno referente à decisão de mulheres e de homens em realizar atividades físicas nas áreas públicas ao ar livre.

### **1.3. Palmas: um olhar sobre a cidade**

Palmas, a capital do Estado do Tocantins, fundada em 1989, foi à última cidade planejada<sup>16</sup> do Brasil, no século XX. De acordo com José Manoel Miranda de Oliveira (2015), a criação de Palmas remete a um tempo “zero”, ou seja, representa uma cidade que passou a existir a partir da intenção de seus criadores e/ou construtores. Nesse sentido, para que uma cidade fosse construída nessas condições foram necessárias duas atitudes por parte do governo vigente: a primeira foi a de transformar espaços privados em públicos<sup>17</sup>, desapropriando terras de particulares em favor do Estado; e a segunda consistiu no movimento inverso, o poder público transformou os

---

<sup>16</sup> De acordo com Marcelo Lopes de Souza (2006), “o estabelecimento de um plano inicial e a ação em conformidade com esse plano [...] é uma definição aproximada do que seja o planejamento urbano ou qualquer outro [...]”.

<sup>17</sup> Seja por meio de doação, negociação ou desapropriação (OLIVEIRA, 2015).

espaços públicos em espaços privados (OLIVEIRA, 2015) ao negociar com empresários do ramo imobiliário obras públicas em troca de lotes (BAZZOLI, 2019).

Essas ações representam os interesses “no processo de consolidação do poder local e de reprodução do capital fundiário e imobiliário emergente, que contribuíram para o desvirtuamento do projeto original e orientaram a produção de uma cidade desordenada e social e espacialmente fragmentada” (BESSA, 2017, p, 500).

O desenho urbano de Palmas destinou áreas distintas para o comércio e para as residências, o que explica em parte a decisão pelo modelo cartesiano de divisão do espaço no seu desenho. Todavia, de acordo com as urbanistas Patrícia Orfila Barros dos Reis (2015) e Lucimara Albieri de Oliveira (2016), esse modelo resultou no esvaziamento das vias públicas devido às longas distâncias a serem percorridas, aliadas ao forte calor característico desta região<sup>18</sup>. Tal crítica sustenta-se nos estudos da arquiteta Jane Jacobs (2003) e dos arquitetos Jean Gehl (2013) e Jeff Speck (2016) que defendem o uso diversificado dos espaços na prática cotidiana, visto que “a mistura de casas residenciais, lojas, escritórios e empresas torna os espaços urbanos vias ocupadas, locais para perambular e para desenvolver várias atividades ao longo do dia” (IVERSEN, 2011, p. 132).

Os problemas decorrentes da separação dos espaços, de acordo com Reis (2015), fizeram com que as pessoas enxergassem a imagem da “cidade a uma velocidade que as impede de ‘experimentar’ e de vivenciar o meio urbano como sujeito caminhante”. Esse aspecto, para Oliveira (2016), acontece em decorrência da cidade não ser convidativa à circulação de pessoas na condição de pedestre.

De acordo com Reis (2015, p. 172), outra crítica ao desenho urbano de Palmas está relacionada à presença de praças, tanto às presentes na área comercial quanto na residencial. Como apontado pela autora, “as praças urbanas de Palmas são espaços verdes, a maioria urbanizados e pouquíssimos frequentados pela população; são espaços estéreis e caros para a cidade”. Em particular, a Praça dos Girassóis, fica vazia a maior parte do tempo, “sendo utilizada prioritariamente como local de passagem (preferencialmente em suas bordas) [...] para caminhada [...] no horário

---

<sup>18</sup>O clima tocantinense é tropical e é caracterizado por seco e pela presença de duas estações no ano bem definidas: inverno (quente e chuvoso) e verão (quente e seco).

noturno em decorrência das altas temperaturas típicas da região” (OLIVEIRA, 2016, p. 221). O termo “lugar de passagem” é a explicação que Marc Augé (2012) atribui ao “não lugar”, corresponde aquele espaço que não produz relação de afeto - onde as relações são efêmeras e que não produzem vínculos históricos-identitários.

O lugar, a Praça dos Girassóis, pesquisado por Reis (2015) e Oliveira (2016), e que na leitura de Augé (2012) corresponde ao não lugar, passa a maior parte do tempo vazio e sem utilização. Esse mesmo lugar, a Praça dos Girassóis, objeto deste estudo de tese, foi analisado no contexto do uso para a realização de atividades físicas, sendo entendido como o lugar antropológico de Augé (2012) e como espaço antropológico, conforme Michel de Certeau (2008). A praça se torna um lugar antropológico considerando o uso cotidiano e as experiências significativas que são vivenciadas pelas pessoas que usam o local. Vale ressaltar que as relações desenvolvidas neste local tiveram, antes, uma motivação, o biopoder (FOUCAULT, 1999), que é um poder que têm no corpo o seu interesse, mas não se restringe a esta motivação, expandiu e desenvolveu sociabilidades.

Os diferentes usos da cidade permitem que ela seja observada sob diferentes perspectivas. Dessa forma, foi realizada uma revisão de literatura sobre Palmas, na qual se identificou uma variedade temática que vem se avolumando ao longo dos anos, sendo que um aspecto convergente entre estes estudos<sup>19</sup> está relacionado à crítica ao desenho urbano da cidade. Verificou-se que nenhum trabalho apresentou proposta semelhante ao que se propõe neste estudo de tese, que é analisar a Praça dos Girassóis a partir do seu uso para a realização de atividades físicas.

Todavia, foi possível identificar dois estudos que abordaram o tema das atividades físicas realizadas nas áreas públicas ao ar livre de Palmas como o estudo

---

<sup>19</sup> Para a elaboração desta revisão de literatura foi utilizado o banco de teses e dissertações da CAPES/MEC, cujos dados consultados referem-se a trabalhos de teses e dissertações acadêmicas defendidas. Para a busca foi utilizada a palavra “Palmas”. Aplicando inicialmente o filtro, doutorado e mestrado acadêmico, o resultado foi de 188 teses e 1.289 dissertações. Os anos de ocorrência destes trabalhos foram: 2018, 2017, 2014, 2012, 2010. No campo referente à grande área do conhecimento, aplicamos o filtro de áreas: ciências humanas, com 146 trabalhos; ciências aplicadas com 139 trabalhos e multidisciplinar com 421 trabalhos. No que se refere à área de concentração, aplicamos o filtro selecionando a área de desenvolvimento regional com 79 trabalhos e desenvolvimento sustentável com 6 trabalhos. Destes trabalhos, realizamos a leitura dos títulos, dentre os quais selecionamos para leitura do resumo 2 teses e 25 dissertações. Dessas, foram lidas integralmente as teses de Reis (2015) e Oliveira (2015) e as dissertações de Erica Emi Takahashi (2018), Edisselma dos Santos Alecrim (2015) e Soares (2017), sendo que nenhum destes estudos apresentou proposta semelhante ao que se propõe neste estudo de tese.

de Claudia Resende Alves Souza (2018), que trata sobre os fatores motivacionais relacionados à prática de corrida de rua por corredores amadores na cidade de Palmas. Entre os resultados alcançados, apontou-se a busca pela “saúde” como principal motivação da prática; e o estudo realizado Júlio César Batista dos Santos (2019), que analisou a utilização do Parque dos Povos Indígenas para a realização de atividades físicas, cujo resultado evidenciou que as características ambientais do Parque favorecem o comportamento fisicamente ativo das pessoas que frequentam o local.

## **PARTE II - PERCURSO METODOLÓGICO**

Para além do ponto de partida e de chegada, está o meio do caminho. Nesta tese, o meio do caminho compreende o percurso metodológico, encarregado de detalhar o que foi executado ao longo da pesquisa. A esse respeito, tem-se: a pesquisa exploratória; a submissão ao Comitê de Ética; a definição da metodologia e das fontes (fonte oral, fonte documental, fonte fotográfica); a descrição das sujeitas e dos sujeitos da investigação; o detalhamento da realização das entrevistas de história oral; do processo de transcrição e da análise e interpretação das narrativas.

### **2.1. Pesquisa Exploratória**

Armando Piovesan e Edméa Rita Temponini (1995) definem pesquisa exploratória como sendo o estudo preliminar realizado com a finalidade de conhecer o objeto de estudo<sup>20</sup>. Essa foi uma estratégia utilizada para entender as razões que levaram as pessoas a realizar atividades físicas ao ar livre em Palmas.

A pesquisa exploratória procurou identificar os locais mais utilizados para a realização dessas atividades em Palmas, sabendo que esses lugares (localização) não são fixos, estão em constante movimento, visto que, à medida que os locais recebem infraestrutura, a população residente nas proximidades se apropria dos espaços, passando a realizar atividades físicas nesses locais, em detrimento de outros mais distantes, mesmo que com uma infraestrutura melhor. O uso do espaço

---

<sup>20</sup> A partir do significado e contexto social onde a pesquisa está inserida (PIOVESAN; TEMPONINI1995).

para a realização de atividades físicas modifica a paisagem e altera o cotidiano da população em relação ao espaço, como tem acontecido com os locais que estão sendo estruturados para a realização de atividades físicas.

Além do estudo dos lugares praticados ou lugares não praticados (AUGÉ, 2008) existentes em Palmas, também foi realizado um trabalho de observação participante<sup>21</sup> dos grupos que se reuniam na Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas. Observou-se que, além dos locais com infraestrutura para a realização de atividades físicas, outros tantos passaram a ser utilizados pela população para a realização dessas atividades<sup>22</sup>.

A atividade de observação dos grupos de treinamento funcional<sup>23</sup> durou aproximadamente três meses: outubro, novembro e dezembro de 2018. A observação, parte da pesquisa exploratória, foi realizada concomitantemente à seleção e leitura do referencial teórico que daria sustentação ao estudo. Essa escolha metodológica contribuiu para os resultados da pesquisa em dois sentidos: a leitura do referencial teórico possibilitou um olhar mais atento em relação ao objeto investigado e as observações do objeto empírico proporcionaram um olhar mais qualificado sobre as produções acadêmicas que dariam sustentação à tese.

Também foram realizadas algumas entrevistas exploratórias, buscando conhecer sobre o desenvolvimento das atividades físicas em Palmas. Sobre esse procedimento, o historiador Paul Thompson (2002) o denomina como sendo a melhor maneira de dar início ao trabalho, visto que a entrevista exploratória permite colher ideias e informações, resultando no mapeamento do campo.

Foram realizadas duas entrevistas<sup>24</sup> com o objetivo de conhecer melhor o trabalho desenvolvido pelos profissionais de Educação Física. A primeira com Diana<sup>25</sup> (profissional de educação física) e a segunda com Dionísio<sup>26</sup> (Diretor de Esporte da

---

<sup>21</sup> Neste estudo, entende-se por observação participante a coleta de dados por parte do pesquisador, mediante a sua participação do grupo “observando as pessoas e seu comportamento em situações de sua vida cotidiana” (LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999, p.132).

<sup>22</sup> Este tema se mostra uma possibilidade de trabalhos futuros, já iniciados, porém não será contemplado neste estudo de tese.

<sup>23</sup> Entende-se por treinamento funcional uma intervenção baseada em exercícios físicos que objetiva a melhora no desempenho nas tarefas cotidianas (TEIXEIRA, 2014, p. 272).

<sup>24</sup> Em virtude do sigilo, foram adotados nomes fictícios para as entrevistadas e os entrevistados, conforme será detalhado no tópico 2.3.1.

<sup>25</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 11 de novembro de 2018.

<sup>26</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 21 de agosto de 2018.

Fundação Municipal de Esporte, gestão 2018). Além disso, com o objetivo de aperfeiçoar o roteiro de entrevistas, foram realizadas entrevistas com três mulheres que realizavam atividades físicas são elas: Minerva<sup>27</sup> (esportista); Vênus<sup>28</sup> (esportista) e Cibele<sup>29</sup>(esportista). Ao todo foram realizadas 5 (cinco) entrevistas exploratórias.

## **2.2. Comitê de ética**

O então projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins, em 2019 mediante cadastro no Sistema da Plataforma Brasil, em conformidade com a Resolução nº 510/2016, art. 1º que disciplina sobre a necessidade de parecer em pesquisas que adotam “[...] procedimentos metodológicos que envolvam a utilização de dados obtidos diretamente com os participantes [...]” (BRASIL, 2016).

O projeto foi cadastrado na plataforma Brasil no dia 13/09/2019, conforme comprovante de recebimento nº 117487/2019; Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 20699619.1.0000.5519 (vide Anexo 1), e parecer consubstanciado de aprovação nº 3.678.103, emitido no dia 04/12/2019 (vide Anexo 2).

A aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em 2 de novembro de 2019 possibilitou o andamento das atividades, dando-se início à fase de realização da pesquisa empírica, com a realização das entrevistas de história oral, como consta na exposição do próximo tópico.

## **2.3. Metodologia de história oral**

De acordo com Tedeschi (2014, p. 9), a metodologia de história oral consiste em “realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea”.

---

<sup>27</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 11 de novembro de 2019.

<sup>28</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 12 de novembro de 2019.

<sup>29</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 08 de novembro de 2019.

A decisão pela metodologia de história oral se sustenta no pressuposto antológico que orienta diálogo entre teoria e metodologia (ALENCAR, 2007). Nesse sentido, o ponto de convergência entre teoria e metodologia é a subjetividade, ou seja, o que se busca nesta investigação é analisar a influência<sup>30</sup> do biopoder no comportamento das pessoas em relação ao corpo, materializada no ato de realizar atividades físicas, bem como nos seus desdobramentos, que corresponde à sociabilidade do lugar.

A metodologia de história oral, mediante o olhar atento da pesquisadora, possibilitou a percepção dos aspectos subjetivos, manifestos de diferentes formas: no comportamento, nas escolhas, nos gestos, nos fatos narrados e na velocidade do discurso e suas variações. Esse é um aspecto importante, haja vista que esta pesquisa analisa a vigilância e o controle do corpo no contexto cotidiano da cidade.

Portelli (1997) adverte que a velocidade da narração é a forma que o narrador tem de manifestar suas intenções. Nesse sentido, as fontes orais revelam a subjetividade do expositor, elas contam “não apenas o que o povo faz, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que faz” (PORTELLI, 1997, p. 29).

O referencial teórico-metodológico escolhido para este estudo busca compreender como os mecanismos do biopoder influenciaram na decisão de realizar atividades físicas, bem como resultaram na sociabilidade do lugar. Para tanto, leva-se em consideração os aspectos do comportamento da população de Palmas em relação à realização de atividades físicas na Praça dos Girassóis.

O biopoder, teoria que norteia esta investigação, pressupõe a ideia de controlar o corpo, atua no convencimento da população em relação aos comportamentos sociais e culturais materializados no corpo que podem ser perceptíveis à metodologia de história oral ao considerar a subjetividade presente nas narrativas.

---

<sup>30</sup> “[...] a noção de influência, que fornece um suporte - demasiado mágico para poder ser bem analisado - aos fatos de transmissão e de comunicação; que atribui a um processo de andamento causal (mas sem delimitação rigorosa nem definição teórica) os fenômenos de semelhança ou de repetição; que liga, a distância e através do tempo - como por intermédio de um meio de propagação” (FOUCAULT, 2008, p. 24).



As fontes orais podem evidenciar comportamentos tanto de natureza individual<sup>31</sup> quanto social<sup>32</sup> (FREIRE, 2006). De acordo com Maurice Halbwachs (2013), as experiências narradas são únicas, pois levam em consideração a trajetória de vida de cada sujeita e sujeito. Interpretá-las, exige a escolha de uma metodologia capaz de capturar esta subjetividade. Nesse sentido, o significado das experiências vividas pelas pessoas revela como o biopoder disciplinou o olhar sobre o corpo, influenciando no julgamento, nas escolhas e no comportamento.

Dessa forma, por meio da metodologia de história oral, busca-se identificar evidências de como os mecanismos de vigilância e controle do corpo influenciaram as sujeitas e os sujeitos que realizam atividades físicas nas áreas públicas ao ar livre de Palmas.

A história oral é uma metodologia capaz de organizar uma vasta gama de experiências, quer real ou imaginária, uma vez que cada sujeita e cada sujeito percebem os eventos à sua maneira, abrindo um leque de possibilidades para refletir sobre a ação do biopoder no contexto da realização de atividades físicas na Praça dos Girassóis em Palmas.

Outro ponto importante é que a metodologia de história oral permite identificar os comportamentos que são tanto sociais quanto individuais. Apesar do comportamento relacionado à realização de atividades físicas não ser restrito a Palmas, o que pressupõe ser um comportamento social, ele depende das escolhas pessoais, correspondendo a um comportamento individual, visto que depende das escolhas de cada uma e cada um. A trajetória de cada sujeita e cada sujeito é única, suas escolhas são influenciadas tanto pelo comportamento social quanto individual. Pressupõe, portanto, escolhas que vão se configurando ao longo da vida (GONZALEZ REY, 2016). Tal aspecto do comportamento social e individual da população de Palmas, perceptível à metodologia de história oral, pode ser explicado, como segue:

[...] esta miríade de diferenças individuais nada mais faz do que lembrar-nos que a sociedade não é um dado geometricamente uniforme como nos é representada [...] parecendo mais um mosaico [...] em que cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença (POTELLI, 1996, p. 67).

---

<sup>31</sup> Faz referência às experiências de vida que compõe a trajetória de cada sujeita e cada sujeito.

<sup>32</sup> Faz referência a todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente.

Interpretar as narrativas das sujeitas e dos sujeitos que realizam atividades físicas em Palmas, à luz do biopoder, implica considerar que cada sujeita e cada sujeito é autora e autor de suas próprias histórias, que ao serem narradas passam a ser compreendidas como construções históricas, visto que elas são importantes para quem narra (POTELLI, 1997).

De acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy (1996), há três modalidades de história oral: a história de vida, a história temática e a tradução oral. A este respeito Verena Alberti (2013) descreve que a história temática é apropriada quando a participação da pessoa entrevistada versa sobre um determinado tema, como é o caso desta investigação. Sendo assim, as sujeitas e os sujeitos foram convidados a narrar sobre as atividades físicas realizadas na Praça dos Girassóis em Palmas -TO.

Para a realização da entrevista de história oral na modalidade de história temática foi utilizado um roteiro organizado com perguntas abertas e não diretivas, elaborado de modo a evitar respostas prontas e ao mesmo tempo incentivar a produção de narrativas sobre o tema proposto (vide Apêndices 1 e 2). De acordo com Thompson (2002, p. 257), a entrevista deve ser “uma ‘conversa’ livre em que a ‘pessoa’, o ‘portador-de-tradição’, a ‘testemunha’, ou o ‘narrador’ é convidado a ‘falar’ sobre um assunto de interesse comum”, como será discutido no item seguinte.

### **2.3.1. Realização das entrevistas**

Fizeram parte deste estudo profissionais de educação física e esportistas. Como critério de inclusão, estabeleceu-se que as entrevistadas e os entrevistados deveriam ser profissionais de educação física e pessoas que realizam atividades físicas orientadas por profissionais de Educação Física na Praça dos Girassóis<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Este critério foi estabelecido devido à centralidade que a Praça exerce no desenho urbano de Palmas e por não ter sido projetada para esta finalidade. Tal situação pode evidenciar a presença dos mecanismos do biopoder na escolha tanto pelas pessoas que utilizam a praça para atividades físicas quanto pelos profissionais que utilizam a praças para fins econômicos.

No perfil de profissional de educação física<sup>34</sup> foram entrevistados 4 (quatro) pessoas, sendo 3 (três) homens e 1 (uma) mulher. No perfil de esportistas,<sup>35</sup> foram entrevistados 12 (doze) pessoas, sendo 9 (nove) mulheres e 3 (três) homens.

O quantitativo de pessoas entrevistadas nesta investigação é justificado por Lucilia Delgado (2004, p. 286) ao afirmar que o número de entrevistados “[...] deve ser tal que acumule uma quantidade de material que permita comparações, a fim de se destacarem convergências e divergências”.

No que se refere ao quantitativo de entrevistas, tem-se que para a metodologia de história oral ser validada é necessário obter “instrumental suficiente para [...] construir uma interpretação bem fundamentada” (ALBERTI, 2010, p. 174). Nesse aspecto, tem-se que as entrevistas de história oral realizadas possibilitaram a análise dos mecanismos do biopoder, das relações de gênero, da vigilância sobre o corpo e da sociabilidade do lugar, permitindo, assim, o alcance dos objetivos propostos à metodologia, neste estudo.

Para preservar o sigilo<sup>36</sup> das entrevistadas e dos entrevistados<sup>37</sup>, foram-lhes atribuídos nomes fictícios. Para tanto, utilizaram-se os nomes dos deuses da mitologia greco-romana<sup>38</sup>, em virtude da preocupação que esses dois povos tinham com o corpo. Para as mulheres, adotou-se o nome das deusas romanas: Carmenta<sup>39</sup> (esportista); Ceres<sup>40</sup> (esportista); Diana<sup>41</sup> (profissional de educação física); Flora<sup>42</sup> (esportista); Juno<sup>43</sup> (esportista); Telure<sup>44</sup> (esportista); Vesta<sup>45</sup> (esportista) e para os homens utilizou-se o nome dos deuses gregos: Apolo<sup>46</sup> (esportista); Eros<sup>47</sup>

---

<sup>34</sup> 3 homens e 1 mulher se refere à quantidade de profissionais que atuavam regulamente na Praça dos Girassóis no período em que foram providenciados os documentos de autorização para realização da pesquisa que compôs o processo encaminhado ao Comitê de Ética.

<sup>35</sup> Esta quantidade faz referência às pessoas que aceitaram o convite para realizar a entrevista de história oral.

<sup>36</sup> O sigilo foi uma recomendação do Conselho de Ética.

<sup>37</sup> Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora: Jeany Castro dos Santos.

<sup>38</sup> Inspirado em Simon Goldhell ( ) quando descreve o quanto a cultura greco-romana influencia nossas vidas até hoje.

<sup>39</sup> Entrevista realizada em 19 de dezembro de 2019.

<sup>40</sup> Entrevista realizada em 12 de novembro de 2019

<sup>41</sup> Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2020.

<sup>42</sup> Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2019.

<sup>43</sup> Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2019.

<sup>44</sup> Entrevista realizada em 13 de novembro de 2019.

<sup>45</sup> Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2019.

<sup>46</sup> Entrevista realizada em 19 de dezembro de 2019.

<sup>47</sup> Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2019.

(profissional de educação física); Zeus<sup>48</sup> (esportista); Ares<sup>49</sup> (esportista); Hermes<sup>50</sup> (profissional de educação física); Poseidon<sup>51</sup> (profissional de educação física).

A princípio, pensaram-se apenas nos nomes das deusas e deuses gregos, pela estreita relação com o esporte, todavia a quantidade de deusas gregas era insuficiente para representar a quantidade de mulheres entrevistadas, por esta razão atribuíram-se, aos homens, o nome dos deuses gregos e às mulheres, os nomes das deusas romanas.

As entrevistas ocorreram<sup>52</sup> na Praça dos Girassóis, em comum acordo com as entrevistadas e os entrevistados, considerando que a entrevista deve ser realizada em “um lugar em que o informante se sinta à vontade” (THOMPSON, 2002, p. 265). O local da entrevista, portanto, configurou-se numa forma de estimular as entrevistadas e os entrevistados a falar sobre o tema proposto - a atividade física, visto que é na Praça dos Girassóis que essas atividades são realizadas.

Várias são as estratégias que podem ser utilizadas para estimular a entrevistada e o entrevistado a falar, como exemplificado por Thompson (2002): “recorte de jornal”, “fotografias”, “diários”, entre outros. Para o autor o “entrevistado vê o objeto e, se você [a entrevistadora] escolheu bem, ele não precisa de nenhum estímulo para se abrir”. Foi o que aconteceu com as entrevistas de história oral realizada nesta investigação, no que se refere a escolha das praças. A escolha da Praça dos Girassóis como local da entrevista permitiu às entrevistadas e aos entrevistados narrarem sobre as suas experiências.

Ao serem convidadas e convidados a narrar sobre o tema, as entrevistadas e os entrevistados falaram sobre as várias experiências ocorridas no contexto da atividade física realizada na Praça dos Girassóis. Como afirma Delgado (2010, p. 31), o local da entrevista, na metodologia de história oral, é um aspecto importante para garantir o estímulo à fala, pois “estimular é reativar o diálogo do presente com o passado” e, nesse sentido, Freire (2006, p. 96) ressalta que o lugar escolhido para a entrevista representa um encontro com o passado. Observou-se que as entrevistadas

---

<sup>48</sup> Entrevista realizada em 20 de dezembro de 2019.

<sup>49</sup> Entrevista realizada em 12 e novembro de 2019.

<sup>50</sup> Entrevista realizada em 7 de janeiro de 2020.

<sup>51</sup> Entrevista realizada em 20 de dezembro de 2019.

<sup>52</sup> Vale ressaltar que apenas duas das entrevistas ocorreram no local de trabalho da/o entrevista/o, a pedido da/o entrevistada/o, sendo as duas em conformidade com as medidas de sigilo orientadas pelo Comitê de Ética.

e os entrevistados, ao narrarem suas histórias, evidenciaram os eventos que foram importantes e mereceram ser lembrados. Para este estudo de tese, isso representa outras possibilidades de contar a história de Palmas, diferente da narrada por Reis (2015) e Oliveira (2016).

A escolha pela metodologia de história oral pressupõe alguns cuidados, como é o caso da relação da pesquisadora com a sua fonte. Esse aspecto, de acordo com Alberti (2010, p. 171), influencia no resultado da entrevista, pois “o que o[a] entrevistada[a] fala também depende da circunstância da entrevista e do modo pelo qual ele [ela] percebe o seu interlocutor”. A historiadora Sônia Maria de Freitas (2006, p. 75) adverte que o entrevistador ou entrevistadora possui um papel importante na construção da narrativa, “[...] não é passivo e nem neutro, na medida em que, com suas perguntas, ele participa e dirige o processo da entrevista, prepara o roteiro, seleciona as perguntas e introduz questões e temas a serem abordados pelo entrevistado”. Todavia, durante a entrevista, a entrevistadora ou o entrevistador, de acordo com Thompsom (2002, p. 271), “[...] deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo alguns gestos de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias”.

O modelo de roteiro utilizado encontra-se em consonância com a afirmação de Freire (2006, p. 89) quando explica que a “aplicação dos roteiros nas entrevistas não é feita de forma rígida, uma vez que muitas questões vão surgindo naturalmente no discurso do depoente no transcurso da entrevista e, essas, às vezes, nos suscitam outras”. Foi o que aconteceu neste estudo, algumas perguntas foram realizadas, outras não foram necessárias, visto que as entrevistadas e os entrevistados já haviam narrado sobre o assunto. De acordo com Thompson (2002, p. 271), a entrevistadora deve “evitar de perguntar sobre uma informação que já tenha sido dada”. Importante ressaltar que surgiram situações em que perguntas não previstas no roteiro foram realizadas em decorrência da necessidade de se conhecer os detalhes de um determinado fato narrado.

De outra forma, conforme explica Freire (2006), a ausência de um roteiro comprometeria a investigação, pois uma entrevista sem roteiro tende a resultar em uma pesquisa sem os dados fundamentais para a investigação. Vale ressaltar que a entrevista de história oral, nesta pesquisa, não teve a preocupação de realizar todas as perguntas contidas no roteiro, pois interessava mais as experiências que marcaram

a vida destas pessoas no contexto da realização das atividades físicas na Praça dos Girassóis, do que atender a um roteiro de perguntas e respostas.

As narrativas apresentaram mais do que a pesquisadora esperava ouvir, outro aspecto importante presente na metodologia de história oral. De acordo com Freire (2006, p. 90), “o depoente nos introduz importantes questões não previstas no roteiro original”, revelando que as sujeitas e os sujeitos são agentes ativos de suas histórias.

Há que se pensar que o processo em que se desenvolve as atividades físicas em Palmas ocorreu de forma diferente para as mulheres e para os homens, seja pelos aspectos culturais, que orientam o olhar sobre o corpo da mulher e do homem; seja pela estrutura dos espaços, pela presença ou ausência de infraestrutura. Nesse sentido, as entrevistas de história oral possibilitaram uma análise dos aspectos culturais que permeiam o olhar sobre o corpo e sobre a cidade.

### **2.3.2. Fontes**

Freitas (2006, p. 80-81) leva em consideração o uso de variadas fontes na metodologia de história. Para a autora, o (a), “pesquisador[a] deve valer-se de todas as fontes disponíveis a fim de obter um quadro, o mais enriquecedor possível, do período ou tema em análise”. Sustentada nessa proposta, a presente investigação contou com o uso de fontes orais, documentais e fotográficas.

A decisão pelo uso de variadas fontes considera a particularidade desta investigação cujo objeto de análise está no campo da subjetividade. Sendo assim, é necessário perceber as divergências e convergências tanto nas fontes orais quanto escritas, quer sejam textos ou fotografias.

Importante ressaltar que a metodologia de história oral atribui centralidade às fontes orais, sendo que as outras fontes se configuram como uma medida ou escolha adotada para enriquecer a pesquisa. Nesse sentido, as outras evidências analisadas, fontes escritas documentais ou fotográficas, atuam como forma de evidenciar a presença ou ausência do fenômeno nas narrativas.

Neste estudo, as fontes orais visam responder ao questionamento que originou a investigação, a saber – identificar os mecanismos do biopoder que atuam de forma a influenciar na decisão de realizar atividades físicas, bem como nas relações de gênero que ora afirmam, e ainda nos mecanismos de vigilância que influenciam no cumprimento da norma, mas que, em alguma medida, questionam a norma presente

nas relações sociais e culturais, razões que possibilitaram a sociabilidade do lugar utilizado para a realização de atividades físicas.

Já a utilização do registro fotográfico<sup>53</sup> como fonte para análise foi uma escolha que teve como objetivo evidenciar o caráter massificante dos mecanismos do biopoder que resultaram no processo de apropriação das áreas públicas para a realização de atividades físicas. De acordo com Raimundo Nonato Lima dos Santos (2016), a fotografia traz consigo códigos culturais que revelam informações sobre os costumes de uma época, a transformação do espaço urbano, o cotidiano e as sociabilidades em âmbito público e privado.

O argumento utilizado por Demetrios Gomes Galvão (2009) para o uso da fotografia como fonte histórica diz respeito à possibilidade de análise a partir das imagens, visto que a fotografia permite compreender o que é visível e o que é invisível. Assim, o registro fotográfico dos espaços utilizados para a realização de atividades físicas em Palmas permitiu refletir sobre os aspectos subjetivos presentes no espaço físico que reportam aos mecanismos do biopoder, sendo esses direcionados ao controle do corpo quando colocados como um comportamento a ser seguido.

No caso da presente tese, julgou-se necessária a utilização das fontes fotográficas, visto que a participação das mulheres em atividades físicas é uma realidade recente no Brasil. Como afirma Silvana Vilodre Goellner (2006), até meados da década de 1990, muitas atividades esportivas eram proibidas por lei para as mulheres. Para Fabiano Pries Devide (2012), essa situação é decorrente do reforço da masculinidade<sup>54</sup> e para Jorge Dorfman Knijnik (2003), deve-se ao incentivo à feminilidade<sup>55</sup>.

As fontes documentais, como é o caso dos dados da VIGITEL, foram utilizadas por configurar-se como um mecanismo da biopolítica que busca controlar a população<sup>56</sup> de Palmas, tendo em vista que produz indicadores de saúde baseados

---

<sup>53</sup> As fontes fotográficas foram realizadas pela própria pesquisadora, a partir de um mapeamento dos principais espaços utilizados em Palmas para a realização de atividades físicas.

<sup>54</sup> De acordo com Devide (2012, p. 244), “o esporte ancorou valores como força, potência, velocidade e vigor físico, historicamente associado à masculinidade”.

<sup>55</sup> De acordo com Knijnik (2003, p. 64), “se a atividade irá, mesmo que por tempo limitado, ‘desarrumar’ os corpos, ameaçar sua fragilidade, desgastar suas energias ou tirar a sua graciosidade, deve ser rechaçada”.

<sup>56</sup> Os dados da VIGITEL busca gerar indicadores da população das capitais brasileiras no que se refere às Doenças Crônicas não Transmissíveis, o que pressupõe o controle do corpo no que se refere às

em dados como: o peso, a atividade física, a alimentação, o uso de drogas; tais aspectos foram considerados pela pesquisa como sendo Fatores de Risco para Doenças Crônicas não Transmissíveis.

De acordo com Freitas (2006), a história oral permite a confrontação entre as fontes orais e documentais, por esta razão optou-se por considerar os dados da VIGITEL em relação ao peso da população e a frequência com que realizam atividades físicas, aspectos intimamente ligados ao controle do corpo. Dessa forma, a utilização da fonte escrita corroborou com as fontes orais quanto à análise dos mecanismos do biopoder.

Importante ressaltar que as pessoas entrevistadas nem sempre se percebem envolvidas no contexto de cobrança. Elas acreditam estar realizando a atividade física por livre escolha. Por conta disso, surge a necessidade das fontes documentais, as quais evidenciam a presença do biopoder por meio da frequência ou ausência de determinado comportamento por parte da população, sendo essa uma influência social e cultural que molda as escolhas. A criação de indicadores de normalidade e anormalidade visa controlar o corpo por meio do peso e da frequência em que as atividades físicas são realizadas.

Obtiveram-se ainda, com o objetivo de identificar o perfil das entrevistadas e dos entrevistados, os dados socioculturais e econômicos, como: faixa etária<sup>57</sup>, estado civil<sup>58</sup>, renda<sup>59</sup>, raça<sup>60</sup>, escolaridade<sup>61</sup> e religião<sup>62</sup>. Esses dados permitem refletir sobre o alcance dos mecanismos do biopoder, a quem ele se destina, e em que medida sua ação é massificante.

A análise dessas fontes possibilitou reflexões que apontam a realização das atividades físicas como decorrentes do controle do corpo, sendo que o uso da Praça dos Girassóis vai além da influência do biopoder em relação a esse controle,

---

escolhas que podem levar a doenças, que na ótica do biopoder, é visto como uma forma de comprometer a vida.

<sup>57</sup> Faixa etária: 62% possuem entre 25 e 39 anos e 38% possuem entre 40 a 59 anos.

<sup>58</sup> Estado Civil: 67% são casados; 20% são solteiros e 13% são divorciados.

<sup>59</sup> Renda: 47% ganham de 5 a 10 salários-mínimos; 40% ganham de 10 a 15 salários-mínimos e 13% estão desempregados.

<sup>60</sup> Raça: 53% são pardas; 34% são negras; 13% brancas.

<sup>61</sup> Escolaridade: 69% superior completo; 19% pós-graduados; 12% superior incompleto.

<sup>62</sup> Religião: 50% são católicos; 31% são evangélicos e 19% são ateias.



permitindo outras configurações em relação aos gêneros. Possibilitou, ainda, perceber a interação entre as pessoas e dessas com o espaço mesmo com a vigilância do local.

Essas percepções só foram possíveis a partir das narrativas das sujeitas e dos sujeitos que viveram as experiências de realizar atividades físicas e de experienciar os espaços, numa relação que envolve afeto tanto com as pessoas quanto com o lugar.

### **2.3.3. Transcrição e análise das entrevistas de história oral**

A transcrição<sup>63</sup> e análise das entrevistas pressupõem um processo de audição que procurou estabelecer um diálogo possível entre as fontes (oral, documental, fotográfica) e o referencial teórico. A este respeito, Thompson (2002) orienta que a pesquisadora deve estar atenta às contradições e convergências entre as fontes e essas com o conhecimento teórico; adverte que quanto maior conhecimento teórico a pesquisadora possuir “mais provável é que se obtenham informações históricas importantes” (THOMPSON, 2002, p. 255). Ainda, o autor também orienta que as narrativas devam ser contextualizadas para situar historicamente os eventos narrados.

Vale ressaltar que o processo de transcrição e análise das entrevistas não foi linear, ou seja, da primeira à última entrevista, novos elementos de análise foram sendo identificados. Esse aspecto da metodologia de história oral se deve ao caráter relacional entre a pesquisadora e sua fonte, em que o protagonismo na entrevista é compartilhado com as sujeitas e os sujeitos do estudo, a saber, pois, se por um lado a entrevistadora possui uma posição privilegiada em relação à condução da entrevista, por outro, a entrevistada e o entrevistado narram sobre aquilo que é significativo para ela e para ele (PORTELLI, 1996), o que garante uma posição igualmente privilegiada.

O trabalho de transcrição das entrevistas, neste estudo, para além da transformação do áudio em texto, consistiu na construção da narrativa, pois contou

---

<sup>63</sup> Vale informar que a transcrição foi realizada pela própria pesquisadora, o que enriqueceu o processo de análise e interpretação das narrativas, pois o processo de audição possibilitou à pesquisadora reportar-se aos diferentes momentos da pesquisa, a saber de construção do referencial teórico e de realização das entrevistas.

tanto com a sujeita e o sujeito que narra quanto com a pesquisadora que, sustentada no referencial teórico, analisa e interpreta as narrativas. Esse processo considerou a audição das entrevistas; a transcrição das entrevistas; os apontamentos em forma de marcação e comentários, selecionando e seccionando os trechos entendidos como mais representativos e que apresentavam aspectos relevantes para a análise.

As fontes comportam o resultado de uma relação e de um encontro que foram trazidas à tese como diálogo entre a pesquisadora e as sujeitas e os sujeitos da investigação. Esse momento pode ser descrito como uma escrita livre, entendida como um exercício de autonomia da pesquisadora, em que o objeto empírico, observado à luz do referencial teórico e metodológico, responde à questão norteadora da investigação, haja vista que “o resultado de uma pesquisa de história oral irá depender da [...] sua base teórica” (FREIRE, 2006, p. 81).

Outro aspecto importante no processo de transcrição das entrevistas foram os “porquês”, perguntas que surgiram e que demandaram respostas. Algumas perguntas foram sendo respondidas à medida que novas entrevistas iam sendo transcritas; em outras, foi necessário retomar o referencial teórico e, assim, compreender melhor as questões inerentes ao contexto social e cultural em que a narrativa foi construída.

O processo de transcrição das primeiras entrevistas foi um trabalho mais rápido, todavia o das últimas, por conta da recorrência de alguns elementos, foi mais demorado. Na medida em que ocorriam as transcrições, as comparações entre uma entrevista e outra iam sendo realizadas e, assim, iam sendo identificados os consensos e as contradições.

Percebendo essa alteração no ritmo das atividades, sentiu-se a necessidade de retomar as primeiras entrevistas para verificar se a diferença estava no olhar da pesquisadora ao longo do processo de transcrição ou se era decorrente do processo de condução das entrevistas. Percebeu-se que as duas situações ocorreram, tanto houve mudança na condução das transcrições, dada as comparações que foram sendo possíveis, quanto houve mudança na condução das entrevistas em que o olhar da pesquisadora foi se tornando mais sensível, permitindo às entrevistadas e aos entrevistados narrarem livremente sobre o tema proposto.

O momento que foi denominado como escrita livre ficou marcado pela presença de marcações, comentários, separação por temática e por perfil das entrevistadas e dos entrevistados. Nos comentários, foi possível registrar a relação entre as falas delas e deles e as explicações encontradas na teoria para os eventos narrados. A este

respeito Freire (2006) destaca sobre a importância do arcabouço teórico e da decisão de atribuir maior importância ao conteúdo do que à forma.

Nas entrevistas realizadas com as e os esportistas, perceberam-se os momentos de empolgação ao narrarem sobre a interação desenvolvida pelo grupo, com destaque às narrativas das mulheres, pois os homens pouco falaram sobre esta possibilidade. O entusiasmo em participar das corridas de rua, tanto em relação ao desempenho quanto em relação aos próprios resultados, foi sentido nas falas de todas as entrevistadas e de todos os entrevistados. São esses sentimentos presentes nas narrativas, como “as emoções do narrador, sua participação na história e a forma pela qual a história o afetou” (PORTELLI, 1997, p. 29) que torna a história oral importante, permitindo que esta investigação alcance respostas ao problema proposto.

No que se refere às narrativas que versam sobre o corpo, observou-se o constrangimento que mulheres e homens demonstraram ao serem convidados a falar sobre a relação com o próprio corpo. Esse aspecto foi sentido tanto nas expressões corporais<sup>64</sup>, ao se contorcerem, mudarem de posição ou de assunto, quanto nas falas, seja pela repetição de palavras, seja pela dificuldade em conseguir formar frases, seja pela emissão de frases curtas, seja calando-se, como se convidasse a entrevistadora a fazer a próxima pergunta. De acordo com Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (2020, p. 3):

[...] a história oral como um método interessado não apenas na fala, mas no falar; não apenas nos conteúdos manifestos, mas nas formas e nas performances da narrativa oral; nas palavras que eles [entrevistados] escolhem, a cadência e o volume de sua fala, sua decisão de falar ou não no dialeto, o ritmo de sua narrativa; sem esquecer seus gestos, expressões faciais e movimentos físicos, [que] são um elemento intrínseco da comunicação e contribuem para a interpretação feita pelo ouvinte das palavras e de seu significado.

Nesse sentido, o encontro presencial de dois corpos é um aspecto importante da história oral, pois permite o envolvimento multissensorial entre os sentidos

---

<sup>64</sup> A importância do corpo a corpo durante a entrevista de história oral, especialmente neste período pandêmico (a Organização Mundial de Saúde (OMS) qualificou o COVID-19 como pandemia em março de 2020), tem sido tema de debate por parte das pesquisadoras e dos pesquisadores que utilizam esta metodologia. Sobre esse tema, Santhiago e Magalhães (2020) promovem uma reflexão sobre o lugar que o corpo ocupa na metodologia de história oral.

produzidos pelo corpo do emissor, que são perceptíveis ao corpo do receptor. Esse aspecto está presente na descrição da metodologia de história oral feita por Santhiago e Magalhães (2020, p. 3), que dizem: “[...] é por meio do corpo que a entrevista de história oral acontece [...] pelos ouvidos, que detectam e processam os sons produzidos pelo interlocutor; pelos gestos, aliados não verbais na expressão de sensações sentimentos, ideias e assim por diante”.

Um tema que as entrevistadas e os entrevistados demonstraram grande interesse em narrar foi sobre o momento destinado às fotografias, geralmente realizado ao final dos treinos. As entrevistadas e os entrevistados informaram que as imagens são utilizadas para publicações nas redes sociais, comumente acompanhadas de frases como: “Treino de hoje pago”, “Eu participei”, “Eu consegui”, entre tantas outras. Esse comportamento evidenciou a presença dos mecanismos do biopoder, em que o controle, por meio da necessidade de comprovação que o treino foi realizado, revela a cobrança social em relação a este tipo de atividade. Os mecanismos do biopoder também ficaram perceptíveis no uso de frases como: “Para ficar bonita, tem que sofrer”; “Treino pago”; “Ninguém quer ser feio”; “Barriga zero”; “Tchau de rainha”, “Perna torneada”, entre outros.

Sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres e pelos homens em relação à realização de atividades físicas, as mulheres foram as únicas a relatar experiências nesse sentido, em especial ao tempo dedicado à atividade. Além disso, o choro e o sentimento de indignação ao comentar sobre repressão da família em relação à aparência do corpo foi outro aspecto percebido apenas nas narrativas construídas por elas. Todos esses aspectos revelaram as questões de gênero implícitas nas relações e que foram perceptíveis à metodologia de história oral, visto que a subjetividade é uma das suas grandes preocupações (SALVATICI, 2005).

Nas entrevistas com os profissionais de educação física, confirmaram-se alguns aspectos contidos nas falas das e dos esportistas, bem como foi possível perceber alguns discursos naturalizados e, por consequência, reproduzidos pelos profissionais de educação física e esportistas sob a sua orientação, principalmente em relação à saúde.

A presença dos mecanismos do biopoder nas falas, nas escolhas, no comportamento não foi evidenciada de forma objetiva. Esses mecanismos foram perceptíveis, apenas, quando observados à luz do referencial teórico do biopoder. As narrativas em si dificilmente permitiriam a identificação da reprodução de discursos

naturalizados em relação ao interesse pelas atividades físicas, pelo cuidado de si, pela saúde. Só o olhar atento da pesquisadora para o seu objeto de pesquisa, mediante a devida fundamentação teórica, foi capaz de desvelar discursos socialmente construídos, como é o caso dos discursos que evidenciam os mecanismos de controle, próprios do biopoder.

### **PARTE III – ARQUITETURA DOS CAPÍTULOS**

Esta parte encontra-se estruturada em quatro capítulos e busca debater teórica e empiricamente o corpo e a cidade de forma inter-relacional, sendo que o corpo está relacionado às pessoas que realizam atividades físicas e a cidade faz referência a Praça dos Girassóis.

O capítulo I foi estruturado em cinco tópicos. No primeiro consta o referencial que ilumina a discussão, a saber: o poder disciplinar e o biopoder. O segundo traz a discussão sobre o mecanismo da medicalização do corpo. O terceiro trata sobre o monitoramento da população e o quarto, sobre a regulamentação do corpo. No quinto, apresenta-se uma discussão sobre como a norma se movimenta para que o poder alcance os seus objetivos.

O capítulo II foi organizado em quatro tópicos. O primeiro conta com a teoria de gênero e subjetividade. O segundo apresenta a discussão sobre a subjetividade social e individual em relação ao corpo e o terceiro traz uma discussão sobre a satisfação e insatisfação com o próprio corpo a partir das narrativas das entrevistadas e entrevistados. No quarto tópico constam reflexões sobre as razões das mulheres serem maioria entre as pessoas que utilizam a Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas orientadas por profissional de educação física.

O capítulo III foi distribuído em quatro tópicos. O primeiro traz as características do panóptico que se aproximam aos aspectos presentes na Praça dos Girassóis; o segundo se ocupa em descrever como a vigilância acontece na Praça dos Girassóis; o terceiro levanta um questionamento sobre se é possível identificar com precisão quem vigia e quem é vigiado nesta relação. No quarto tópico, apresenta-se a vigilância como uma relação de influência.

O capítulo IV foi desenvolvido em cinco tópicos. O primeiro apresenta o referencial teórico sobre espaço, lugar e sociabilidade; o segundo apresenta que a

Praça dos Girassóis reúne elementos tanto da vigilância quanto da sociabilidade. No terceiro, desenvolve-se uma discussão quanto aos elementos que possibilitam a sociabilidade do lugar. No quarto consta que a cidade pode ser observada a partir do panoptismo e da sociabilidade. O quinto tópico reúne os argumentos que permitem elencar a presença de sociabilidade na Praça dos Girassóis.

## **CAPÍTULO I: MECANISMOS DE CONTROLE DO CORPO**

Neste capítulo, promove-se uma reflexão sobre o porquê das pessoas se sentirem atraídas para um local público de grande visibilidade para realizar atividade física. Para essa reflexão, recorreu-se ao referencial teórico do biopoder, buscando entender essa espécie de culto ao corpo. Para tanto, recorreu-se a fontes orais, documentais e de imagens para a construção do debate sobre alguns mecanismos do biopoder que foram evidenciados no contexto da realização de atividades físicas.

Na primeira parte do capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica e, em seguida, procura-se discutir cada um dos mecanismos de controle do biopoder. Na segunda parte do capítulo, discute-se sobre a medicalização dos corpos. Esse mecanismo apresenta a atividade física como uma medicação preventiva contra os males que podem recair sobre o corpo.

Em seguida, discute-se sobre os mecanismos de monitoramento dos corpos como medida do biopoder para evitar corpos transgressores. O monitoramento dos corpos atua sobre duas perspectivas: a primeira é a de definir a norma, estabelecendo o que deveria ser aceito como normal e anormal, e a segunda é a de controlar os corpos transgressores de forma a que voltem o olhar para a norma.

Na sequência, apresenta-se uma reflexão sobre as medidas de regulamentação, que têm no Estado o poder de controlar o que as pessoas podem ou não fazer em nome da saúde. Na última parte, busca-se demonstrar que a norma não é algo fixo; ela se mantém como norma na medida em que atende aos interesses sociais e culturais de cada época e lugar.

### 1.1. Controle do corpo e da vida: entre o poder disciplinar e o biopoder

O poder disciplinar<sup>65</sup> foi um termo cunhado por Foucault (1987) em uma de suas obras, que em português, recebeu o título de *Vigiar e Punir*. O poder disciplinar “é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 1987, p. 143). Ele tem no corpo o seu principal objetivo. Nesse sentido, o autor valeu-se do estudo de instituições disciplinares como prisões, hospitais, fábricas e escolas para demonstrar como essas instituições podem, por meio do estabelecimento da norma, controlar gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos.

Já o termo biopoder foi conceituado por Foucault (2008, p. 3) como sendo o “conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas [...]”. O biopoder se ocupa, portanto, em garantir a permanência da espécie humana, para tanto, busca, através da vigilância, controlar, por meio de percentuais, indicadores e taxas, tudo que pode vir a comprometer a vida.

O biopoder atua por meio da regulamentação de comportamentos, ou seja, se ocupa na antecipação de comportamentos indesejáveis, compreendendo uma “série de vigilância, controle, olhares diversos que permitem descobrir, antes mesmo de o ladrão roubar, e se ele vai roubar” (FOUCAULT, 2008, p. 8).

O poder disciplinar e o biopoder estão intimamente ligados, contudo um se distingue do outro na aplicação e na finalidade, sendo que um não coexiste sem o outro, como explica Thamy Pogrebinski (2003, p. 197): “a norma da disciplina e a norma da regulamentação [...] essa norma ambivalente, na qual coexistem indivíduo e população, corpo e vida, individualização e massificação, disciplina e regulamentação”. A norma cria estratégias para seduzir e conquistar por meio da promessa de felicidade e bem-estar.

Pensar a atividade física à luz da teorização de Foucault (1987; 1999) permite estabelecer conexões entre a norma presente na disciplina e a norma presente na regulamentação. Assim, tanto indivíduos quanto população são levados a realizar atividade física com a promessa de alcançar bem-estar social. A explicação de

---

<sup>65</sup> Para representar essa forma de poder, Foucault retoma o conceito de panóptico desenvolvido pelo filósofo Jeremy Bentham no século 19.

Anderson Nowogrodzki da Silva (2015, p.107) para esta situação está na necessidade que a sujeita e o sujeito têm de buscar a felicidade, a ascensão social, a excitação de viver, e “esses anseios são resultado de uma trama de enunciados regulares que geram um valor de verdade existencial, atuando diretamente sobre a vida” (p. 107).

Tanto a disciplina quanto a regulamentação buscam estabelecer o que é normal e o que é anormal, determinando como as pessoas devem ser e se comportar para serem aceitas. Para avançar nessa discussão, apresenta-se a seguir um quadro síntese do poder disciplinar e do biopoder, o objetivo é entender a estreita relação entre um e outro, visto que coexistem e são mutuamente relacionais.

Quadro 1- Comparativo entre o poder disciplinar e o biopoder

| <b>Poder disciplinar</b>               | <b>Biopoder</b>                 |
|--|---------------------------------|
| Indivíduo                              | População                       |
| Corpo                                  | Vida                            |
| Anatomia política do corpo humano      | Biopolítica da espécie humana   |
| Individualização                       | Massificação                    |
| Disciplina                             | Regulamentação                  |
| Vigilância                             | Regulação                       |
| Maximização da forma                   | Otimização da vida              |
| Norma                                  | Norma                           |
| Coerção                                | Sedução                         |
| Normalização disciplinar               | Mecanismos de segurança         |
| Organização disciplinar da instituição | Biorregulamentação pelo Estado  |
| Instituições                           | Mecanismos reguladores estatais |
| Treinamento individual                 | Equilíbrio global               |

Fonte: Elaboração própria com base em Pogrebinschi (2004)

A comparação entre o poder disciplinar e o biopoder busca explorar as evidências que os distanciam e os aproximam. O poder disciplinar consiste numa manipulação calculada do corpo, portanto atua sobre o indivíduo. Já o biopoder consiste na ampliação do poder disciplinar, opera por meio da sedução e busca imprimir, na população, um estado de constante vigilância sobre os fatores que possam comprometer a vida. Nesse sentido, é um poder que:

[...] se instala e se dirige à multiplicidade dos homens [e mulheres], não na medida em que eles [elas] se resumem em corpos, mas na medida em que ele [poder] forma, ao contrário uma massa global, afetada por processos de



conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença [...] (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Esse aspecto encontra ressonância nos discursos da área médica que atribuem às atividades físicas características medicamentosas, como constatadas por Débora de Moraes Coelho e Tânia Mara Galli Fonseca (2007, p. 65): “nunca se falou tanto da vida [...] viver melhor, viver com qualidade e então a vida passou a significar o nosso maior investimento, seja de tempo, de dinheiro ou de preocupação”.

Assegurar a vida da população é o principal argumento do biopoder. Preocupa-se com tudo que possa limitar a vida do ser humano, não de forma particular, mas no que se refere à espécie humana. Há uma preocupação com comportamentos que podem levar à morte (DINIZ; OLIVEIRA, 2014).

No que se refere à anatomia política do corpo, o poder disciplinar é responsável pelo controle dos comportamentos por meio da norma, como é o caso desta investigação, que tem na atividade física o seu objeto de estudo. Todavia, pensar a norma somente na perspectiva da saúde/doença é um pensamento simplista, pois a norma se aplica, também, ao controle da sexualidade, como será debatido no próximo capítulo, em que a atividade física acaba por constituir-se, em alguma medida, como um mecanismo que reforça os binários: mulher/homem, fêmea/macho, feminino/masculino.

A biopolítica busca ampliar o poder, controlando os processos biológicos através da medicalização da vida e de protocolos estatísticos, característica do biopoder (NASCIMENTO *et al.*, 2017). O biopoder busca estabelecer parâmetros que classificam as pessoas em normal e anormal, possibilita a criação de indicadores de normalidade e de anormalidade e estes parâmetros são utilizados para o julgamento do próprio corpo e da população.

Pogrebinschi (2003) apresenta que a norma é o elemento que transita entre o poder disciplinar e o biopoder. Ela possibilita a manutenção do equilíbrio entre a disciplina e a regulamentação. A ordem disciplinar do corpo e a ordem aleatória da população geram a coexistência do binômio: individualização e massificação.

No poder disciplinar, a norma é de cunho impositivo, o que reforça o seu caráter negativo. Assim, “o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios, ele é corretivo. Com a sanção, os indivíduos são diferenciados em função de sua natureza, de suas virtualidades, de seu nível [...] são avaliados, e por isso são, por

mais uma vez e por mais um motivo, individualizados” (POGREBINSCHI, 2004, p. 193).

No biopoder, a norma procura afastar o aspecto negativo da imposição, pois está em outro nível. Ao atuar sobre a população, busca imprimir um aspecto positivo, por meio da naturalização do ato, utilizando-se da sedução para controlar e vigiar a população (FURTADO; CAMILO, 2016).

Por trás da “vontade de cuidar do corpo”, há todo um processo que busca estimular o ato e influenciar nas decisões. Para alcançar o máximo de utilidade dos corpos, a população é levada a achar que a decisão foi tomada livremente (MATOS; VIEIRA, 2014). Assim, o biopoder atua por meio da,

[...] medicalização dos corpos, cria sistemas de correção, formas de transformar o indivíduo, alterar o comportamento, atuar sobre a vida. Passa-se a diferenciar o que é normal do que é anormal. Trata-se como doente aquele que é estranho. A normalização de determinados comportamentos implica no estranhamento do outro. Isso é o biopoder, é o controle da vida (SILVA, 2015, p. 109).

O biopoder busca construir um ideal de corpo em que a responsabilidade de alcançar o ideal estabelecido é da própria pessoa. Ela deve se responsabilizar pela sua saúde, bem como passa a ser de sua responsabilidade os problemas de saúde pública (KRAEMER *et al.*, 2014), como é o caso da obesidade<sup>66</sup>.

A obesidade, no biopoder, é um exemplo de anormalidade que gera punição e autopunição, pois é atribuída à pessoa a culpa pelo corpo que possui, desconsiderando os aspectos biológicos, sociais e econômicos. Dessa forma, a pessoa passa a ser a única culpada pelo corpo que possui, por ter o corpo diferente da norma<sup>67</sup>. De acordo com Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014, p. 3), “a obesidade é tida como um dos piores inimigos da beleza e da saúde”, com isso o indivíduo acaba desenvolvendo o estranhamento com o próprio corpo, levando-o, inclusive, à prática de atividades físicas.

---

<sup>66</sup> De acordo com Sant’Anna (2014, p. 7). “o termo obesidade teve um de seus primeiros usos no século XVII [...] para quem ela era uma doença [...]”. Mas, de acordo com a autora, foi, sobretudo, no século XXI, “que diversos relatos pessoais sobre as penas de ter um peso excessivo começaram a aparecer com maior frequência na imprensa, expressando o sofrimento de viver uma situação paradoxal ‘dentro de um corpo’ historicamente transformado em algo tão precioso como outrora havia sido a alma, mas, ao mesmo tempo, enfrentar o sentimento de ter sido traído por ele, na medida em que a aparência física foge do padrão de beleza e elegância vigente” (SANT’ANNA, 2014, p. 8).

<sup>67</sup> De acordo com Sant’Anna (2014, p. 12), “a obesidade concentra-se hoje nas classes sociais pobres. Aumento de peso e má alimentação forma, portanto um par produtor de corpos volumosos e fracos”.

No biopoder, a preocupação é criar estereótipos que concentrem os ideais a serem seguidos, possibilitando que as pessoas se sintam seduzidas a buscá-los sem questionar nem resistir. Conforme Coelho e Fonseca (2007, p. 66), “somos sutilmente envolvidos por uma rede que controla nossa forma de viver, trabalhar, pensar, amar, a perspectiva chegou num tal ponto refinado que já não sabemos se realmente queremos algo ou se somos impelidos a querê-lo”.

A análise do corpo, neste estudo, a partir da disciplina e da regulamentação, conduz ao entendimento que o biopoder não opera por meio de medidas coercitivas, e sim com estratégias ligadas à sedução que convencem as pessoas a realizar atividade física como forma de obter saúde e beleza. Dessa forma, no presente estudo, tem-se o “corpo magro” como a representação destes dois elementos: saúde e beleza, e outros a eles relacionados como: vigor e força, superação e sucesso.

O biopoder consiste em uma tecnologia de poder encarregada de convencer a população da importância de preservar a vida, ou seja, se propõe a eliminar tudo aquilo que ameaça a preservação e o bem-estar da população. Para tanto, como descrevem Francisco Rômulo Alves Diniz e Almeida Alves Oliveira (2014), o biopoder utiliza-se de duas tecnologias: da disciplina, que se aplica ao corpo, devendo ser vigiado, treinado e eventualmente punido para evitar a transgressão; e da biopolítica, que se dirige a população, na medida em que se preocupa com as relações entre a espécie humana e o meio em que ela vive.

Tanto os mecanismos disciplinares quanto os reguladores buscam antecipar-se a comportamentos transgressores que possam contrariar a norma. Ao estabelecer o que se deve comer, a quantidade de vezes que a pessoa deve praticar atividade física e por que se deve evitar os comportamentos de risco, elementos presentes na pesquisa da VIGITEL, o governo estaria compondo o perfil de regularidade apontado pela biopolítica.

Tanto as fontes orais quanto as documentais<sup>68</sup>, como é caso dos dados estatísticos da VIGITEL, estão sujeitos às influências sociais<sup>69</sup>, perceptíveis apenas se considerada a subjetividade com o qual foram produzidos. A esse respeito

---

<sup>68</sup> O diálogo entre as fontes orais e documentais pode ser identificado nos dados da VIGITEL em que Palmas se destaca pela quantidade de pessoas que realizam atividades físicas.

<sup>69</sup> O comportamento da população de Palmas em relação à realização de atividades físicas aparece nos dados da VIGITEL. O monitoramento da população, no mesmo sentido, possui a intencionalidade de criar indicadores de normalidade e de enquadrar as pessoas nesses critérios.

Thompson (2002, p. 144) adverte que os dados estatísticos não podem ser tomados como verdade imutável e absoluta, pois estão sujeitos às influências sociais de uma época ou de um tempo.

A interrogação que se propõe às fontes oral e escrita, neste item, objetiva estabelecer uma aproximação entre elas. Dessa forma, interessa interrogar ao documento produzido pela VIGITEL se o interesse da pesquisa é de fato o bem-estar da população. Pergunta-se, ainda, qual o objetivo para a criação dos indicadores<sup>70</sup>.

A atividade física, pela forma como está presente na legislação brasileira de saúde e pela forma como é apresentada nos estudos da VIGITEL, representa, para este estudo, à luz da teorização de Foucault (1999), o poder de “fazer viver”, pois visa prevenir as doenças endêmicas, aquelas que, devido “a forma, a natureza, a extensão, a duração, a intensidade das doenças reinantes numa população” (FOUCAULT, 1999, p. 290) podem levar à morte.

Nas próximas linhas, apresentam-se os mecanismos do biopoder e como agem no contexto cotidiano das e dos sportistas. Inicia-se com a medicalização do corpo, em que o saber médico se mostra como uma verdade incontestada e, por esta razão, receita a atividade física como uma medida preventiva contra doenças. Em seguida, discute-se sobre o monitoramento da população a partir de um diálogo entre as fontes documentais e as fontes orais.

Na sequência, discute-se de forma mais aprofundada sobre as medidas de regulamentação das atividades físicas que agem de forma conjunta com a medicalização para influenciar na decisão de praticar atividades físicas. Ao final, promove-se uma discussão buscando demonstrar que a norma presente no biopoder não é fixa, ela se modifica a depender do contexto social em que se insere. Assim, fica perceptível que as atividades físicas nem sempre foram estimuladas como são no presente, pelo menos para as mulheres.

---

<sup>70</sup> “Os indicadores monitorados pelo VIGITEL são classificados em duas categorias: àqueles que compõem o módulo fixo do sistema e outros que compõem o módulo rotativo. Este relatório, restrito ao módulo fixo, analisa indicadores relativos a: hábito de fumar, presença de excesso de peso ou de obesidade, características do **padrão de alimentação** e da **atividade física**, consumo abusivo de bebidas alcoólicas, auto avaliação do estado de saúde, referência a diagnóstico médico de hipertensão arterial, diabetes” [grifo meu] (BRASIL, 2009, p. 24)

## 1.2. Medicalização do corpo

O biopoder tem como dispositivos a normalização e a regulamentação, por isso a medicalização do corpo é uma medida para mantê-lo na norma. A norma, no biopoder, opera na regulamentação do comportamento; esta, por sua vez, consiste em uma ação do Estado que é viabilizada, dentre outras, pela criação de leis.

A medicalização da população brasileira, pelo Estado, por meio da realização de atividades físicas, está prevista na Lei nº 8.080/90, que versa sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde pública. A inclusão da atividade física na Lei nº 8.080/90 foi regulamentada pelo art. 3º da Lei nº 12.864 de 2013, como segue:

Os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do país, tendo a saúde como determinante e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, **a atividade física**, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 2013, grifo meu).

A atividade física aparece ao lado de outras necessidades do ser humano tidas como essenciais a sua saúde como: “a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação” e outras que, indiretamente, no contexto da cidade, também contribuem para a saúde como o “transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais”.

A partir do referencial teórico do biopoder, observa-se que a atividade física é tratada como uma medida medicamentosa, visto que é considerada, na legislação brasileira, como a norma a ser seguida. A norma é o que torna a preocupação com a saúde um argumento utilizado para incentivar a população a realizar atividades físicas.

A saúde pública, no contexto das duas últimas décadas 2006-2016, tem reivindicado o corpo magro como sinônimo de saúde, ao mesmo tempo em que rejeita o corpo gordo, e a obesidade passa a ser considerada um fator de risco à saúde pública (BRASIL, 2006-2019). Sobre esse aspecto, tomando como referência Foucault (1984), à medida que as relações de poder apontam para a consciência do indivíduo

sobre o seu próprio corpo<sup>71</sup>, o poder<sup>72</sup> passa a investir sobre o corpo. O autor exemplifica o investimento do poder em casos em que o corpo reivindica para si o controle. Para esses casos oferece ao corpo,

a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo...tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, metucioso, que o poder exerceu sobre o corpo [...] (FOUCAULT, 1984, p. 131).

À medida que o indivíduo reivindica o poder sobre o seu próprio corpo, podendo, inclusive, decidir por mantê-lo gordo ou magro, o corpo entra em disputa com o poder e o “o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado” (FOUCAULT, 2021, p. 235). Nesses termos, o poder passa a explorar economicamente o corpo, por meio da oferta de produtos e serviços como resposta à revolta do corpo.

A estratégia do poder passa a ser o controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado” (FOUCAULT, 2021, p. 236). Nesse sentido, o autor adverte que a cada movimento de um dos dois adversários – o corpo e o poder – ocorrerá o movimento do outro. Com esta explicação teórica, analisa-se a narrativa de Minerva, na qual se observa uma resistência do corpo ao poder: Minerva busca, por um determinado tempo, o controle sobre o seu corpo, mas, em seguida, sede às investidas do poder.

Toda vez que você vai ao médico, começa a perguntar: – Você pratica alguma atividade física? E eu já não tinha mais cara para dizer que não praticava nenhuma atividade física<sup>73</sup>.

A resposta do poder à reivindicação do corpo, no exemplo de Minerva, é a indicação de atividades físicas<sup>74</sup>. Mas essa indicação só é efetiva se feita por uma

---

<sup>71</sup> De acordo como Coutrini (2013, p. 12), “[...] o corpo, um belo dia, veio a bater à porta. E Foucault é um daqueles talvez, que mais a encarnou. O corpo de fato é uma invenção recente: antes da virada do século XX, ele não exercia senão um papel secundário na cena do teatro filosófico onde, desde Descarte, a alma pareceria exercer um papel principal”.

<sup>72</sup> “Se o poder é forte, é porque ele produz em igual medida aquilo que ele proíbe”, e acrescenta: “ele [Foucault] soube se desviar de uma concepção do poder como técnica de dominação, para discernir a maneira com a qual os indivíduos chegam a exercer sobre seu próprio corpo, [...] no uso dos prazeres e das paixões” (COUTRINI, 2013, p. 17).

<sup>73</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 11 de novembro de 2019.

<sup>74</sup> “A atividade física é uma forma de exploração econômica do poder sobre o corpo” (FOUCAULT, 2021, p. 131).

autoridade com discursos de verdade<sup>75</sup>, como o da área médica. Como explica Foucault (1984, p. 134), o poder, no caso do saber médico, “longe de impedir o saber, o produz. [...] E a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico”, capaz de convencer o paciente de que a indicação ou a medicalização do corpo é a decisão a ser seguida.

A Lei nº 12.864/2013 apresenta a atividade física como um determinante e condicionante da saúde da população. A regulamentação da saúde pública, pelo Estado, tem na atividade física uma medida medicamentosa capaz de prevenir doenças. Nota-se que o poder se apropria do saber para controlar o corpo, por meio da atividade física.

O biopoder, por meio da norma, atua no movimento de levar a população a acreditar que um determinado comportamento é normal. A norma diferencia o normal do anormal, sendo que para estar na norma é necessário atender as suas exigências. No caso desta relação médico-paciente, a norma é garantir que o paciente se previna contra as doenças. O medicamento capaz de prevenir a doença, no caso da narrativa de Minerva, foi a indicação de que ela deveria realizar atividade física.

A ação do médico ao recomendar a atividade física como medida preventiva contra doenças é preconizada em Lei. A existência de uma lei que orienta a realização de atividade física não é um determinante para o seu atendimento, mas é uma forma de validar o saber médico, definindo que a atividade física é um condicionante e determinante da saúde da população.

Na continuação da narrativa de Minerva é possível observar a relação estabelecida entre a realização de atividade física e a saúde, ou por outra dimensão, a presença da doença como consequência da ausência de atividade física.

Então pensei: – Não vou chegar ao ponto do médico me dizer que eu estou com diabetes, que eu estou com colesterol para eu começar a realizar atividade física<sup>76</sup>.

A medicalização da vida conduz o indivíduo a uma verdade incontestável que é o diagnóstico da doença e a promessa da sua cura. Assim, “o médico se torna o grande

---

<sup>75</sup> De acordo com Foucault (2021, 137), discurso de verdade é aquele capaz de produzir efeitos sobre o sujeito.

<sup>76</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 11 de novembro de 2019.

conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o ‘corpo’ social e mantê-lo em um permanente estado de saúde” (FOUCAULT, 2021, p. 203).

No contexto da narrativa de Minerva, o médico possui a autoridade para definir o que o indivíduo pode ou não fazer em nome da saúde: “Eu não vou chegar ao ponto do médico dizer que eu estou com diabetes, que eu estou com colesterol”. Essa narrativa aponta que o controle do corpo é autorizado pelo saber médico que constrói “um ideal de corporeidade em que a saúde é um valor supremo, a ser buscado tanto individualmente quanto pela população” (ZARZANELLI; CRUZ, 2018, p. 726).

A narrativa de Minerva revela ainda que a possibilidade de estar em risco de adoecer se converte na própria doença. A medicalização do corpo, presente em sua fala, caracteriza-se como a exacerbação do cuidado de si em busca da saúde ideal em que a medicina de intervenção é autoritária. A autoridade da medicina de intervenção:

[...] está em um campo cada vez mais amplo da existência individual e coletiva, e acirrou-se no decorrer do século XX e XXI, sob outros modos. Hoje, a medicina está dotada de um poder autoritário com funções normalizadoras que extrapolam a existência das doenças e das demandas do doente (ZARZANELLI; CRUZ, 2018, p. 727).

É possível inferir que Minerva não possuía nenhuma doença, todavia, como não praticava atividade física, poderia vir a ter os níveis de glicose e colesterol alterados, podendo, dessa forma, se converter numa doença. O biopoder atua na antecipação de situações que fujam ao controle da norma, para isso, vale-se do saber médico para produzir discursos de verdade que possam levar a população a modificar, alterar ou corrigir comportamentos.

Em relação à análise da narrativa de Minerva, à luz da história oral, observa-se certa insatisfação com as investidas do médico em tentar convencê-la a realizar atividade física: “E eu já não tinha mais cara para dizer que eu não praticava nenhuma atividade física”. O desconforto de Minerva revela que a prevenção de doenças, por meio da realização de atividades físicas, é uma percepção do presente em relação ao passado. Sobre isso Eclea Bosi (1994) descreve que a memória<sup>77</sup> é retrabalhada à

---

<sup>77</sup> De acordo com Bosi (1994), o ato de lembrar-se do passado passa por processos de resignificação que levam em consideração as experiências do presente. Assim, a noção de memória, para a autora, está articulada com a compreensão da realidade que o indivíduo tem hoje. O fato da narrativa sobre



medida que a sujeita e o sujeito se propõem a lembrar de uma experiência do passado; trabalhando e retrabalhando essas lembranças vai-se articulando a experiência vivida no passado com a compreensão das experiências vividas no presente.

A interpretação que Minerva fez do diálogo com o médico, ao narrar sua história para a pesquisadora, é que o diabetes e o colesterol são doenças decorrentes da falta de atividade física. Com base no referencial teórico do biopoder, uma interpretação que surge sobre o fato narrado por Minerva é que a atividade física é apresentada a ela como medida medicamentosa capaz de prevenir doenças, “visto que a medicalização se caracteriza pela intervenção médica sobre o plano da vida dos sujeitos, exercendo um controle sobre a população e o indivíduo” (ZARZANELLI; CRUZ, 2018, p. 725).

O argumento da doença torna ainda mais efetivo o controle sobre o corpo, como apresentam Rafael Nogueira Furtado e Juliana Aparecida de Oliveira Camilo (2016, p. 37): “corpos obedientes e medicalizados, punidos se preciso, cuja força produtiva disponível oferece-se à utilização”. Corpos que são pensados pela utilidade que podem ter, por isso são vigiados e controlados, pois, para ser útil, precisam ser saudáveis.

A noção de corpo saudável está inserida no contexto da medicalização<sup>78</sup> indefinida que teve início no final do século XIX e se estende até os dias atuais. De acordo com Rafaela Teixeira Zorzanelli e Murilo Galvão Amâncio Cruz (2018), esse momento se caracteriza pela extrapolação da ciência médica à vida como um todo, ou seja, o saber médico se aplicaria a todas as dimensões do corpo, inserindo-se, dessa forma, no campo semântico do biopoder.

O saber médico produz efeitos de verdade no interior do discurso, que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Na narrativa de Carmenta, apresentada a seguir,

---

uma experiência do passado ter sido resignificada pelas experiências do presente não significa que não seja verdadeira ou original.

<sup>78</sup> Zorzanelli e Cruz (2018) apresentam dois sentidos atribuídos por Foucault ao conceito de medicalização, o primeiro se refere ao processo de sanitização imposto às cidades europeias entre os séculos XVII e XIX, e o segundo, denominado como medicalização indefinida, teve início no final do século XIX e se estende nos dias atuais. A estes dois sentidos Zorzanelli e Cruz (2018, p. 725) afirmam: “de fato, o processo de medicalização continua se referindo a uma intervenção médica muitas vezes, autoritária. Entretanto, não mais relacionada apenas ao nível da política, mas a todo e qualquer aspecto da vida humana”.

é possível identificar a relação direta entre um sintoma, apresentado como uma doença, e um medicamento, apresentado como a cura desta doença: um discurso de verdade produzido pelo saber médico que é aceito e reproduzido por Carmenta.

[...] como eu tive uma crise de coluna eu precisava realmente me exercitar para fortalecer a musculatura, [...] eu não posso ficar sem me exercitar né. [...] Eu sei que eu preciso fazer, independentemente de qualquer outra coisa só que assim, a gente sempre procura um meio mais prazeroso né [...] mas assim, primeiro a necessidade de me exercitar mesmo, porque as minhas dores na coluna melhoram muito<sup>79</sup>.

O uso da primeira pessoa do discurso “eu” presente na narrativa de Carmenta: “Eu preciso [...] me exercitar”, “Eu não posso ficar sem me exercitar”, “Eu sei que eu preciso fazer”, evidencia o quão imperativo são os discursos produzidos pelo saber médico. Todavia, Foucault (1984) adverte que o poder não é apenas imperativo, pois, se assim fosse, não seria obedecido. Ele induz ao prazer, como consta da narrativa de Carmenta “[...] Só que assim, a gente sempre procura um meio mais prazeroso né [...]”. Para Foucault (2021, p.11), “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”.

A proposta desta discussão foi apresentar como a medicina se apropriou de diferentes aspectos da vida, sendo que este saber-poder, de acordo com Foucault (1999, p. 302), “incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos reguladores”. De acordo com Robert Aronowitz (2009), as mudanças na percepção das doenças, não só aquelas que a população possui, mas também aquelas que ela pode vir a ter, desencadearam maior recrutamento de populações por meio de tecnologias de rastreamento, como é o caso do monitoramento realizado pela VIGITEL, que cria indicadores de saúde para a população brasileira, como será debatido a seguir.

---

<sup>79</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 19 de dezembro de 2019.

### 1.3. Monitoramento da população

O controle da população pelo Estado, à luz do biopoder, pode ser observado na pesquisa desenvolvida pela VIGITEL. Essa pesquisa está sendo desenvolvida desde 2006 e conta com a publicação anual dos resultados.

Um dos aspectos analisados na pesquisa faz referência à regularidade em que a população das capitais brasileiras realiza atividades físicas. A atividade física, conforme consta na Lei nº 8.080/90, é entendida como um determinante e condicionante da saúde da população. Sendo assim, o comportamento da população das capitais brasileiras é monitorado sistematicamente, tendo sido publicado, em 2017, o resultado de 10 anos da pesquisa. Nesse, por meio de uma análise comparativa, evidenciou-se que Palmas apresentou os menores percentuais de obesidade entre as capitais brasileiras.

Os indicadores obtidos pela pesquisa realizada pela VIGITEL podem ser utilizados pelo Estado, dentre outras finalidades, para o desenvolvimento de biopolíticas que revertam quadros de anormalidade. Conforme Diniz e Oliveira (2014, p. 150), a biopolítica irá manipular “[...] de forma calculada os gestos, comportamento e outros elementos do corpo humano inserindo-o em uma espécie de maquinaria do poder que irá esquadrihá-lo, desarticulando-o para que o mesmo seja recomposto”.

Para a análise das narrativas de história oral, além das fontes orais, valeu-se das fontes documentais, as quais fazem referência aos dados da VIGITEL que trata sobre os fatores de risco da população das capitais brasileiras. Thompson (2002, p.139) esclarece que a metodologia de história oral permite o uso de variadas fontes, com o propósito de “buscar a consistência interna, procurar confirmação em outras fontes”.

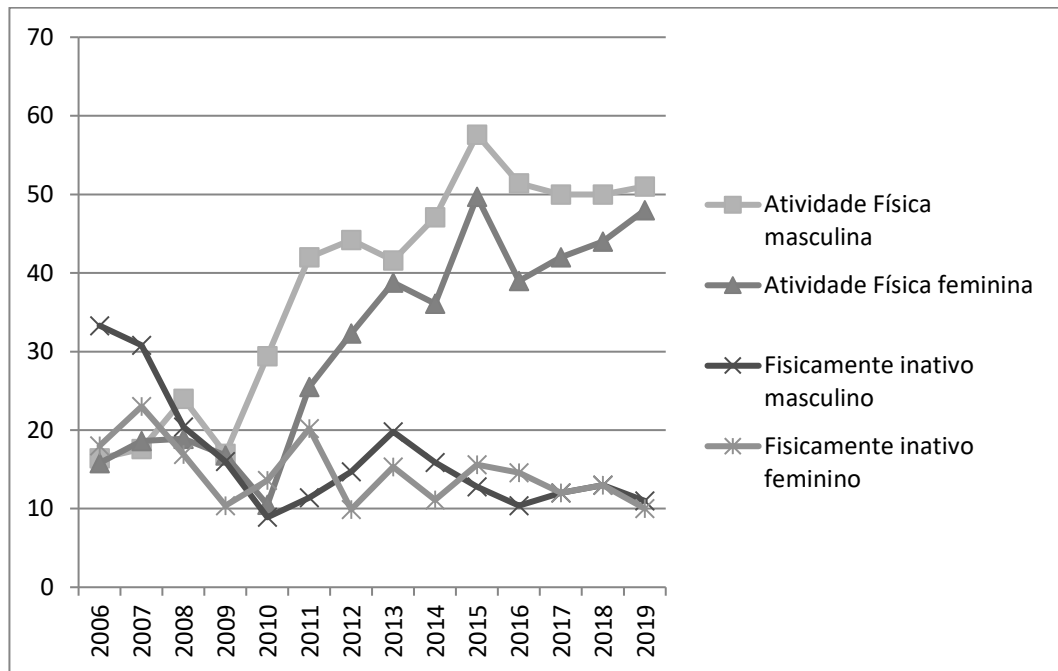
Tendo como referência a teorização de Foucault (1999) a respeito da biopolítica, a pesquisa da VIGITEL pode ser entendida como uma forma do Estado controlar o comportamento da população das capitais brasileiras no que se refere aos fatores de risco em relação às doenças crônicas não transmissíveis que podem ao mesmo tempo diminuir as forças, comprometer a produtividade da população e, ainda, onerar o sistema público de saúde.

Como já prenunciado, a VIGITEL acompanha os fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis. Sobre essa pesquisa pesam alguns questionamentos: Qual a razão para sua realização? E como esses dados são utilizados? À luz do

biopoder, os dados servem para estabelecer a norma. Tendo sido estabelecido o que é normal, todos devem atender a norma. Ela pode se estabelecer como um comportamento a ser adotado pela população por diferentes vias, seja pela criação de uma lei, seja pela orientação do médico, seja pela criação de políticas públicas de saúde associadas às práticas de atividades físicas entre outras.

De acordo com Stephany de Sá Nascimento *et al.* (2017), o biopoder busca controlar os processos biológicos por meio da medicalização da vida e de protocolos estatísticos. Sobre essa perspectiva teórica, seria o caso de pensar que os indicadores foram criados para controlar a população? É com base nessa inquietação que o Gráfico 1 foi elaborado, como segue:

Gráfico 1 - Percentuais de pessoas ativas e inativas em Palmas -TO



Fonte: Elaboração própria com base em dados da Vigitel<sup>80</sup> (2006- 2019).

<sup>80</sup> Atividade Física: Indivíduos  $\geq 18$  anos que realizam atividade física no tempo livre equivalente a pelo menos 150 de atividade de intensidade moderada por semana; fisicamente inativos: Indivíduos  $\geq 18$  anos que informa não ter praticado qualquer atividade física no tempo livre nos últimos três meses e que não realizam esforço físico relevante no trabalho, não se deslocam para o trabalho ou para a escola a pé ou de bicicleta e que não participam da limpeza pesada de sua casa.

O Gráfico 1 traz dados sobre a população de Palmas<sup>81</sup> relacionados com a realização de atividade física. Nesse, observa-se tanto as mudanças ocorridas de um ano para o outro quanto a diferença entre os percentuais identificados para as mulheres e para os homens. O gráfico apresenta que houve um aumento no quantitativo tanto de mulheres quanto de homens, a partir de 2010, em relação à realização de atividade física. Observou-se, ainda, um decréscimo no mesmo público no que se refere à inatividade das pessoas em relação à realização de atividades físicas.

O crescimento no número de pessoas que realizam atividades físicas e o decréscimo do número de pessoas que não realizam atividades físicas regularmente podem ser analisado como diretamente proporcionais, visto que tanto um grupo quanto o outro podem estar sujeitos às mesmas influências. Influências estas que serão discutidas a seguir.

Além das motivações que podem ter permeado a inclusão da atividade física como determinante e condicionante de saúde na Lei nº 8.080/90 e dos interesses do MS em relação ao monitoramento da população quanto à regularidade de quem realiza atividade física, é necessário considerar as particularidades que envolvem a cidade de Palmas, como, por exemplo, os aspectos urbanísticos que, em alguma medida, contribuem<sup>82</sup> para o desenvolvimento de práticas de atividades físicas.

As influências sociais que conduzem à realização de atividades físicas podem ser observadas a luz do que traz Foucault (1987, p. 183):

Segundo as normas universais, as disciplinas caracterizam, classificam, especializam; distribuem ao longo de uma escala, repartem em torno de uma norma, hierarquizam os indivíduos em relação uns aos outros, e, levando ao limite, desqualificam e invalidam.

As normas sociais marcam o lugar, como será debatido com maior profundidade mais à frente. O desenho da cidade, a exemplo da Praça dos Girassóis,

---

<sup>81</sup> Não é objeto desta pesquisa realizar um estudo comparativo entre as capitais brasileiras. A VIGITEL teve justamente este objeto, comparar os resultados obtidos nas capitais, com vista a criar indicadores de normalidade.

<sup>82</sup> O planejamento urbanístico contribui para o desenvolvimento de práticas esportivas ao contemplar equipamentos públicos como pistas para caminhada ao redor das quadras residenciais e comerciais, parques esportivos como, por exemplo o Parque Cesamar e o Parque dos Povos indígenas; e ainda com academias ao ar livre instaladas em vários pontos da cidade, entre eles: as praças, os parques, em frente a postos de saúde e na orla criada pela formação do lago da Usina Hidrelétrica do Lajeado.

que é utilizada pela população para a realização de atividades físicas, é compreendido como consequência das normas sociais que sinalizam a respeito de um determinado comportamento, como no caso do exemplo do uso regular dessa Praça para a realização de atividades físicas.

#### 1.4. Biopoder como medida regulamentadora

A publicidade dos relatórios anuais da VITIGEL, em que apresenta como resultado o crescimento em relação ao número de pessoas que realizam atividade física, pode ser entendida como uma forma de controlar o comportamento das pessoas, visto que, na perspectiva do biopoder, a normalização dos corpos, diferenciando o que é normal do que é anormal, é uma estratégia de poder para controlar a população.

A análise da influência tanto da Lei nº 8.080/90 quanto dos dados da VIGITEL no comportamento da população é observada na narrativa de Zeus:

Quem puder começar que comece logo não espere chegar a segunda-feira, se der vontade faça na sexta, mas faça; se der vontade no domingo, faça; não espere a segunda, o final do ano, o próximo ano, eu não tenho isto, eu passo uma semana sem treinar e volto a treinar na sexta-feira deu vontade treinar na sexta, treina na sexta, dá vontade treinar no domingo eu treino no domingo, eu acho que tem que ser assim, tem que correr atrás da saúde, atrás de bons hábitos, isso vai melhorar o nosso dia a dia porque a gente vive numa sociedade muito estressante<sup>83</sup>.

Quando Zeus associa a atividade física à melhoria nas condições de saúde, tendo em vista o estresse causado pela vida agitada nas grandes cidades, percebe-se que a atividade física é entendida como uma ação medicamentosa para diminuir os riscos de adoecer: “Tem que correr atrás da saúde, atrás de bons hábitos”.

A influência a que as fontes estão sujeitas, de acordo com Thompson (2002, p. 146), “quer a partir de posições pessoal ou de agregados, a percepção social dos fatos [...] estão todos sujeitos a pressões sociais do contexto em que são obtidos”. Nesse sentido, não cabe ao pesquisador determinar se os eventos são ou não verdadeiros, mas sim evidenciar o significado social dos fatos narrados pelo entrevistado. Assim, o

---

<sup>83</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

que é possível interpretar da narrativa de Zeus é que ela valida a ideia de que a atividade física promove o bem-estar da população “Isso vai melhorar o nosso dia a dia porque a gente vive numa sociedade muito estressante”<sup>84</sup>.

A preocupação do Estado com a população pode ter motivações outras que não a do bem-estar da população. A possibilidade de análise da fonte documental e oral, à luz do biopoder, pode sinalizar para preocupações outras como, por exemplo, a promoção de atividades econômicas como a venda de produtos e serviços ou até mesmo a promoção de uma medicina preventiva, tendo como motivação a diminuição nos custos com a saúde pública como foi levantado por Eros em três momentos da entrevista: uma em relação à criação da necessidade com a venda de produtos:

[...] eu preciso melhorar o meu desempenho, eu preciso compra um tênis, aonde eu vou comprar um tênis aqui em Palmas, a gente indica, - Olha, vai na loja tal, na loja tal<sup>85</sup>.

Outra em relação à oferta de serviços relacionados às atividades físicas com a saúde:

[...] porque você sair correndo, você pode sair correndo, você põe um tênis e sai correndo, mas para você ter um bom desempenho e evitar lesões precisa-se de quê? De orientação [...]<sup>86</sup>.

E, em seguida, quando apresenta as atividades físicas como promotora da saúde:

[...] O incentivo à pratica esportiva deveria ser muito maior por parte do poder público municipal, estadual, seja qual for ele. Porque eu identifico que com este incentivo para a prática da atividade física regular eu vou deixar de gastar com medicamento ou de investir no postinho de saúde que fica cheio<sup>87</sup>.

De acordo com Foucault (1999), a partir do momento em que o ser humano começou a se preocupar com as ameaças que pudessem causar doenças, não só com aquelas que levam à morte de imediato, mas, sobretudo com aquelas que, por um longo período e sobre um grande contingente de pessoas, pudesse invalidar a população ou torná-la improdutiva, é que a saúde passou a ser uma preocupação do Estado e este passou a vigiar e controlar o comportamento da população.

---

<sup>84</sup> idem

<sup>85</sup> Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 18 de dezembro de 2019.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> Idem.

A proposta de relacionar a atividade física com a saúde pressupõe o pensamento de Foucault (1987) quanto à possibilidade de moldar comportamentos que levem à maior produtividade do ser humano: “aumentar a produção, desenvolver a economia, espalhar a instrução, elevar o nível da moral pública; fazer crescer e multiplicar” (FOUCAULT, 1987, p. 172).

A proposta do biopoder é que o controle da população ocorra de forma contínua e interrupta. É nesse sentido que o discurso é validado pelo comportamento que se deseja alcançar, como se observa no relato de Ares ao referir-se às atividades físicas:

Hoje eu adotei a atividade física como um estilo de vida mesmo, pretendo não parar e envelhecer com saúde e praticando atividade<sup>88</sup>.

A ideia de que a atividade física é sinônimo de saúde ou de envelhecimento saudável não é uma garantia que se possa assegurar, caso o sujeito opte pela realização de atividade física, tendo em vista a infinidade de doenças à que a população está sujeita. Todavia, o discurso visa assegurar que a população acredite nessa “verdade” e, assim, a aceite sem questionar. O biopoder atua de forma a antecipar comportamentos transgressores, por meio da promessa de saúde. Este aspecto pode ser observado na reprodução do discurso do Estado pela população, como consta da narrativa de Ares:

É necessário fazer um certo malabarismo, mas a gente consegue, a gente sempre arruma um tempo. Até eu digo, se a gente não conseguir um tempo para cuidar da saúde. Se você não consegue este tempo, quando você ficar doente, certamente você vai ter que arrumar um tempo. Então vamos arrumar este tempo e praticar atividade física, cuidando da saúde<sup>89</sup>.

Os argumentos colocados por Ares tentam imprimir uma necessidade ao ato, de forma que a disciplina seja aplicada sem resistência, como se observa: “É necessário fazer certo malabarismo”, “Se a gente não conseguir um tempo para cuidar da saúde”, “Quando você ficar doente, certamente você vai ter que arrumar um tempo”.

Na perspectiva do biopoder, o tempo do não trabalho deve ser dedicado a atividades que garantam a produtividade. Todo o tempo deve ser ocupado com

---

<sup>88</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 12 e novembro de 2019.

<sup>89</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 12 e novembro de 2019.



atividades produtivas que garantam a sua continuidade. Dessa forma, não importa como, mas sim que o ato tenha sido cumprido (FOUCAULT, 1987). O argumento de que “é necessário reservar um tempo para cuidar da saúde, pois do contrário irá ficar doente” reforça a influência da biopolítica de incentivo à realização de atividade física presente na Lei nº 8.080/90.

### **1.5. Da proibição<sup>90</sup> ao incentivo**

Como mulheres e homens reagem às normas legais relacionadas à realização de atividades físicas? O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, proibia as mulheres de praticarem atividades físicas; já a Lei nº 12.864, de 24 de setembro de 2013, buscou incentivar tanto às mulheres quanto aos homens a realizar atividades físicas regularmente. Nota-se uma mudança na noção de saúde, em que a atividade física passou a ser considerada como um fator determinante e condicionante da saúde, incentivando mulheres e homens a realizar as mais diversas modalidades de atividades físicas.

As motivações fundamentadas no argumento da atividade física contribuir para a saúde estão sustentadas na ideia de medicalização dos corpos, presente no referencial teórico do biopoder (FOUCAUT, 1999), como pode ser observado na narrativa de Carmenta:

Eu sei que eu preciso fazer, independentemente de qualquer outra coisa, só que assim, a gente sempre procura um meio mais prazeroso né. Acho que o funcional acaba trazendo isso<sup>91</sup>.

O incentivo à realização de atividade física pelos órgãos de saúde não pode ser considerado como o único aspecto que influencia na decisão de praticar atividade física. A estratégia da sedução, do convencimento, da persuasão fica perceptível na narrativa de Carmenta, embora a justificativa mais recorrente para a realização de atividade seja a saúde.

Mediante a metodologia de história oral, foi possível identificar a presença da cobrança social sobre o corpo e como ela influencia na decisão final, como se observa na narrativa de Carmenta:

---

<sup>90</sup> O Decreto-Lei nº 3.199, art. 54 estabeleceu a proibição de práticas esportivas incompatíveis com a natureza feminina (DEVIDE, 2012).

<sup>91</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 19 de dezembro de 2019.

A questão da estética também é importante porque a gente sabe que quando faz exercícios acaba que todo mundo fala que a gente fica mais jovem né, rejuvenesce, ajuda a prevenir várias coisas, principalmente essa parte da estética. A gente é mulher, acaba se importando um pouco mais né. A questão da vaidade, a gente se preocupa, principalmente quando os anos vão passando e o metabolismo vai ficando mais lento. Com certeza a estética também é uma delas<sup>92</sup>.

A busca pela saúde é um dos argumentos utilizados para justificar a motivação para a realização de atividades físicas, evidenciando que a ação do biopoder se efetiva por meio de medidas adotadas pelo Estado. Porém, o biopoder atua por diferentes perspectivas, como foi possível observar na narrativa de Carmenta. A estética ou a busca pela beleza, apesar de não ser uma norma imposta por lei, acaba sendo uma norma criada socialmente. A ação massificante do biopoder, relacionada aos aspectos sociais ligados à beleza, faz com que mulheres e homens acreditem que a decisão é livre de influência, como é possível verificar na narrativa de Flora:

No início foi por conta da saúde e em seguida foi a estética, estou gostando, o corpo está ficando mais definido, tem também a questão da alimentação, eu comia muita massa, depois das mudanças comecei a comer bastante verdura, fruta, comida saudável, então fui desenvolvendo o hábito [...] uma coisa levou a outra, atividade física e alimentação saudável, hoje em dia estas coisas não são uma obrigação<sup>93</sup>.

A última parte da narrativa de Flora chama a atenção sobre a influência do biopoder “Hoje em dia estas coisas não são uma obrigação”. Thompson (2002, p. 149) alerta que o significado social da informação oferecida pela evidência da entrevista “situa-se em algum ponto entre o comportamento social concreto e as expectativas ou normas sociais da época”. O contexto em que a narrativa de Flora foi construída contribui para que ela a aceite sem grande resistência, visto que a atividade física, em Palmas, é um comportamento social desenvolvido pela população.

Tornar o ato natural, retirando dele qualquer possibilidade de questionamento, permite recorrer à noção teórica de Foucault (1987) sobre os corpos dóceis. De acordo com Diniz e Oliveira (2014, p. 150), “a ideia de um sujeito útil e dócil é uma concepção positiva utilizada por Foucault para dissociar os termos repressão e dominação que definiam a intervenção violenta do Estado sobre os cidadãos”, que ao determinar

---

<sup>92</sup> idem.

<sup>93</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 16 de dezembro de 2019.

como deve ser o comportamento, procura levá-los a acreditar que não é uma obrigação.

O corpo pode ser utilizado como um instrumento de controle pelo Estado, procurando manter a disciplina do corpo. Conforme Diniz e Oliveira (2014), a biopolítica impressa na legislação de saúde, que aponta a atividade física como determinante e condicionante da saúde, sinaliza para que a atividade física seja considerada como uma forma da biopolítica para construir o corpo economicamente mais ativo e politicamente mais dócil.

Na narrativa de Juno, apresentada a seguir, é possível perceber três aspectos que merecem análise:

No meu caso, tive dois filhos em sequência, então passei dois anos sem praticar atividade física e eu comecei a me sentir mal, sentir cansaço, aí eu optei por voltar a praticar para melhorar na questão da saúde<sup>94</sup>.

O primeiro aspecto a ser analisado é: “Tive dois filhos em sequência” - este argumento é apresentado como o fator que a impediu de continuar realizando atividade física regularmente. O segundo aspecto é: “Comecei a me sentir mal” - na narrativa apresentada por Juno, o “se sentir mal” foi exemplificado como sendo resultado do cansaço que passou a sentir após ter parado de realizar atividade física. O terceiro aspecto é: “Eu optei por voltar” - este aspecto foi justificado pela necessidade de melhorar a saúde.

Levando em consideração a análise da narrativa a partir de Thompson (2002), passa-se a observar a sequência dos fatos narrados. Nesse sentido, a importância do testemunho oral está não no apego aos fatos narrados, mas, antes, em sua divergência com eles. Para além dos argumentos apresentados por Juno, os três aspectos apresentados podem ser entendidos como sendo decorrentes do comportamento social ao qual Juno faz parte, ou seja, à luz do biopoder, basta que ela encontre razão em se manter dentro da norma.

Nesse sentido, a proposta dessa discussão foi apresentar como o biopoder, por meio dos seus mecanismos, influencia na decisão de realizar atividade física. O biopoder age a partir do que é construído socialmente em cada época e lugar, o que

---

<sup>94</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 16 de dezembro de 2019.

explica as razões pelas quais as pessoas passaram a realizar atividades físicas e entende-las como benéfica ao bem-estar da população em Palmas - TO.

Este estudo não se esgota na análise da influência do biopoder em relação à decisão de realizar atividade física, mas se amplia para a possibilidade de analisar como esse poder atua sobre o comportamento de mulheres e homens, uma vez que o entendimento é que a norma presente é uma construção social. Dessa forma, os estudos de gênero denunciam que as construções sociais para os corpos de mulheres e de homens são distintas.

## **CAPÍTULO II: CONTROLE DO CORPO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO**

Neste capítulo, busca-se ampliar o olhar sobre o controle do corpo evidenciando as diferenças entre o controle voltado ao corpo da mulher e o voltado ao corpo do homem. Para tanto, vale-se das fontes orais, por serem elas um olhar privilegiado da subjetividade, sendo essa um elemento importante para a percepção dessas diferenças. Como referencial teórico para essa discussão, recorre-se aos estudos de gênero e subjetividade como lupa para observar os mecanismos de controle do biopoder. No primeiro capítulo desta tese, discutiu-se sobre o poder disciplinar e o biopoder, sendo que o primeiro consiste numa ação individualizante e o segundo, massificante. Esses dois elementos são retomados neste segundo capítulo para refletir sobre a influência social e individual sobre o corpo.

Na segunda parte do capítulo 2, busca-se refletir sobre a influência social sobre o corpo, a qual, no contexto da atividade física, reforça as diferenças binárias, definindo o que é apropriado para o corpo da mulher e do homem.

Na terceira parte, discute-se a perspectiva individual do corpo, ou seja, como mulheres e homens lidam com os seus corpos, o quanto de influência cultural e social está presente no olhar que cada um tem sobre o seu próprio corpo e quando a subjetividade individual diferencia as experiências narradas por cada sujeita e cada sujeito nesta investigação.

Por último, discute-se por que as mulheres são maioria nos grupos que foram investigados neste estudo. Para esta reflexão, o objetivo foi entender o motivo dos homens não estarem nestes espaços e, num caminho inverso, entender o porquê de as mulheres representarem um percentual maior que o dos homens.

## 2.1. Escapando ao controle: uma análise das relações de gênero

Neste estudo, retomam-se as duas dimensões do controle desenvolvidas por Foucault (1987, 1999): a individual (disciplina) e a social (biopoder), para refletir sobre as diferenças entre o controle exercido sobre o corpo das mulheres e a exercida sobre o corpo dos homens, para tanto, recorre-se às discussões de gênero, buscando entender as razões dessas diferenças. Em seguida, evoca-se ao referencial teórico da subjetividade para entender como as mulheres e os homens reagem à subjetividade social e individual. Com esse desenho, busca-se analisar as narrativas das mulheres e dos homens que realizam atividades físicas na Praça dos Girassóis.

Quando Foucault (1987) discute sobre o poder que age sobre o corpo, está se referido ao poder disciplinar. Já quando se volta a um poder que age sobre a população, apresenta outro tipo de poder, o qual denomina como biopoder (FOUCAULT, 1999). Retoma-se essa explicação para levantar um questionamento: as reflexões de Foucault (1987, 1999) quanto à preocupação da população com o corpo não explicam o motivo de mulheres e homens possuírem cobranças diferentes para esse aspecto. Isso sinaliza para a necessidade de se discutir o que é gênero.

Sobre esse aspecto, Lagarde (1996) explica que gênero é uma construção social do ser no mundo, ou seja, está relacionado às ações, comportamentos, atitudes, maneira de atuar e de se relacionar; liga-se ao conjunto de coisas que o ser humano pode ou não fazer, dizer ou pensar. Gênero, para a autora, corresponde à ordem sociocultural dos seres humanos sobre a base da sexualidade<sup>95</sup>. E essa é o que diferencia o controle do corpo das mulheres do controle do corpo dos homens. Dessa forma, a diferença sustentada na sexualidade assegura o poder de um gênero sobre o outro (LAGARDE, 1996).

De acordo com Scott (1990, p. 26), “as estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e feminino”. O processo de desconstrução das diferenças de gênero atua no sentido de

---

<sup>95</sup> De acordo com Lagarde (1996), a sexualidade corresponde a uma construção sócio-histórica de ordem genérica que tem o homem como representação da humanidade.

promover o deslocamento das construções hierárquicas, resistindo à ideia de que tal diferença é natural.

A desnaturalização das diferenças de gênero é um caminho possível. Para tanto, é necessário compreender o significado social do que se ensina e se entende como macho/fêmea, masculino/feminino (SCOTT, 2012). Ao se construir representações de igualdade na diferença para as mulheres e homens, acredita-se estar construindo uma sociedade melhor para os gêneros.

Scott (1990, p. 21) explica que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. O pensamento de que gênero é uma construção social é corroborado por Susan Moller Okin (2005, p. 306) afirma que gênero corresponde à institucionalização social das diferenças entre os sexos.

Scott (2012) esclarece, ainda, que gênero foi usado para analisar as relações entre os sexos e a desigualdade de poder, buscando romper com o determinismo biológico. Assim, gênero é “um lugar de lutas sobre o que conta como natural e o que conta como social” (SCOTT, 2012, p. 345).

A ênfase dos estudos de gênero às desigualdades é, para Scott (2005), um paradoxo, pois ao reivindicar direitos, recorre-se às diferenças e corre-se o risco de reforçá-las ainda mais. Com isso, as desigualdades são ao mesmo tempo afirmadas e negadas.

Scott (2005, p. 24) aponta que “somente aqueles que não se assemelham ao indivíduo normativo tem sido considerado diferente”. Isso sustenta a diferença de controle entre o corpo da mulher e o corpo do homem. Nesse sentido, as discussões de gênero são postas para questionar “as regulações normativas que estabelecem os papéis de gênero<sup>96</sup>” (SCOTT, 2012, p. 346). Assim, considerando que as atividades físicas acabam, em alguma medida, reforçando as diferenças biológicas entre os

---

<sup>96</sup> Papéis de gênero aqui são entendidos como “comportamentos e atitudes socialmente esperados pelos membros de uma sociedade, diferenciados por sexo, pois falar de papéis de gênero é falar de padrões, regras que uma dada sociedade estabelece para com seus membros. Eles definem comportamentos e formas de as pessoas se relacionarem. O aprendizado de papéis leva ao conhecimento e à internalização de modelos daquilo que se considera adequado, ou não, para um homem ou para uma mulher em dada sociedade” (PARENTE, 2007, p.105).

sexos, pode-se entender ser essa a “norma” que os estudos de gênero buscam questionar.

A norma que pressupõe o controle pelo qual os corpos estão sujeitos está imbuída de significações sociais e culturais. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior (2020, p. 261), essas significações estão associadas ao fato de “cada ser humano possui[r] o corpo que sua cultura permite que sua ordem social prescreva e possibilita”. Assim, o corpo é “um artefato, uma construção humana”.

Para dialogar com os estudos de gênero, recorre-se à compreensão da subjetividade, com base em Fernando González Rey (2016), sob a perspectiva histórico-cultural como forma de desenvolver novas inteligibilidades (PATINO TORRES; GOULART, 2016) voltada à realização, ao ar livre, de atividades físicas nas áreas públicas de Palmas, capital do Estado do Tocantins.

Para González Rey (2016), a subjetividade é uma característica intrínseca à experiência humana e envolve processos emocionais e simbólicos. Esses processos geram sentidos subjetivos a partir do contato entre múltiplas subjetividades individuais que, em contato com a subjetividade social, promovem novos processos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2016).

Os aspectos subjetivos da experiência humana, como os que serão apresentados neste capítulo a respeito das mulheres e dos homens que praticam atividades físicas na Praça dos Girassóis, em Palmas – TO, permitiram desenvolver novos campos de inteligibilidade (PATINO TORRES; GOULART, 2016).

A subjetividade anda na contramão de discursos homogeneizantes, pois as produções subjetivas representam uma ameaça ao comportamento que se quer naturalizar. É por isso que a subjetividade deve ser analisada dentro da sua processualidade, afinal as produções subjetivas estão presentes nas ações humanas. Devido ao seu caráter gerador de subjetividade, as experiências vividas são propulsoras de novas subjetividades.

González Rey (2016) atribui algumas características à subjetividade, são elas: 1) tem um caráter processual, singular e gerador da psique humana; 2) inclui a consideração dos processos simbólico-emocionais nas produções psicológicas emergentes no curso das ações do sujeito; 3) abarca as dimensões individual e social entrelaçadas como unidade no curso das experiências da pessoa; 4) dá destaque à sujeita e ao sujeito, enquanto posicionamento subjetivo fundamental na qualidade de suas experiências.

A construção teórica da subjetividade de González Rey (2016) pressupõe a presença de cinco categorias, a saber: sujeito; sentidos subjetivos; configurações subjetivas; subjetividade individual e subjetividade social.

A categoria “sujeito” representa a capacidade de gerar e movimentar recursos subjetivos no campo das tensões que promove o indivíduo à condição de sujeito no curso da ação. Contudo, não se é sujeito o tempo todo, ou seja, o sujeito emergirá sempre que as emoções estiverem comprometidas com as ações do indivíduo em diferentes instâncias da vida (GONZÁLEZ REY, 2017).

O sujeito é capaz de se posicionar e de se confrontar a partir de seus projetos, pontos de vista e reflexões pessoais, ou seja, sempre que esses processos representarem produções de sentidos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2017). O sujeito é pessoa ativa, reflexiva, questionadora, confrontadora que não se submete às vozes imperativas e ditatoriais. Como corroboram Souza e Patino Torres (2019, p. 48, “por ser socialmente constituído, o sujeito pode, no percurso de sua história, subordinar-se aos elementos caracterizadores dos diferentes espaços sociais ou gerar alternativas que expressam opções singulares dentro da socialização nesses espaços”.

Por meio de processos reflexivos sobre as experiências vividas, o sujeito modifica o contexto social com o qual está interagindo. Ele emerge nos espaços de tensão gerando um caminho alternativo de subjetivação dentro dos espaços normativos institucionais (GONZÁLEZ REY, 2017). Sobre o sujeito pesam as influências decorrentes tanto da cultura, quanto das experiências pessoais vividas ao longo da história.

O indivíduo, na condição de sujeito, é alguém com capacidade para abrir caminhos subjetivos nos espaços da vida social. Nessa condição, rompe com as limitações impostas, superando as condições que antes se apresentavam como imutável ou irreversível (GONZÁLEZ REY, 2017). Assim, a condição de sujeito é fulcral para a geração de rotas alternativas ao enfrentamento de questões que são apresentadas como limitadoras do desenvolvimento subjetivo.

A categoria “sentidos subjetivos” é definida como a unidade inseparável dos processos simbólico e emocional. A interação do simbólico com o emocional garante o sentido necessário às experiências humanas em suas inter-relações, seja com os indivíduos, com os espaços sociais ou com quaisquer elementos culturais desenvolvidos nesse processo (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).



Como unidades simbólico-emocionais, os sentidos subjetivos formam uma rede subjetiva maleável e em constante fluxo que não expressam uma linearidade com os fatos da vida social e individual da pessoa (GONZÁLEZ REY, 2016). Os sentidos subjetivos de uma determinada experiência não estão restritos a essa experiência em si; eles se unem a sentidos subjetivos de outras vivências formando novas unidades subjetivas (SOUZA; PATINO TORRES, 2019; GONZÁLEZ REY, 2016).

Embora os sentidos subjetivos não sejam uma produção consciente da pessoa, o modo como ela interage em diversos espaços e relações sociais permite que seja produtora de novas subjetividades. Os sentidos subjetivos de uma experiência não podem ser conhecidos a priori e nem intencionalmente produzidos pela pessoa no ato concreto da ação ou definidos por conteúdos intrinsecamente associados ao fato vivido (SOUZA; PATINO TORRES, 2019).

A categoria “configuração subjetiva” compreende uma “organização subjetiva de um campo de experiência do sujeito” (SOUZA; PATINO TORRES, 2019, p. 43). Ela é uma fonte permanente de sentidos subjetivos. Cada indivíduo traz consigo as experiências vividas, que em contato com outras experiências, possibilitam interações dialógicas, ampliando o leque de possibilidades de compartilhamento de símbolos, ritos e sinais (SOUZA; PATINO TORRES, 2019). A configuração subjetiva é o elemento central para a compreensão do modo subjetivo como vivemos a vida em suas dimensões social e individual (GONZÁLEZ REY, 2004).

As categorias: “subjetividade social” e “subjetividade individual” representam uma unidade no processo de produção subjetiva, a partir da perspectiva de González Rey (2004). A esse respeito, o que distingue as duas categorias é que a subjetividade social se constitui na dinâmica das relações sociais, as quais organizam as configurações subjetivas; já a subjetividade individual é formada nas configurações subjetivas geradas no decurso das experiências diferenciadas e singulares de cada indivíduo (SOUZA; PATINO TORRES, 2019).

Esses dois aspectos da subjetividade serão explorados nos tópicos seguintes: “O controle social sobre o corpo” e a “(In)satisfação com o corpo”. A subjetividade social, nessa discussão, representa a materialização da “norma” de Foucault (1999) e a subjetividade individual corresponde àquela que singulariza cada sujeita e cada sujeito, pois é constituída tanto pelas influências sociais quanto pelas experiências vividas no decurso da vida. Este é o aspecto que permite escapar ao controle, não o tempo todo, mas, a cada vez que isto acontece permite uma mudança de trajetória,

garantindo que cada sujeita e cada sujeito seja singular, como será apresentado nos tópicos seguintes.

## 2.2. Subjetividade social e individual em relação ao corpo

Esta discussão tem por objetivo chamar a atenção para os elementos que envolvem a influência social em relação ao corpo. Pretende-se, por meio das narrativas de história oral, entender como essa influência se desenvolve no cotidiano de mulheres e de homens. Para tanto, mulheres e homens foram convidados a falar sobre esse tema.

Primeiramente, apresentam-se as considerações das mulheres e, em seguida, a dos homens, buscando com isso saber se as cobranças sobre o corpo são as mesmas para mulheres e homens.

Para analisar a percepção das mulheres sobre a influência social em relação ao corpo, toma-se como objeto de análise a narrativa de Tulere sobre a existência ou não de cobrança em relação ao seu corpo.

Às vezes no trabalho, acho que é onde a gente passa a maior parte do tempo, a probabilidade lá é maior, é no trabalho que as pessoas cobram mais. Família também, às vezes comenta. Às vezes não é nem questão de cobrança, são comentários, sempre alguém tem que falar alguma coisa e tal. Então no trabalho acaba que alguém percebe e comenta alguma coisa<sup>97</sup>.

Na narrativa de Tulere é possível observar duas situações: a primeira é que a cobrança acontece no trabalho e na família. Ela não menciona, por sua vez, se a cobrança a que está se referindo parte de mulheres ou de homens, ou de ambos. A segunda situação que foi possível conjecturar é que a cobrança a que Tulere se refere corresponde ao controle social teorizado por Foucault (1999), o que permite inferir que, de fato, existe uma cobrança social e que esta busca influenciar as pessoas em relação a uma norma a ser cumprida. A norma, de acordo com Foucault (1999), é o que circunda entre a disciplina e a regulamentação, ou seja, a norma é o que define o ideal<sup>98</sup> a ser seguido. Sobre isso, Tulere exemplifica as cobranças a que está submetida:

---

<sup>97</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 13 de novembro de 2019.

<sup>98</sup> O ideal no contexto apresentado faz referência ao tamanho dos seios.

[...] pessoas da minha família já me falaram – ah! Porque você não coloca silicone, você vai ficar muito mais bonita [...] eu não almejo isso para mim, ter peito – ah! Se você colocar peito, você vai ficar mais bonita, eu não vejo esta necessidade, eu me sinto bem assim não tenho a vontade de me cortar e ter um objeto estranho dentro de mim, porque eu sei que não vou me sentir bem<sup>99</sup>.

Para refletir sobre a representação social que os seios têm na cultura brasileira, recorre-se a Alice Angelita Jaeger e Silvana Vilodre Goellner (2011, p. 91): “os seios femininos volumosos foram e são discursivamente posicionados em nossa sociedade com um dos atributos centrais da representação da beleza e sensualidade feminina”<sup>100</sup>. Como explicam as autoras, as atletas são “interpeladas por esses discursos e recorrem às cirurgias estéticas para recuperar uma das características centrais para a mulher que faz ruir certas suspeições acerca do seu corpo, mantendo nele os códigos convencionais de um jeito feminino de ser”. Sobre essa situação, Sant’Anna (2016) aponta que o Brasil representa uma espécie de paraíso da cirurgia plástica, no qual as mulheres são as que mais se submetem a esses procedimentos.

As cobranças lançadas a Tulere são feitas, como ela descreve, em forma de “comentários”. Assim, de acordo com Scott (2005), a norma é manter os sexos com características diferentes. Ao manter as diferenças biológicas bem-sinalizadas, a norma cumpre o seu objetivo, resultando nas diferenças de gênero, visto que são eminentemente sociais.

A norma, no contexto analisado, pode ser entendida como a influência social sobre as quais as pessoas estão sujeitas. Dessa forma, embora Tulere reconheça a presença da cobrança social sobre o corpo: “É no trabalho que as pessoas cobram mais. Família também, às vezes comenta”, para ela, pelo fato de não haver uma ordem explícita, não estaria se tratando de uma cobrança.

A substituição do termo “cobrança” por “comentário” constitui uma estratégia de Tulere para suavizar o fato narrado. Entende-se como sua capacidade subjetiva de interpretar o fato narrado, haja vista que “[...] a subjetividade é um elemento incontrolável, irresistível, idiossincrático” (PORTELLI, 1996, p. 03). Nesse sentido,

---

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> Vale ressaltar que o ideal de seios volumosos não é um dado e sim um processo histórico e datado.

mais importante que o fato narrado é o sentido presente na narrativa, que, no caso, corresponde à cobrança sobre o seu corpo.

Pedi-se a Tulere que comentasse sobre o controle da sociedade em relação ao corpo. Da narrativa, inferiu-se que esse ocorre de muitas maneiras, algumas implícitas outras não. Para contextualizar a narrativa, entre as informações que a entrevistada apresentou, uma delas é que ela é corredora e, por este motivo, o seu corpo, por vezes, é criticado, ora porque é magra ora porque os seios são pequenos. Tulere conta que os treinos fizeram com que perdesse medidas, em especial, no que se refere ao tamanho dos seios:

Tem muitas pessoas que cobram isto, uma sociedade do corpo perfeito, que é o caso que eu te falei de – ah! Porque você não coloca um silicone, você vai ficar mais bonita, então, infelizmente existe. Acho que por isto, que existe tanta cirurgia hoje em dia, para a pessoa que deseja ficar bonita, tipo assim, do dia para a noite<sup>101</sup>.

A partir da narrativa de Tulere é possível inferir que a cobrança em relação aos seios é uma forma de demarcar<sup>102</sup> as diferenças biológicas. Assim, quanto mais próximas as mulheres estiverem dos ideais criados para elas, menos perigo elas representam para a “norma”. O argumento utilizado para que as mulheres permaneçam obedecendo à norma é a sedução: “Você vai ficar mais bonita”. A sedução é o que diferencia o poder disciplinar do biopoder (FOUCAULT, 1999). O biopoder tem na norma a estratégia para convencer as pessoas, a norma é o que se aproxima do entendimento que se tem de uma construção social.

A subjetividade presente no fato narrado por Tulere, quando descreve que “Tem muitas pessoas que cobram [...] o corpo perfeito”, permite inferir que o controle sobre o corpo, em alguma medida, busca convencê-la a atender aos ideais socialmente valorizados.

Foi possível observar que nem sempre Tulere se deixa convencer pelos ideais socializantes, visto que ela se manifesta desfavorável à mudança no seu corpo por meio de intervenção cirúrgica.

---

<sup>101</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 13 de novembro de 2019.

<sup>102</sup> “Refere-se, portanto, a uma ferramenta teórico-conceitual para análises de sistemas e categorias de classificação que organizam a vida social, possibilitando a compreensão dos sistemas de desigualdade e produção de assimetrias” (MELO; MALFITANO; LOPES, 2019, p. 1065-1066).

Tulere se refere às “pessoas que desejam [...]” se submeter ao procedimento cirúrgico: “Acho que por isto que existe tanta cirurgia hoje em dia, para a pessoa que deseja ficar bonito, tipo assim, do dia para a noite”. Nota-se que ela não se inclui entre estas pessoas. Tal posicionamento, de acordo com González Rey (2016), coloca Tulere como sujeita, pois questiona a norma posta, promovendo processos reflexivos que a levam a negar um determinado imperativo. A condição de sujeita significa desenvolver a capacidade de abrir caminhos subjetivos que permitem se posicionar diante das cobranças impostas.

Outra mulher convidada a narrar sobre a sua percepção em relação ao controle do corpo foi Ceres. Ela não se deteve em falar diretamente sobre o tema controle do corpo, apesar de implicitamente reconhecer a sua influência, sua preocupação foi relatar sobre o seu contrário, ou seja, de como não se percebe influenciada pelos ideais atribuídos ao corpo da mulher.

Acho que as pessoas não têm a maturidade que eu tenho hoje. No passado eu também já pensei diferente, pensava em ser magrinha, queria ser bonitinha, hoje não, o meu pensamento é outro, além da beleza tem a questão da saúde, da interação social, uma vida assim, mais agradável, mais compatível com aquilo que eu busco<sup>103</sup>.

Ceres fala que seu pensamento agora é outro: a preocupação não se resume apenas a querer ser bonita, outras preocupações foram acrescentadas. Assim, o “outro” a que Ceres se refere não corresponde a uma mudança total: “Além da beleza, tem a questão da saúde, da interação social”. A preocupação com a saúde e com a interação social, presente no seu hoje, revela uma preocupação do passado que foi se diluindo e, no presente, não se constitui mais como uma preocupação maior: o “ser bonitinha”.

Essa narrativa compõe os três elementos a que Portelli (2017) descreve como sendo a importância das fontes orais: o primeiro é que as fontes orais trazem “um fato do passado”, que na narrativa de Ceres se relaciona ao pensamento que tinha no passado: “Pensava em ser magrinha, queria ser bonitinha”. O segundo é que as fontes orais apresentam um “acontecimento histórico”, ao que a fonte oral acredita. Nesse caso, ao que Ceres demonstra acreditar, ser a verdade: “Hoje não, o meu

---

<sup>103</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 12 de novembro de 2019.

pensamento é outro”; e terceiro, um fato do presente, o qual Ceres descreve: “Hoje não, o meu pensamento é outro, além da beleza tem a questão da saúde, da interação social, uma vida assim, mais agradável, mais compatível com aquilo que eu busco”.

Sobre o fato narrado por Ceres, identifica-se a presença de duas categorias da subjetividade teorizada por Rey (2016): a subjetividade social, que no caso diz respeito à influência social a que Ceres está ou esteve sujeita - “ser magrinha”; e a subjetividade individual, que é aquela “formada nas configurações subjetivas geradas no decurso das experiências diferenciadas e singulares de cada indivíduo” (SOUZA; PATINO TORRES, 2019, p. 50), que a levou a incluir em suas prioridades a saúde e a interação social.

A subjetividade individual é o que torna a sujeita e o sujeito singulares, visto que, apesar de cada indivíduo compartilhar os mesmos espaços sociais, os sentidos subjetivos e configurações subjetivas não são os mesmos, como narra Ceres: “Hoje não, o meu pensamento é outro”. Esse aspecto acontece porque tanto os sentidos subjetivos quanto as configurações subjetivas vão sendo constituídos no decurso das experiências vividas por cada pessoa de forma singular (SOUZA; PATINO TORRES, 2019). Esse aspecto da subjetividade individual permite que o sujeito escape, em alguma medida, ao controle da norma.

Várias são as pessoas que compartilham o mesmo espaço<sup>104</sup> e as mesmas atividades<sup>105</sup> que Ceres, e certamente, cada experiência se diferencia da outra pela singularidade que cada sujeita e cada sujeito construíram ao longo da vida. Importante ressaltar que, guardadas as particularidades de cada sujeita e cada sujeito, todos, em alguma medida, são influenciados pela cobrança social sobre o corpo, visto que essa cobrança está naquele espaço, o espaço de construção de um corpo socialmente idealizado.

Sobre a cobrança social para o corpo dos homens, a partir da percepção dos homens, apresenta-se a narrativa de Poseidon:

Quanto à cobrança voltada para os homens, hoje, muito mais do que antes, [...] anos atrás não existia tanta cobrança em relação a estética, hoje, com esta nova demanda, [...] ele vai buscar o corpo perfeito, o homem não ia ao cabeleireiro, hoje ele vai, vai fazer a barba, ele vai fazer luzes, ele vai no cabeleireiro fazer cortes, o mesmo acontece em relação a atividade física, ele

---

<sup>104</sup> A Praça dos Girassóis.

<sup>105</sup> Atividades relacionadas ao treinamento funcional e corrida.

quer emagrecer, ele quer ir à academia para ficar forte, então hoje os homens são cobrados<sup>106</sup>.

Na narrativa de Poseidon percebe-se que o controle sobre o corpo dos homens é uma realidade do presente, o que significa que a norma também é direcionada aos homens: “Então hoje os homens são cobrados” e reforça “São muito cobrados”. O reforço pode ter muitos significados, mas um que é possível inferir a partir das questões de gênero é decorrente da crise das “categorias binárias de classificação que caracterizam a maioria das culturas humanas” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020, p. 262).

A norma a que Poseidon chama de “corpo perfeito” para os homens e que a atividade física pode potencializar é “ele quer ir à academia para ficar forte”. Outro aspecto da narrativa de Poseidon está atrelado à estética: “[...] ele vai buscar o corpo perfeito, o homem não ia ao cabeleireiro, hoje ele vai, vai fazer a barba, ele vai fazer luzes, ele vai no cabeleireiro fazer cortes”. A essas preocupações Albuquerque Junior (2020, p. 264) denominam de ornamentos utilizados para fabricar corpos a partir da “encarnação de projetos e modelos de corpo, cultural e socialmente produzidos”.

Ainda, da fala de Poseidon destaca-se a questão das mudanças culturais em relação ao que é posto como importante para o corpo dos homens. Isso revela, em alguma medida, fissuras relacionadas aos ideais de masculinidade presentes nos diferentes contextos sociais a que Poseidon se refere.

A seguir, discute-se sobre a outra dimensão do controle presente no poder disciplinar: a dimensão individual, o que pode levar, entre outros fatores à (in)satisfação com o próprio corpo. Esse aspecto da relação com o corpo também é de interesse dos estudos de gênero, visto que busca reforçar as categorias binárias.

### **2.3. (In)satisfação<sup>107</sup> com o próprio corpo**

A (in)satisfação com o próprio corpo foi um tema proposto para refletir sobre como o poder disciplinar atua no cotidiano das mulheres e dos homens que realizam atividades físicas na Praça dos Girassóis.

---

<sup>106</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

<sup>107</sup> Recorreu-se à utilização do termo (in)satisfação para abranger tanto as situações de insatisfação quanto de satisfação com o corpo, visto que as narrativas apresentam as duas situações.

No contexto das atividades físicas, o controle do corpo faz referência à estética (aspecto corporal) e à performance (desempenho corporal). Nesse sentido, busca-se entender, a partir das falas das sujeitas e dos sujeitos, a relação existente entre o controle social e cultural construído com a realização das atividades físicas.

A respeito da modificação do corpo da mulher e do homem por meio da realização de atividades, recorre-se a Albuquerque Junior (2020) pela discussão promovida em torno do corpo fabricado. Conforme o autor, “o corpo humano é a encarnação de projetos e modelos de corpos, culturalmente e socialmente produzidos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020, p. 264).

As atividades físicas, a partir do que Albuquerque Junior (2020) traz como tecnologia<sup>108</sup> que fabrica corpos, compreendem uma encenação social que exige da mulher um corpo diferente do homem. Essas diferenças são trazidas para discussão a partir do que as sujeitas e os sujeitos narram sobre o que é importante para os seus respectivos corpos no contexto da realização de atividades físicas.

A narrativa de Diana parte de um lugar de fala de uma profissional de educação Física que atua na prestação de serviços de treinamento funcional. Nessa posição, ela descreve que as mulheres que a procuram, apresentam a seguinte demanda:

“[...] Eu quero ter a coxa grossa, eu quero ter o bumbum duro e grande e eu quero diminuir o meu abdômen, 90% das mulheres querem isto”<sup>109</sup>.

Já os homens, afirma Diana, buscam o desempenho na corrida:

“[...] Eles estão em quantidade reduzida, são os que menos conversam, eles são mais focados naquilo que eles querem, quando eles chegam, eles não querem conversar, ele quer treinar e pronto”<sup>110</sup>.

Conforme Albuquerque Junior (2020, p. 265), “os corpos são linguagem, são símbolo, são signos, por isto significam e comunicam”. Assim, as escolhas que marcam o corpo de mulheres e de homens visam transmitir uma mensagem, como explica a entrevista de Diana, em que é possível deduzir que as mulheres buscam a

---

<sup>108</sup> Albuquerque Junior (2020, p. 264) apresenta como tecnologia que fabrica corpos a “encarnação de projetos e modelos de corpos, culturalmente e socialmente produzidos” e exemplifica “as intervenções das cirurgias plásticas, os procedimentos estéticos e dermatológicos” e acrescentam-se, neste estudo, as atividades físicas.

<sup>109</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 8 de janeiro de 2020.

<sup>110</sup> idem.



estética e os homens, o desempenho. Todavia, para além da fala de Diana, interessa, neste estudo, saber o que influencia essa decisão.

A percepção de Diana sobre o que as mulheres buscam com as atividades físicas, para além da estética, faz referência à necessidade de interação. Já no caso dos homens, infere-se que há uma influência social ligada à necessidade de evidenciar virilidade e força.

No contexto de um espaço de valorização dos aspectos físicos como é o espaço em que as pessoas realizam atividades físicas, Carmenta foi convidada a falar sobre o que mudaria no seu corpo, se pudesse:

Acho que eu tiraria um pouquinho da barriga, sempre é a bendita da barriga. A gente come um docinho, parece que vai só para barriga, não vai para outro lugar não<sup>111</sup>.

A narrativa de Zeus traz uma preocupação parecida:

O que me chama mais atenção é a barriga, eu não quero ficar um coroa barrigudo, aí tem que treinar para quebrar a barriga<sup>112</sup>.

As narrativas de Carmenta e Zeus trazem a mesma preocupação, a barriga<sup>113</sup>, o que leva a presumir que esteja relacionada à insatisfação do corpo, sendo esta decorrente de uma necessidade socialmente construída. A subjetividade social, de acordo com Elias Caires de Souza e José Fernando Patino Torres (2019), é uma dinâmica que se constrói nas relações sociais dos grupos. Nesse caso, faz referência à preocupação com a barriga, estando presente na narrativa tanto de Carmenta quanto de Zeus.

Em outra perspectiva, a descrição de Ceres sobre a relação com o seu corpo mostra-se amistosa, o que permite inferir a presença da subjetividade individual, que corresponde àquela construída no decurso de processos subjetivos que permitiu, em alguma medida, negar os ideais de corpo, como os relatados por Zeus e Carmenta. O caso de Ceres se mostra diferente, pois sua preocupação é com o envelhecimento e não com uma parte específica do corpo.

---

<sup>111</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 19 de dezembro de 2019

<sup>112</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

<sup>113</sup> A invenção “da ‘barriga negativa’ atualmente divulgada em textos e imagens como modelo de excelência corporal para ambos os sexos (o vocabulário desta exigência é criativo, pois há também a ‘barriga zero’, a ‘barriga chapada’, ‘a barriga tanquinho’”( SANT’ANNA, 2014, p. 4).

A relação com o meu corpo é muito boa, me olho no espelho, gosto do que vejo. Eu tenho 48 anos, gosto do que vejo, gosto da comunicação que eu passo para o espelho e do espelho comigo. O fato de estar envolvida com atividade física, talvez eu esteja adquirido aí de 5 a 10 anos de vida a mais em comparação com os meus pais que estão sem fazer atividade física<sup>114</sup>.

De acordo com Albuquerque Junior (2020, p. 261), o corpo faz parte da cultura e é por ela moldado, ou seja, “possuir um corpo depende de um aprendizado, de processos educativos, de pedagogias que atuam no cotidiano e nos vários âmbitos da vida social”. Nesse sentido, a narrativa de Ceres leva a entender que é satisfeita com o seu corpo, apesar do controle decorrente das construções culturais que estabelece como norma um determinado artefato de corpo. Todavia, Ceres demonstra certa preocupação com a idade ou em retardar os efeitos da idade. De encontro a essa preocupação, a narrativa de Zeus aponta que a preocupação com a idade não é apenas das mulheres, mas, também, dos homens.

“[...] O meu condicionamento [físico] está bom. Hoje eu estou com 35 anos, eu não acreditava que depois dos 35 anos eu estaria com minha forma física plena”<sup>115</sup>.

A atividade física, tanto no caso narrado por Ceres quanto no narrado por Zeus, atua como uma espécie de controle do tempo, e, nas duas narrativas, aparece com o poder capaz de retardar os efeitos do tempo: na fala de Ceres, quando menciona “Talvez eu esteja adquirindo aí de 5 a 10 anos de vida a mais em comparação com os meus pais”, ou na narrativa de Zeus: “Eu não acreditava que depois dos 35 anos estaria com minha forma física plena”. A cobrança social referente à necessidade de uma aparência jovem é explicada por Sant’Anna (2014, p. 3):

Evidentemente, os homens não são poupados de tal tarefa. A busca de uma aparência jovem e obediente aos padrões da moda tende historicamente a recair sobre ambos os sexos. Entretanto, é sobre as mulheres que as inúmeras expectativas de ter um corpo “em forma” e sem as marcas da velhice, recaem com maior naturalidade e rigor.

---

<sup>114</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 12 de novembro de 2019.

<sup>115</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

A necessidade de parecer mais jovem do que realmente se é, também pode ser decorrente da construção cultural e social a que sujeitas e sujeitos estão inseridos. Sant’Anna (2018, p. 6) esclarece que no Brasil, um país “de Jovens”, ter esta aparência é um imperativo, tanto para mulheres como para homens, pois em “[...] países com uma população majoritariamente formada por jovens [...] intensifica-se a exigência para apagar dos corpos as marcas da idade”.

A atividade física, como apontada no contexto das narrativas de Ceres e Zeus, pode ser entendida como um mecanismo utilizado para atender à norma. O corpo considerado fora da norma, a que os estudos feministas buscam questionar, estão contidos na descrição trazida por Goellner (2010, p. 75): “[...] corpos indesejáveis multiplicam-se em gordos, feios, andróginos, drogados, velhos, deficientes, flácidos, inaptos, lentos, gays”, por isso manter-se jovem é uma preocupação tão presente em uma sociedade que valoriza a juventude como norma.

A narrativa de Tulere, apresentada a seguir, traz alguns elementos importantes de análise, tanto no sentido de como escapar ao controle do poder, quanto como ser por ele capturado.

Eu acho que cada pessoa tem um biotipo, acho que não importa, as pessoas – ah eu queria ter o corpo de fulano, se a pessoa se sente bem, para mim aquele é o corpo ideal [...]. Na verdade, hoje eu sou satisfeita com o meu corpo [...].

O que a narrativa de Telure permite abstrair é que ela entende que a anatomia do corpo é singular, e, no seu entendimento, isso influencia para que cada um se sinta bem como o seu próprio corpo. Telure defende a ideia de que, por ser singular, não haveria a necessidade das pessoas quererem um corpo diferente do que tem.

Todavia, a narrativa de Telure apresenta uma questão que leva a crer ter sido ela capturada pelo poder: “Hoje eu sou satisfeita com o meu corpo [...]”. Essa afirmação produziu o seguinte questionamento: O que teria mudado no corpo de Telure que a faz se sentir “hoje” satisfeita com o seu corpo? Durante a entrevista, Telure narrou que era gorda e que o momento mais difícil para ela era na hora de comprar uma roupa, pelo fato de não poder escolher a que desejava, e sim a que lhe servia. Esse aspecto lhe causava muita dor.

O sentido subjetivo decorrente dessa experiência desencadeou em Telure processos simbólicos e emocionais que lhe permitiram promover mudanças em sua rotina. Tais mudanças possibilitaram uma melhor relação com o seu corpo, como pode

ser observado na sua afirmação de que hoje é satisfeita com o seu corpo. A este respeito Sant'Anna (2014, p. 9) traz que “as narrativas referentes ao sofrimento do obeso incluíram a dor de carregar um corpo” diferente da norma.

A possibilidade de analisar os significados dos fatos narrados permite recorrer ao que Albuquerque Junior (2020) denomina por identidade de gênero. A identidade de gênero tem relação com o processo de autopercepção e com o processo de identificação.

A autopercepção permite às sujeitas e aos sujeitos se relacionar com o corpo para além das convenções sociais e culturais determinada para o corpo biológico, aspecto este presente na narrativa de Telure: “Se a pessoa se sente bem, para mim aquele é o corpo ideal”. Já no processo de identificação é necessário atender à norma da classificação binária para que haja a aceitação do corpo, caso contrário ocorre o estranhamento com o próprio corpo.

O fato de Telure estar “hoje” satisfeita com o próprio corpo pode estar associado tanto com a aproximação da norma, no caso de perceber seu corpo dentro da norma, quanto o seu contrário, a satisfação de Telure pode ser em decorrência de ter saído das gavetas binárias, que definem como deve ser o corpo das mulheres e como deve ser o corpo dos homens (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020).

A narrativa de Apolo traz mais elementos de como o corpo pode escapar ao controle do poder, mas, também, de como o poder pode, numa linha tênue, determinar o controle sobre o corpo. A narrativa de Apolo traz ainda os ideais de corpo construído social e culturalmente para o corpo do homem.

O ideal de corpo é muito pessoal, tem uns que se sentem bem, mais musculoso [...]. Acho que você tem que gostar do seu corpo, não cobrar demais do seu corpo.[...] Eu gosto do meu corpo, apesar de eu [riso] sou zambeto, corcunda, mas eu não ligo muito para isto não. Deus me fez desta maneira [riso] eu não vou questionar nem reclamar, porque tenho estes problemas<sup>116</sup>.

Apolo, na parte inicial de sua narrativa, dá a entender que não importa o formato do corpo que é apresentado como sendo o ideal, e sim o que cada um, a partir da subjetividade individual, entende ser o corpo ideal para si. A subjetividade individual, de acordo com Gonzalez Rey (2016), consiste nos processos subjetivos em que as

---

<sup>116</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 19 de dezembro de 2019.

sujeitas e os sujeitos assimilam tanto as influências sociais, quanto as experiências vivenciadas ao longo da vida. Esse aspecto da subjetividade individual permite entender que, apesar da influência social, cada sujeita e cada sujeito ao longo da vida, constroem os significados do que para ambos é importante de ser considerado em relação ao seu corpo.

O gostar do seu corpo, apresentado na narrativa de Apolo, está diretamente associado ao que Souza e Patino Torres (2019) denominam como configuração subjetiva. De acordo com os autores, a configuração subjetiva é uma fonte permanente de sentidos subjetivos; cada indivíduo vai acumulando experiências ao longo de sua vida, e sempre que uma nova experiência é vivenciada, ela é colocada em contato com experiências vivenciadas anteriormente, num processo de interação dialógica, ampliando desta forma as possibilidades de, ao mesmo tempo, considerar as influências sociais, sem ter que ser totalmente dominado por elas, tal como propõe Apolo: “Acho que você tem que gostar do seu corpo, não cobrar demais do seu corpo”.

Apolo afirma que gosta do seu corpo, apesar de relatar alguns aspectos físicos, os quais socialmente podem ser lidos como um problema: “Sou zambeto, corcunda”, e continua, “mas eu não ligo muito para isto não”. Apesar de afirmar que não se importa “muito” com esses aspectos físicos, Apolo denota que, em alguma medida, se importa com o que ele entende como sendo um problema.

O aparente conformismo de Apolo na frase: “Deus me fez desta maneira [riso] eu não vou questionar nem reclamar, porque tenho estes problemas”, demonstra que o fato de “aceitar” o corpo que possui não significa que esteja satisfeito com ele. O sorriso pálido ao falar sobre o seu corpo demonstrou que, por mais que a atividade física tenha moldado o seu corpo aos ideais socialmente construídos, a prática de atividades física não pode reparar as marcas do que ele descreve como sendo um problema.

A partir da narrativa de Apolo, algumas percepções são sentidas, como quando ele apresenta um sorriso que demonstra desconforto ou quando recorre a uma autoridade suprema para se conformar “vontade de Deus”. Essas são possibilidades que a história oral oferece em relação à interpretação das narrativas “histórias dentro de história”. Neste caso, trata-se de perceber o poder da norma em relação ao olhar que as sujeitas e os sujeitos têm sobre o próprio corpo.

A proposta de discutir o corpo a partir da perspectiva social e individual levou em consideração o que Portelli (1997) trouxe como sendo o que faz a história oral

interessante, ou seja, a história contada por uma multiplicidade de pontos de vista. O autor defende a importância de possibilitar o diálogo entre os diferentes sujeitos. Para ele, “a confrontação de suas diferentes parcialidades – confrontação como conflito e confrontação como busca pela unidade” (PORTELLI, 1997, p. 39) é o que torna a história oral interessante, sobre este aspecto, não só para ele, como também para esta pesquisadora.

#### **2.4. Por que “elas” são maioria nos grupos de treinamento funcional que se reúnem na Praça dos Girassóis em Palmas – TO?**

A discussão sobre o porquê as mulheres serem maioria nos grupos que se reúnem na Praça dos Girassóis para a realização de atividade física foi necessária neste estudo, visto que é sobre essa parte da discussão que pesa o termo “escapando ao controle” presente no título deste capítulo. Apresenta-se também como proposta discutir sobre as razões que tornaram esse espaço indiferente ou desconfortável para os homens, ou pelo menos para alguns.

Em que pese às razões que tornaram o espaço da Praça indiferente ou desconfortável para os homens, recorrem-se às representações de masculinidade que pode influenciar na decisão de participar ou não de um determinado espaço. No que se refere aos estudos de gênero sobre as masculinidades, tem-se “[...] nos mais amplos termos, a forma pela qual [...] as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (CONNEL, 1995, p. 189).

Assim como as feminilidades, as masculinidades são decorrentes de construções culturais que marcam o corpo de mulheres e de homens. De acordo com Cornel (1995), a masculinidade se materializa de diferentes formas, pode se dar em forma de masculinidade intelectual, masculinidade violenta, masculinidades antiviolença, entre outras.

Conforme Cornel (1995), a relação de dominação que permeia a masculinidade hegemônica corresponde a um conjunto de masculinidades agrupadas que não aceita desvios nem questionamentos, ou seja, rejeita qualquer comportamento, por parte dos homens, que comprometa essa masculinidade. Sendo assim, os estudos de gênero sobre masculinidade permitem entender o afastamento

dos homens dos espaços criados na Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas.

A cumplicidade entre os homens para com a preservação da masculinidade hegemônica pode ser observada quando os homens se negam a participar de um espaço em que as mulheres são maioria. A possibilidade de ter o seu corpo comparado ao da mulher, em alguma medida, ameaça a masculinidade hegemônica.

Ainda segundo Cornel (1995), a masculinidade hegemônica tenta garantir aos homens uma posição privilegiada na hierarquia de gênero, no entanto, esta estrutura é contraditória. A natureza contraditória do gênero é o “que torna possível a sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias” (CORNEL, 1995, p. 189). Dessa forma, mesmo que as diferentes masculinidades, de alguma forma, mantenham a masculinidade hegemônica, a presença de “outras” masculinidades possibilita deslocamentos que permitem mudanças.

A ausência dos homens pode, de alguma forma, estar relacionada à presença das mulheres, visto que, na masculinidade hegemônica, não se permite desvios, sendo o mais grave deles o de terem seus corpos comparados aos das mulheres. As diferenças de gênero, de acordo com Margareth Rago (2019), são construções culturais que produzem discursos masculinos que inferiorizam física e mentalmente as mulheres. Essa é a razão para que os corpos dos homens se mantenham afastados de qualquer comparação com os corpos das mulheres.

Na narrativa de Flora identificam-se elementos que permitem analisar as razões que, segundo ela, explicariam a ausência dos homens nestes espaços.

Eu tenho um primo que é sedentário, inclusive quando eu comecei a vir aqui, eu chamei para participar junto comigo e ele falou – ah! mas lá tem só mulheres, eu respondi – não, tem homens também; ele – ah! Mas são poucos! Eu fico com vergonha. Em minha opinião os homens não participam justamente pelo grande número de mulheres. O medo é de ficar retraído, tímidos, ou porque os exercícios não são como na academia, exercícios com peso, eles podem não se sentir tão masculinos<sup>117</sup>.

Ao final da sua argumentação, Flora traz a seguinte frase: “Eles podem não se sentir tão masculinos”. A masculinidade, nos estudos de gênero, é entendida como

---

<sup>117</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 16 de dezembro de 2019.

uma prática social que se dirige aos corpos dos homens (CONNEL, 1995). Esse entendimento reforça a ideia de que o corpo do homem deve ser diferente do corpo da mulher, pois o discurso da masculinidade tanto exalta o corpo do homem, quanto inferioriza o corpo da mulher.

No contexto apresentado por Flora, a proposta do treino funcional, atividade que é desenvolvida pelos grupos que se reúnem na Praça dos Girassóis, é diferente da proposta da academia. Essa diferença, que de acordo com Flora, está relacionada ao “exercício com peso”, elemento que representa a virilidade do homem, é o que seria o limite que impede os homens de praticarem, junto com as mulheres, o treino funcional.

Todavia, Scott (1990) alerta que é necessário decodificar os sentidos das formas de interação humana. A este respeito, na opinião de Flora, “os homens não participam pelo medo”. O medo a que Flora se refere não está relacionado meramente com os aspectos biológicos, mas, sobretudo, com a cobrança social voltada à representação de masculinidade que os homens tentam preservar.

O fato narrado por Flora, que diz respeito à ausência dos homens nos espaços utilizados pelas mulheres para a realização de atividades físicas, aponta como causa a presença das mulheres: “Ah! mas lá tem só mulheres”. Esse ponto pode ser interpretado a partir do que Portelli (1997, p. 15) traz como representação de “[...] padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos”, que separa os espaços das mulheres dos espaços dos homens.

O incômodo sentido pelos homens diante da menor possibilidade de comparação com o corpo das mulheres foi identificado na construção da narrativa de Vesta:

Eu fico observando pelo meu esposo, quando chamo para praticar [treinamento funcional] ele diz – Não! Isto aí é muito leve, isto aí é coisa de mulher. Então os homens, a maioria dos homens, acham que é muito leve para eles né, então acha que não é atividade para homens<sup>118</sup>.

Os argumentos utilizados por Vesta apontam para as diferenças de gênero construídas social e culturalmente, nas quais os homens devem rejeitar os espaços praticados pelas mulheres. Ao se considerar a subjetividade implícita na narrativa de

---

<sup>118</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 18 de dezembro de 2019.



Vesta, esse aspecto pode ser percebido na sua citação a uma fala do companheiro: “Isto aí é coisa de mulher”. A explicação para o comentário do companheiro de Vesta é que “para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher” (WEILZER-LANG, 2001, p. 465).

O que torna algo coisa de mulher ou coisa de homem é a cultura. Connel (1995, p. 189) chama a atenção para o fato de que “a prática social se dirige aos corpos”, portanto, convoca as sujeitas e os sujeitos a reiterar as construções culturais que marcam as diferenças hierárquicas entre mulheres e homens. De acordo com autor, o aspecto biológico é constantemente evocado pela masculinidade para exaltar os homens e inferiorizar as mulheres. Segundo ele, “através desta lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais” (CONNEL, 1995, p. 189).

No contexto das atividades físicas, a masculinidade é preservada mediante exercícios vinculados à força como se subentende da fala de Vesta, mencionada acima, que é corroborada na narrativa de Carmenta:

Pois é, eu penso que na academia os homens pegam muito peso, no funcional é diferente, a gente tem os pesos, mas é mais para a gente ganhar resistência né. Na academia o ganho de massa muscular é bem maior. No funcional são aparelhos mais leves, servem mais para o fortalecimento. Agora ganho de massa mesmo, assim como desejam os homens, como se diz: bombado! É na academia mesmo<sup>119</sup>.

O músculo compreende a evidência externa da força associada ao homem é a prova aparente do poder dos homens, a expressão da masculinidade, por isso a sua valorização, como afirma Connel (1995), remete à corporificação da masculinidade. A baixa procura dos homens pelos grupos de treinamento funcional pode ser explicada pela ausência da valorização do estereótipo masculino.

A narrativa de Poseidon, enquanto profissional de educação física, contem argumentos que permitem inferir que a cultura influencia no comportamento dos homens, legitimando o controle do corpo por meio da representação de masculinidade construída socialmente. No grupo conduzido por Poseidon, os homens são maioria e ele explica o motivo:

[...] Hoje tem muito homem devido a busca pela performance no treinamento de corrida, então foi este o motivo que fez com que você observasse uma

---

<sup>119</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 19 de dezembro de 2019.

realidade diferente dos demais grupos de treinamento funcional, trazendo muitos homens para a nossa equipe, mas quando se fala em treinamento funcional, que não exige a performance, aí a maioria realmente é mulher, nós temos uma demanda de 90% mulheres e 10% de homens<sup>120</sup>.

As atividades associadas à força atuam no reforço da masculinidade (KNIJNIK, 2003). A masculinidade consiste em um sistema de valores que visam reduzir homens e mulheres a funções pré-determinadas, que limitam a autogerência das sujeitas e dos sujeitos (WOLF, 1992), o que explica, em parte, a presença dos homens e a sensível ausência das mulheres no grupo de treinamento de corrida conduzido por Poseidon, diferenciando, desta forma, do demais grupo de treinamento funcional.

A narrativa de Diana, profissional de educação física, confirma que nos grupos de treinamento funcional as mulheres são maioria. Diana descreve as razões que teriam afastados os homens desses grupos; para ela os homens são minoria porque não gostam de interagir no momento do treino.

[...] pela questão da integração, é um dos fatores, por exemplo, [...] a cada 100 mulheres, eu tenho 3 homens, eles estão em quantidade reduzida, são os que menos conversam, eles são mais focados naquilo que eles querem, quando eles chegam, eles não querem conversar, eles querem treinar e pronto<sup>121</sup>.

Os sentidos presentes na narrativa de Diana para explicar as razões de o porquê os homens serem minoria, faz referência ao fato de não quererem interagir: “Eles estão em quantidade reduzida, são os que menos conversam”. Embora se entenda que os homens não gostam de interagir devido ao fato de estarem em número reduzido, é necessário entender o motivo deles não se sentirem à vontade para interagir. Será que realmente os homens não gostam de conversar? Para ampliar essa discussão, toma-se a narrativa de Eros quando perguntado sobre as razões dos homens estarem em menor número no grupo por ele conduzido: “Infelizmente os homens não são muito [inclinados] para atividades coletivas, são muito preconceituosos [...]”<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

<sup>121</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 8 de janeiro de 2020.

<sup>122</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 18 de dezembro de 2019.

Eros acredita que sim, que os homens não gostam de atividades coletivas, todavia acrescenta: “são muito preconceituosos”. A qual preconceito Eros se refere? Seria o fato de não gostarem de atividades coletivas com mulheres? E por esta razão não interagem? Será este o fato de Eros afirmar que os homens são preconceituosos?

Da narrativa de Eros é possível refletir melhor sobre as razões pelas quais os homens não interagem. Primeiro, Diana afirma que eles estão em menor número; em seguida, Eros descreve que os homens são preconceituosos. Os fatos narrados por Diana e Eros conduzem ao entendimento de que a presença das mulheres, em alguma medida, constrange aos homens.

Para além das razões que levaram os homens a estarem em menor número ou não interagirem, as narrativas permitem pensar, numa ampla dimensão, sobre as razões que possibilitaram às mulheres ocuparem estes espaços, tanto por estarem em maior número quanto por usarem esse espaço para interação do grupo. A este respeito, Portelli (1997) ressalta que o mais importante na história oral são os significados dos fatos narrados e não os fatos em si. A presença marcante das mulheres é evidenciada nas possibilidades de relacionamentos geradas nestes espaços, discussão que será aprofundada no capítulo IV.

Nos próximos dois capítulos, apresenta-se uma discussão sobre o corpo no contexto da cidade, sendo a cidade apresentada como um espaço privilegiado de vigilância. Esse ponto justifica o fato de se ter recorrido ao conceito do panóptico, elaborado por Foucault (1987) a partir da proposta desenvolvida por Jeremy Bentham para explicar que o controle se dá pela via da vigilância.

### **CAPÍTULO III: CIDADE PANÓPTICA: A VIGILÂNCIA DOS ESPAÇOS EM PAMASTO**

Neste capítulo, retoma-se o caminho teórico trilhado por Foucault (1987) para discutir sobre o controle do corpo. O autor recorreu à noção teórica do panóptico, conceito desenvolvido por Bentham (2008), que faz alusão a uma arquitetura de vigilância que tem como principal objetivo moldar os corpos. Esta discussão foi mediada pelas fontes orais e pelas imagens, visto se relacionarem aos dois sentidos do corpo humano (ver e ouvir) tomados como importantes nesta parte do estudo.

Como já foi prenunciado, recorreu-se aos conceitos do panóptico para entender o porquê da escolha de um espaço de grande visibilidade, como é o da Praça dos Girassóis, para a realização de atividades físicas.

Na primeira parte do capítulo, propõe-se uma analogia entre a arquitetura panóptica e a Praça dos Girassóis, esta, ao que identificado, reúne elementos importantes para a vigilância do corpo que leva ao seu controle.

Na segunda parte do capítulo, encarrega-se de se estabelecer os pontos de convergência entre as duas arquiteturas, sendo essa uma explicação para a utilização da Praça dos Girassóis para uma atividade para a qual não foi planejada, pelo menos no que tange à organização dos equipamentos públicos presentes na praça, que a remete a um centro cívico.

Na terceira parte deste capítulo, ocupa-se em descrever as características presentes na Praça dos Girassóis que remetem à arquitetura panóptica. Identificadas essas características, na quarta parte, discute-se sobre a vigilância que atua como um poder capaz de controlar o comportamento, escolhas, gestos e atitude das pessoas.

### **3.1. Praça dos Girassóis como uma construção panóptica**

A justificativa para a escolha do panóptico como lente para observação da Praça dos Girassóis foi em decorrência da necessidade de entender o porquê as pessoas são levadas a acreditar que precisam realizar atividades físicas. Para esta análise foram utilizadas as fontes orais e imagens como forma de tornar o tema mais compreensível, tendo em vista a subjetividade presente na proposta de metaforizar a arquitetura panóptica para pensar a Praças dos Girassóis como um espaço de vigilância dos corpos.

O panóptico consiste em uma construção que visa moldar comportamentos. Representa uma estrutura em que todos, em algum momento, estão ora na condição de vigia, ora na condição de vigiado. Nessa relação, as pessoas deveriam sentir-se sempre nesta condição, sem saber quando nem quem as observa.

Nesta tese, o panóptico é representado como o “olho que tudo vê”, baseado inicialmente no modelo arquitetônico desenvolvido por Samuel Bentham, irmão de Bentham (2008). A construção possuía um formato circular, com orifícios em toda a circunferência. De acordo com Foucault (1987), esse formato era para que o vigilante

pudessem estar no interior da construção e as pessoas nas janelas, ao redor da circunferência.

Importante ressaltar que, para além da arquitetura, a ideia implícita no panóptico é que a pessoa se sinta vigiada, sem, todavia, saber quando esta vigilância realmente está acontecendo. A este respeito Conceição Trigueiro (2011) afirma que a arquitetura não é essencial para a ação do panóptico, mas sim os mecanismos de ver sem ser visto. Conforme Jacques-Alain Miller (2008, p. 89), o panóptico “é um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas”.

Recorreu-se ao referencial teórico para se discutir sobre como ocorre o controle do corpo no uso cotidiano da Praça dos Girassóis, utilizada diariamente pela população para a realização de atividades físicas.

A Praça dos Girassóis possui a forma de um quadrado, em que todo o seu entorno é ladeado por avenidas que garantem a visualidade de quem está no seu exterior. Com este desenho e localização, a Praça dos Girassóis oferece visibilidade privilegiada para que ocorra o controle do corpo como em uma construção panóptica.

No panóptico, quanto maior for a exposição, garantindo a visibilidade, maior será o número de pessoas que ficam tanto na condição de vigiado quanto na condição de vigilante. A vigilância não ocorre por uma única via, nem tão pouco é possível determinar todos os envolvidos no processo de vigilância.

No modelo do panóptico não é necessário um grande contingente de pessoas, basta garantir que “em todo momento, ao ver razão para acreditar nisso e ao não ver possibilidade contrária, ele [a] deveria pensar que está nesta condição [...]” (BENTHAM, 2008, p. 20).

Os ideais de Bentham se fundamentam na construção de uma sociedade ideal, concebida a partir do olhar do outro, ou do olhar externo, sendo a vigilância o elemento garantidor da disciplina e da autodisciplina, retroalimentados pelo olhar externo até se tornar realidade (TRIGUEIROS, 2011).

Miller (2008) apresenta o panóptico como sendo um modelo do mundo utilitarista. Modelo que considera o valor de uma coisa a partir da sua relação com outra, visto que há coisas que valem mais, e outras menos, produzindo um efeito

hierarquizante<sup>123</sup>. Tudo tem uma intenção de ser, “as articulações, os dispositivos, as manipulações” (MILLER, 2008, p. 93). O panóptico se destina a todas as pessoas que por algum motivo são vigiados, o autor descreve essas pessoas como estando de “pés livres e os punhos amarrados” (MILLER, 2008, p. 94), demonstrando que teriam uma falsa sensação de liberdade, quando, na realidade, estariam presas e condicionadas às normas vigentes.

O panóptico seria responsável por promover a dor e o prazer. Tomando por base a submissão do ser humano a esses dois estímulos, Bentham (2008) acreditava que as pessoas estariam propensas a ser governadas. O autor afirma que quem controlar esses dois princípios (dor e prazer) tem em suas mãos a chave para governar.

A vigilância no panóptico acontece em duas dimensões, a que individualiza e a que coletiviza. A primeira refere-se à relação vigilante-detento, e a segunda a detento-vigilante. Nesta cerimônia, de acordo com Foucault (1987), pouco importa quem exerce o poder, pois o poder não está na pessoa, mas na relação de vigilância.

Foucault (1987) esclarece ainda que a sujeição depende, no mínimo, de uma relação fictícia, esta, se materializa na relação vigia-vigiado. Através dela, a força é dispensada. No caso desta investigação, entende-se que não seria necessário obrigar as pessoas a realizar atividades físicas, bastaria que elas fossem seduzidas a praticar a ação e se sentissem vigiadas. Por outra perspectiva, o poder externo se utiliza dos mecanismos de vigilância garantindo a “vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e está sempre decidida por antecipação” (FOUCAULT, 1987, p. 159).

O panóptico pode servir para a criação de novas representações sobre o corpo, para (re)criar ideais de beleza, ou até mesmo para transformar as cidades em ambientes adequados à modificação dos corpos.

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens [e das mulheres]; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 1987, p. 160).

---

<sup>123</sup> Este aspecto evidencia a importância deste referencial teórico, visto que se pretende promover reflexões sobre as relações de gênero presente na natureza empírica do objeto desta investigação.

O campo de atuação do panóptico está ligado ao alcance do seu discurso, ou seja, aplicável a diferentes contextos que envolvam a vigilância com a finalidade de controlar o corpo. Esse aspecto possibilitou que Foucault (1987) se apropriasse desta teoria, permitindo o seu uso na compreensão de instituições de controle como hospitais, escolas, hospícios. Considerando a necessidade de analisar o controle do corpo por meio da vigilância, vale-se desta teoria para o estudo sobre o comportamento das pessoas que realizam atividades físicas na Praça dos Girassóis.

De acordo com Miller (2008), o princípio do panóptico de Bentham é adequado a locais ou situações em que se exija a necessária disciplina, vigilância e controle. No presente caso, observa-se adequada a análise da Praça dos Girassóis enquanto utilizada para o controle do corpo da população por meio da realização de atividades físicas.

A utilização do panóptico como lupa para observar o comportamento das pessoas que praticam atividades físicas na Praça dos Girassóis busca compreender como se dá a busca pelo ideal de corpo socialmente valorizado, não por meio da força, mas da sedução. Se o comportamento desejado é o de realizar atividades físicas, quanto mais pessoas estiverem praticando esta atividade, maior será o exemplo aplicado às demais pessoas, que, em algum momento, deverão ser convencidas de que esta é a norma vigente.

O panóptico concentra os fundamentos que ajudaram no entendimento do processo de vigilância do corpo que ocorre na Praça dos Girassóis durante a realização de atividades físicas, em que é possível, na descrição de Trigueira (2011, p. 12), “ver tudo, ouvir tudo, fiscalizar tudo”.

A ação do panóptico ocorre pela sensação de vigilância, na qual a pessoa se sente nesta condição. Por esta razão, a arquitetura da Praça dos Girassóis favorece a vigilância<sup>124</sup> das pessoas que a utilizam para a realização de atividades físicas. Vale ressaltar que a vigilância sobre o corpo não ocorre somente quando as pessoas estão utilizando a Praça, o exemplo a ser seguido está presente por toda a cidade, como por exemplo, nas academias ao ar livre, nas passarelas ao redor das avenidas ou em *outdoors* distribuídos em diferentes partes da cidade.

---

<sup>124</sup> Trata-se da vigilância da pessoa e sobre a pessoa. A pessoa vigia e ao mesmo tempo é vigiada.

Para a efetiva ação do panóptico é necessário que a vigilância realmente ocorra, como afirma Foucault (1987). Dessa forma, o vigilante deve saber se a disciplina imposta teve o seu propósito atendido. Para o vigilante ter certeza de que as normas foram atendidas é necessário que as instruções sejam executadas. No caso do presente estudo, a disciplina imposta é que as pessoas realizem atividades físicas regularmente, o que pode ser observado pela presença das pessoas na Praça dos Girassóis. Para Bentham (2008), quanto maior for a vigilância, maior é o seu efeito, como será observado ao longo deste capítulo.

### **3.2. Praça dos Girassóis**

A Praça dos Girassóis está localizada na área central de Palmas, entre o cruzamento da Av. Teotônio Segurado e Av. Juscelino Kubitschek. Foi inaugurada em 7 de setembro de 2000 e, de acordo com Valéria Cristina Pereira da Silva (2010), recebeu este nome pela vontade do ex-governador José Wilson Siqueira Campos<sup>125</sup> que possuía simpatia pelo Partido Comunista: “os girassóis, símbolo da cidade [...] seriam uma referência simbólica aos Girassóis da Rússia” (SILVA, 2010, p. 65)

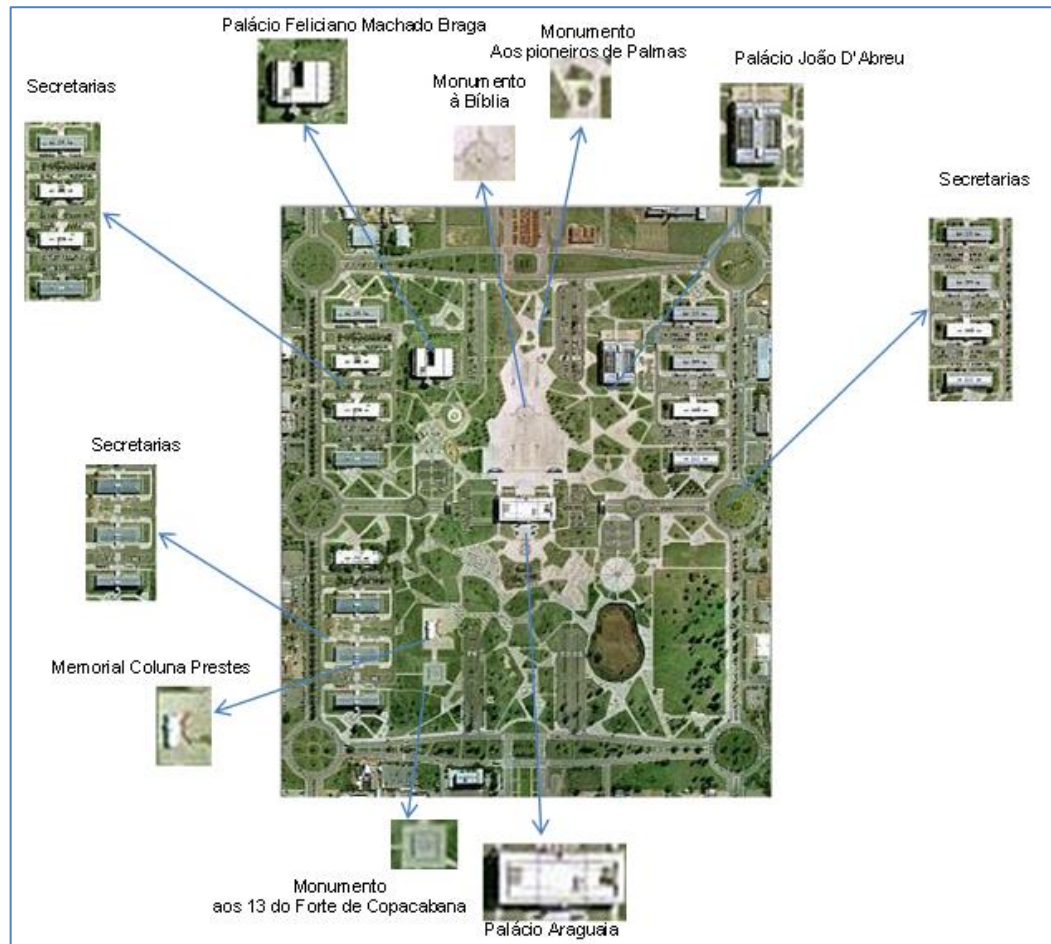
Na Praça estão presentes os prédios do governo tais como: a sede do Poder Executivo (Palácio Araguaia), a sede do Poder Legislativo (Palácio João D’Abreu), a sede do Poder Judiciário (Palácio Feliciano Machado Braga) e as Secretarias do Estado, o Memorial Coluna Prestes, o Monumento aos 18 do forte de Copacabana, o monumento à Bíblia, o monumento Cruzeiro de Palmas (SECON, 2021), entre outros equipamentos públicos, como pode ser visualizado na Figura 2:

---

<sup>125</sup> Siqueira Campos foi o primeiro governador do Estado do Tocantins e exerceu quatro mandatos distintos: 1989-1991; 1995-1989; 1999-2003 e 2011-2014.



**Figura 2 - Praça dos Girassóis: órgãos do governo e monumentos históricos**



Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação (2005).

A instalação dos prédios públicos na área central da cidade, agrupados em um único local, buscou imprimir uma ideia de centralidade do poder, como afirma Oliveira (2016, p. 95): “o centro seria a sublimação do poder político (centro cívico) combinado ao econômico (centro comercial) [...]. O centro de Palmas nasce, dessa forma, submisso, dominado e homogêneo, terreno fértil e livre para a atuação do capital”. Assim, a Praça dos Girassóis busca concentrar, na mesma região, o poder político e econômico.

Conforme Oliveira (2016), com relação aos monumentos instalados na Praça dos Girassóis, buscou-se atribuir a Palmas uma historicidade que, em alguma medida, conferisse aos moradores de Palmas uma identidade.

De acordo com Candice Vidal Souza (1995, p. 58), “o complexo de significados legitimadores da criação do Estado do Tocantins e da construção de Palmas articula o passado da região e do Brasil operando o retorno de figuras significativas para a

história regional”. A este respeito, como a autora explica, a referência aos nomes de Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek tem como objetivo conferir legitimidade histórica às lutas anteriores pela autonomia local, sinalizando para a criação do Estado do Tocantins e a construção de Brasília, fazendo referência à construção de Palmas.

Tal estratégia encontra-se materializada nas duas avenidas que interceptam a Praça dos Girassóis, cujos nomes homenageiam aqueles dois personagens históricos. Importante ressaltar que as únicas avenidas de Palmas que recebem o nome de pessoas são essas, as demais seguem uma nomenclatura que combinam letras e números, como por exemplo, ACSU-SE 20<sup>126</sup>. A estratégia de Siqueira Campos de retomar a imagem de personagens históricos buscou reivindicar para si o ato heroico pela criação do Tocantins e a construção de Palmas, como se constata a seguir:

A manipulação ‘interessada’ da história é clara na cerimônia que marcou o início da construção [de Palmas] em maio de 1989. Esse evento condensa o tributo aos inspiradores elementares de Palmas. Realizou-se a primeira missa em torno de uma grande cruz de pau-Brasil, com a audiência ‘exótica’ de índios Xerentes junto aos convidados oficiais e as pessoas da região. Assim, como aconteceu na inauguração de Brasília, Siqueira Campos quis fazer com que Palmas também revivessem o momento da chegada dos portugueses no Brasil, estabelecendo uma continuidade com a origem da fundação cristã e o início da conquista do território nacional.

Ao lado do altar improvisado foram colocadas as placas comemorativas da cerimônia (à direita) e a proclamação criando a comarca de Palma (sem o s, neste momento) assinada por Teotônio Segurado (à esquerda). Trata-se de outro artifício de atualização da história como meio de legitimação da construção e, por consequência, elevando o lugar do pioneiro-mor, Siqueira Campos. Após o término do ritual da fundação, inicia-se concretamente a intervenção devastadora: Siqueira Campos dirige um trator para abrir a avenida principal de Palmas, voltando-se para o Norte, diz reviver a direção da conquista do Tocantins (SOUZA, 1995, p. 59).

---

<sup>126</sup> A nomenclatura para os endereços de Palmas é formada por três partes. A primeira sinaliza para a função e está dividida em 10 partes: 1 - ACSU - Área de Comércio e serviço Urbano; 2 - AC - Área de Comércio e Serviço Central; 3 - ACSV - Área de Comércio e Serviço Vicinal; 4 - ASR - Área de Comércio e Serviço Regional; 5 - ALC - Área de Lazer e Cultura; 7 - AR - Área de equipamento; 8 - QC - Comércio Local; 9 - AV - Áreas verdes Non Edificante; 10 - PAC - Posto de abastecimento de combustível. A segunda leva em consideração a divisão formada pelo cruzamento entre as Avenidas Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek que forma os quatro quadrantes dos pontos cardeais: NE – SE – SO – NO. O terceiro corresponde à numeração da ordem das quadras e avenidas criadas. A nomenclatura de endereço de Palmas consta na Lei nº 85, de 16 de janeiro de 1991.

Segundo João Aparecido Bazzoli (2019), a Praça dos Girassóis<sup>127</sup> foi construída para ser o centro cívico da cidade e, por esta razão, não foi projetada para a promoção de atividades físicas. Tal fato é verificado em toda a sua extensão, que conta apenas com dois equipamentos públicos para academia ao ar livre, como se apresenta na Figura 3, abaixo, e pista de caminhada, como apresentado na Figura 4, a seguir.

Figura 3 - Academia instalada na Praça dos Girassóis

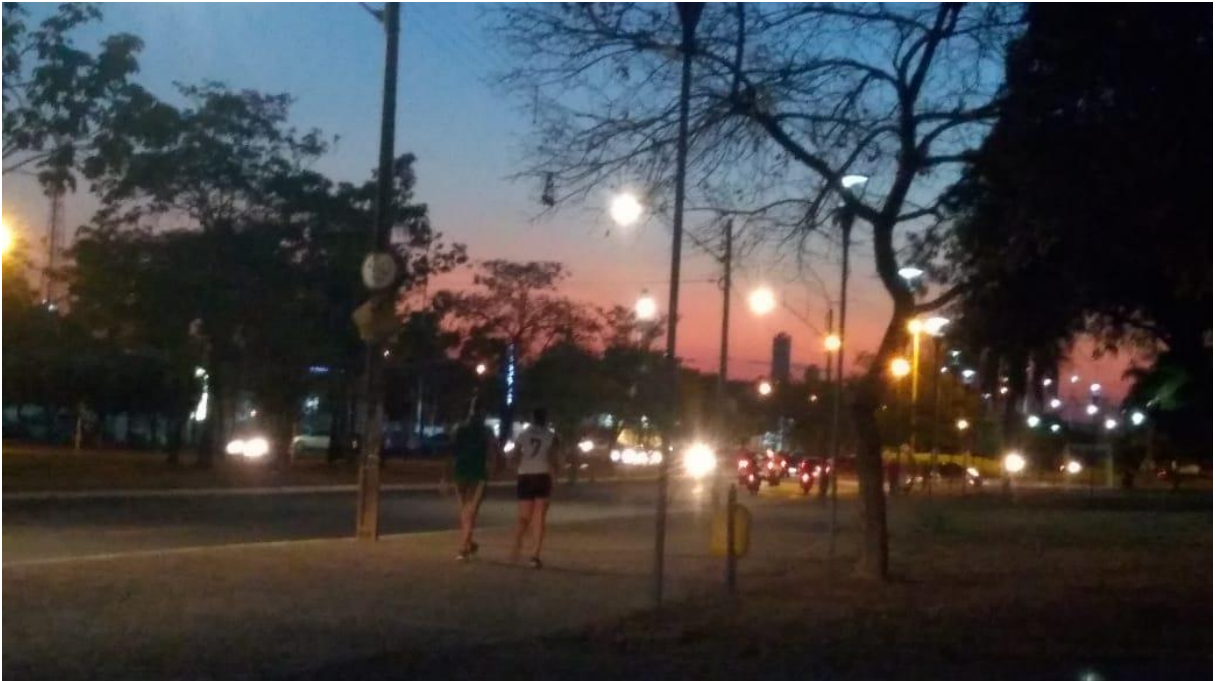


Fonte: Acervo da pesquisa (2019).

---

<sup>127</sup> Seu objetivo era conferir a historicidade (monumento e memorial) que Palmas não possuía, visto que foi construída de um marco zero (OLIVEIRA, 2015).

Figura 4 - Passarela instalada na Praça dos Girassóis



Fonte: Acervo da pesquisa (2019)

Cumprе ressaltar que a presença desses dois equipamentos públicos não é o aspecto que atraiu o público objeto desta investigação, que são os grupos orientados por profissional de educação física.

Na academia ao ar livre, figura 4, percebeu-se a presença apenas de homens em todos os dias em que a praça foi visitada para a realização das entrevistas de história oral. Esse aspecto se destaca pelas possibilidades de reflexões que proporciona, especialmente, no que se refere às questões de gênero. Já a passarela ao redor da praça conta com um grupo variado de pessoas, entre eles mulheres e homens de diferentes idades.

A Praça dos Girassóis conta com a presença de pessoas caminhando e correndo ao seu redor. Essa situação, para Ares, está relacionada a sua extensão. Todavia, um aspecto que chama a atenção é o fato da Praça dos Girassóis estar no centro da cidade de Palmas.

Por ser uma praça grande, são três quilômetros uma volta ao redor da praça. Por ser uma praça de fácil acesso, não é? ela está no centro da cidade, as pessoas descobriram. Ela tem um calçamento relativamente bom e facilita bastante o acesso das pessoas e ao redor da praça. Várias destas pessoas

que frequentam aqui fazem parte deste grupo e eu considero um local bom para se praticar atividade física<sup>128</sup>.

O centro é um aspecto marcante da narrativa de Ares, pois estar no centro significa convergência de olhares. Consiste, portanto, num espaço privilegiado de vigilância. Sobre isso, as fontes orais oferecem uma riqueza quando se consideram as possibilidades de análise propostas pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 18): “ao historiador do urbanismo cabe criar sobre tais narrativas as filigranas de sua análise, exercendo sobre elas uma atitude hermenêutica e resgatando a riqueza da intriga construída e do poder metafórico das palavras empregadas”.

A metáfora que se propõe, a partir da narrativa de Ares, diz respeito à estrutura de vigilância proposta para a arquitetura panóptica e a existente na Praça dos Girassóis. Para o funcionamento da arquitetura panóptica é necessária a presença da pessoa que será vigiada, do vigilante, do superior do vigilante, pois “quem guarda os próprios guardas?” (BENTHAM, 2008, p. 31). Para garantir que a vigilância esteja sendo bem executada existe ainda a figura do visitante que, ao entrar em contato com o vigiado, também se sinta persuadido a não estar nesta condição (BENTHAM, 2008).

A narrativa de Ares permite algumas incursões, a primeira delas é que no interior da Praça dos Girassóis atuam vários profissionais de educação física que oferecem treinamento funcional, e, ao seu redor, as pessoas que utilizam as calçadas para correr ou caminhar. Outro público que também se relaciona com a Praça são os motoristas que trafegam ao redor da Praça, sendo este um fluxo constante, visto que a mesma intercepta as duas maiores avenidas da cidade.

As características da Praça dos Girassóis trazidas por Ares constam da descrição de Oliveira (2016, p. 116): “com 632.184 metros quadrados [a Praça dos Girassóis] possui localização privilegiada, no cruzamento da Avenida Teotônio Segurado com a Avenida Juscelino Kubitscheck (J.K.), no ponto mais elevado da topografia de onde se tem uma vista de 360 graus da cidade”.

Em toda a sua extensão, a Praça dos Girassóis conta com espaços que favorecem a procura pelos profissionais de educação física. Esses locais constituem o cenário ideal para o desenvolvimento destas atividades, como pode ser visualizado na imagem a seguir:

---

<sup>128</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 12 e novembro de 2019.

Figura 5 - Praça dos Girassóis: espaços utilizados pelos profissionais de educação física



Fonte: Acervo da pesquisa (2019).

A Praça dos Girassóis passou a ser utilizada para uma atividade para a qual não foi planejada. Essa possibilidade de utilização para a realização de atividades físicas é uma construção recente devido a alguns aspectos, como: localização privilegiada, estar no centro; extensão, possui mais de 3 quilômetros; o calçamento no seu entorno e restritos acessos ao seu interior. Todavia, para além da arquitetura, as razões que levaram a população a utilizar a Praça dos Girassóis pode ser identificada na narrativa de Poseidon:

A escolha é feita em cima de onde o pessoal está, se eu vejo que na Praça dos Girassóis tem uma grande movimentação de pessoas eu vou treinar lá porque o pessoal vai ver e vai procurar a atividade, igual acontecia né, a pessoa vinha fazer caminhada na praça, via o grupo, já pedia informação<sup>129</sup>.

Na perspectiva de um profissional de educação física, a narrativa de Poseidon explica os aspectos que motivam a procura da Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas. Contudo, como explicar a presença das pessoas que procuram o local para caminhar ou correr ao redor da Praça?

Para que as pessoas procurassem a Praça dos Girassóis para a realização de atividades esportivas, houve todo um investimento por parte dos profissionais de educação física para direcionar o olhar das pessoas para a Praça. Por conta disso,

---

<sup>129</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

diferentes eventos foram promovidos nesse local, como eventos esportivos de corrida de rua, comemorações entre os membros dos grupos, eventos esportivos relacionados a datas comemorativas como dia dos namorados; aniversários, campanhas de saúde como Novembro Amarelo, de prevenção contra o câncer de próstata, e Março Lilás contra o câncer de colo de útero.

Pesavento (2007, p. 18) informa que cabe à pesquisadora “divisar os artifícios da ficção, justo naquela narrativa que se arvora em termos de veracidade, a mostrar que todo discurso sobre a cidade é uma recriação de tempo e espaço dotado de sentido”. A narrativa de Poseidon apresentou os fatos como se não tivesse havido todo um investimento para que as pessoas estivessem na Praça dos Girassóis caminhando ou correndo regularmente e, em algum momento, procurassem o profissional de educação física para participar do grupo.

A estrutura de vigilância e controle, no contexto da realização de atividades físicas, observada na Praça dos Girassóis, pode ser sentida na reprodução deste comportamento. Essa é uma das formas possíveis de explicar o porquê de a Praça dos Girassóis ter se tornado um lugar para a realização de atividades físicas, como será demonstrado a seguir.

### **3.3. Um olhar sem rosto! É assim que o panóptico atua?**

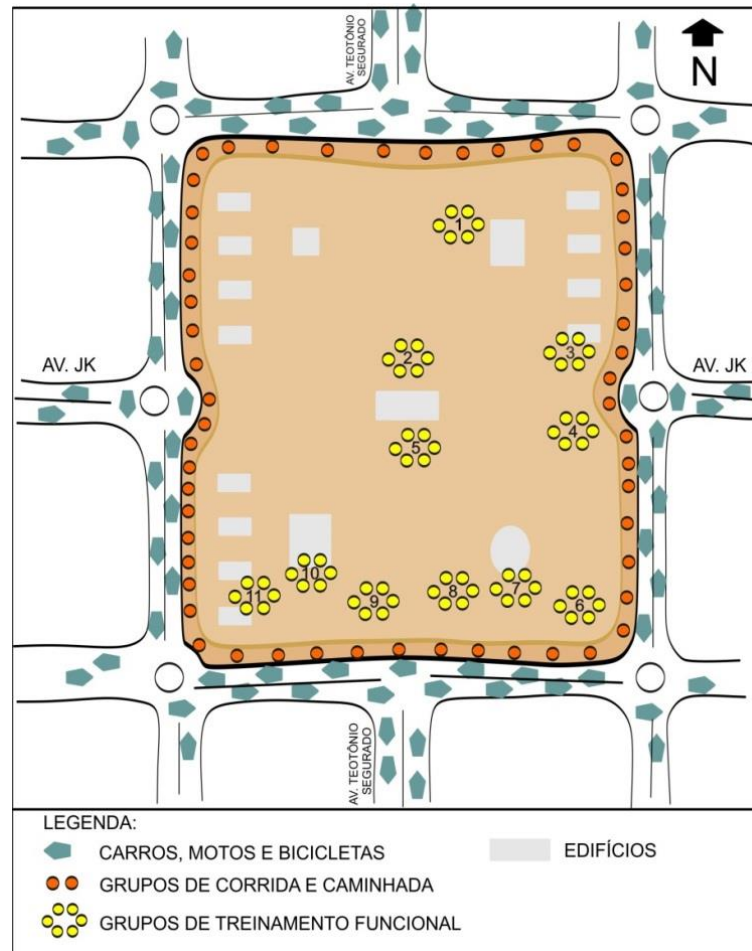
A proposta da discussão deste tópico é identificar, no funcionamento da Praça dos Girassóis, características que se assemelham aos aspectos presentes no panóptico de Bentham. A semelhança da Praça dos Girassóis com a arquitetura panóptica está na visibilidade. Isso porque:

O panóptico é uma máquina de dissociar o par “ver” – “ser visto”, permite tanto a visibilidade necessária ao observador quanto da pessoa de se colocar na condição de visibilidade: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver, na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto (FOUCAULT, 1987, p. 167).

Outra semelhança que existe entre a Praça dos Girassóis e a estrutura panóptica está na relação de poder que funciona a partir da função para qual essa relação foi estabelecida. De acordo com Foucault (1987, p. 162), “qualquer pessoa pode vir a exercer na torre central as funções de vigilância, e que fazendo isso pode adivinhar a maneira como é exercida a vigilância”. Nessa relação, cada uma destas

peças ora está na condição de vigilante, ora na condição de vigiados, como pode ser observado na figura a seguir:

Figura 6 - Estrutura de vigilância presente na Praça dos Girassóis



Fonte: Criação da autora com elaboração da arquiteta Suheide Neves Cruz (2019).

Sobre as relações de poder que se formam na Praça dos Girassóis é possível encontrar explicações na descrição da figura arquitetural do panóptico feita por Foucault (1987, p. 165-166):

O panóptico de Bentham é a figura arquitetural [...]. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre [local que garante a visibilidade do observador]; esta é vazada de largas janelas que se abre sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre, outra, que dá para o exterior, permitindo que a luz atravessasse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas das periferias. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais



que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha.

De acordo com a Figura 6, acima, na Praça dos Girassóis identificam-se três círculos superpostos que permitem ao observador vigiar as pessoas ao seu redor. O primeiro círculo “Grupo de Treinamento Funcional” é formado pelo profissional de educação física que vigia as pessoas que realizam o treinamento funcional. À semelhança da descrição de Foucault (1987), esse profissional de educação física ocupa a posição na torre central e cada pessoa que realiza a atividade física ocupa a posição em cada cela: “[...] Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancar um[a] pessoa”.

O segundo círculo “Grupos de Corrida e Caminhada” é composto pelas pessoas que correm ou caminham ao redor da praça. Elas podem ser vigiadas pelo profissional de educação física e também pelas pessoas que realizam treinamento funcional. E o terceiro círculo “Carros, motos e bicicletas” é formado pelas pessoas que transitam pelas vias públicas, e que podem ser vigiadas pelo profissional de Educação Física, pelas pessoas que realizam o treinamento funcional e pelas pessoas que caminham ou correm ao redor da praça. Dessa forma, as estruturas de vigilância que se formam na Praça dos Girassóis são múltiplas.

O que se quer demonstrar é que há um sistema de vigilância e controle que garante uma relação de influência não só entre o profissional de educação física e as pessoas que participam dos grupos de treinamento funcional no interior da praça, mas, também, desses com as pessoas que praticam atividades sem orientação de um profissional ao redor da praça, bem como das pessoas que transitam pelas avenidas ao redor da praça que também são influenciadas.

Para que a Praça dos Girassóis funcione como uma máquina panóptica, ela “deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção: milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta” (FOUCAULT, 1987, p. 187), que busca convencer a população a adotar um determinado comportamento sem resistência ou com um menor grau de rejeição. A partir do momento que um determinado comportamento é apresentado como uma forma de garantir qualidade de vida, como é o caso das atividades físicas, a resistência

a este comportamento pode ser diminuída, ou seja, mesmo que a pessoa não pratique atividade física, dificilmente irá questionar o benefício que ela oferece para o indivíduo.

No contexto social em que as atividades físicas passaram a ser vistas como uma forma medicamentosa de cuidar da saúde, a Praça dos Girassóis passou a ser um atrativo para as pessoas que queiram moldar seus corpos. Dessa forma, uma grande quantidade de pessoas passou a frequentar a Praça para realizar atividade física, como é possível observar na narrativa de Zeus:

[...] deu vontade treinar na sexta, treina na sexta; dá vontade treinar no domingo, eu treino no domingo; eu acho que tem que ser assim, tem que correr atrás da saúde, atrás de bons hábitos, isso vai melhorar o nosso dia a dia porque a gente vive numa sociedade muito estressante<sup>130</sup>.

O recurso utilizado por Zeus para convencer que a atividade física é necessária e urgente pode revelar mais do que os fatos em si, narrados por ele. Nesse sentido, Thompson (1992, p. 185) adverte que as narrativas são utilizadas para “transmitir valores; e o que elas transmitem é a verdade simbólica e não os fatos do incidente descrito, que é o que menos importa”.

À luz do panóptico, todos que realizam atividades físicas possuem a responsabilidade de convencer o maior número de pessoas que esse comportamento é o mais acertado, “na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens” (FOUCAULT, 1987, p. 179).

### **3.4. Quanto maior a vigilância, maior o seu efeito?**

Para Bentham (2008), quanto maior for a vigilância, maior é o seu efeito. A vigilância, à luz do panóptico, é proporcionada pela visibilidade. A visibilidade é o que garante o par *ver-ser visto*. Nesse sentido, quanto mais visíveis forem as atividades físicas, mais atrativas elas tendem a se tornar, resultando num maior número de pessoas praticando atividades físicas.

Para que o panóptico produza os seus efeitos, de acordo com Foucault (1987, p. 166), é necessário “induzir [...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja

---

<sup>130</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação [...]”. A relação de vigilância que é estabelecida pelo panóptico cria nas pessoas vigiadas a sensação de que esta vigilância é constante independentemente de quem a exerça.

Na narrativa de Poseidon é possível analisar como a relação de vigilância se estabelece no contexto da realização de atividades físicas nas áreas públicas ao ar livre de Palmas:

Palmas valoriza muito o visual, eu vejo uma pessoa fazendo uma coisa, eu também quero fazer. Eu vejo uma pessoa correndo, - ah! que legal! amanhã eu venho nesta praça correr, eu vejo uma pessoa nadando, eu vou nadar [...] <sup>131</sup>.

A fala de Poseidon é de alguém que observa e não de alguém, que de alguma forma, se sente influenciado a adotar um comportamento porque viu outra pessoa realizá-lo. Na condição de observador, Poseidon descreve como percebe a relação de poder que cria a necessidade na população de realizar atividades físicas. Ao se colocar na posição de observador, Poseidon se utiliza da capacidade que o narrador tem, decorrente da subjetividade, de ver e interpretar os fatos (PORTELLI, 1996). De acordo com o autor, a subjetividade é uma característica intrínseca ao ser humano, cabendo à pesquisadora:

Distinguir as regras e os procedimentos que nos permitem em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior construção cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais (PORTELLI, 1996, p. 2-3)

A compreensão da ação do panóptico como mecanismo para moldar comportamentos exige que o ato seja realizado e comprovado, resultando na necessidade de ser visto, de se colocar visível, de tornar “o olho que tudo vê” mais potente. Esse aspecto do panóptico pode ser analisado na narrativa de Poseidon.

Tudo que as pessoas fazem, as outras veem, acaba que uma das maiores influências para que exista a prática de atividade física é uma rede, é decorrente do fato: eu estou vendo, eu quero fazer <sup>132</sup>.

A narrativa de Poseidon ainda pode ser analisada como sendo uma relação de poder na qual o panóptico exerce, na pessoa, de forma simultânea, os dois papéis: o

---

<sup>131</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

<sup>132</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

de ser influenciada e o de influenciar, afinal “quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, [...] fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis” (FOUCAULT, 1987, p. 159).

A ação do panóptico é evidenciada na adoção de um determinado comportamento, por exemplo, quanto mais pessoas puderem dar o exemplo, mais pessoas poderão ser compelidas a querer. Com isso, cria-se na população a necessidade de adotar o comportamento desejado. A teoria afirma que quanto mais um ato for praticado e visibilizado, mais natural ele vai parecer. Essa máxima é descrita por Poseidon:

nós temos muito isto, um incentivo pessoal aqui em Palmas, e cresce cada vez mais com relação a pessoas que começam a realizar atividade física. Você vai correr porque um amigo teu te convidou, que outro amigo tinha convidado, que o médico indicou. Então isto é uma coisa que tem que ser observada aqui em Palmas, sobre as pessoas que fazem atividade física porque outro indicou<sup>133</sup>.

O que Poseidon não explica, nem tão pouco as pessoas que fazem parte da sua narrativa, é que o incentivo para este comportamento possui uma intencionalidade<sup>134</sup> que escapa ao simples ato de sugerir a um amigo o que lhe parece adequado. No panóptico, tudo tem uma razão de ser. Todas as pessoas que de alguma forma indicam, convidam, contam suas histórias buscam tornar o ato o mais próximo do comportamento socialmente valorizado.

O comportamento esperado é despertar nas pessoas o desejo de realizar atividade física, não importando quem está exercendo a função de influenciador. De acordo com a perspectiva panóptica, sempre haverá alguém nessa condição, como é possível perceber na narrativa de Poseidon:

Existe uma coisa muito interessante é que muitos médicos praticam atividade física, são atletas e estes médicos orientam pessoas que levam seus familiares que levam seus amigos<sup>135</sup>.

---

<sup>133</sup> idem.

<sup>134</sup> A intencionalidade das ações, de acordo com Denise Pumain (1995), é um aspecto importante que garante a ordem espacial, tanto na escala regional como na escala do espaço urbano.

<sup>135</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

A adesão das pessoas às atividades físicas não se dá de forma tão amistosa, como Poseidon procura demonstrar. Todavia, na leitura que se faz do panóptico, quanto maior for o exemplo, maior a possibilidade de o ato passar a ser executado. O “olho que tudo vê” imprime um controle que vem de fora e da própria pessoa, em um estado de constante vigilância.

A disponibilização de imagens torna a ação do panóptico ainda mais efetiva. A presença de imagens nos *outdoors* espalhados por diferentes partes da cidade corrobora com a ideia do exemplo, discutida anteriormente. Os corpos em trajes esportivos têm sido utilizados para impulsionar diferentes seguimentos, criando demandas até então desconhecidas, como é o caso do oferecimento de exames laboratoriais para esportistas, como pode ser observado na Figura 7.

Figura 7 - Exames esportivos anunciados em outdoors



Fonte: Acervo da pesquisa (2019).

A exposição de corpos espalhados pela cidade busca imprimir um ideal de corpo à população. De acordo com Simon Goldhill (2007, 19-20), essa estratégia não é inovadora; os gregos já se valiam desse recurso, “[...] por todos os lados erguia-se uma floresta de estátuas – de atletas, [...] um batalhão de corpos perfeitos [...]”. A imagem à esquerda, no anúncio publicitário (Figura 7, acima), traz a foto de uma mulher, destacando um apelo à presença das mulheres nesses espaços.

Essa proposta vai ao encontro da realidade presenciada, pois ficou evidente que o percentual de mulheres nos grupos de treinamento funcional que realizam atividades físicas na Praça dos Girassóis é maior que o dos homens. Esse aspecto trouxe outras inquietações a este estudo, como o de investigar sobre as sociabilidades desenvolvidas pelas mulheres nesses espaços, que será abordado no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO VI: PALMAS - UMA ANÁLISE DA CIDADE A PARTIR DA SOCIABILIDADE DESENVOLVIDA NA PRAÇA DOS GIRASSÓIS**

Neste capítulo, buscam-se respostas à inquietação inicial sobre o que tinha naquele lugar (a Praça dos Girassóis) que o tornava um lugar antropológico, ou seja, um lugar que é, ao mesmo tempo, identitário, relacional e histórico. Para esta discussão, valeu-se das fontes orais e imagens. Como referencial teórico, recorreu-se a autores que discutem sobre a cidade a partir da sua sociabilidade.

Na primeira parte do capítulo, busca-se construir outro olhar sobre a Praça dos Girassóis, haja vista que é possível a existência de múltiplos olhares sobre os diferentes espaços da cidade. Assim, se no capítulo anterior a Praça dos Girassóis foi vista como uma construção panóptica; neste, ela é entendida como um espaço promotor de sociabilidade. Portanto, o aspecto panóptico, apontado anteriormente, não impede outros olhares sobre esse espaço, visto que, o olhar é que irá permitir identificar as suas múltiplas funções.

Na terceira parte, discute-se sobre o ato de praticar a cidade, sendo este o elemento que garante a mudança de perspectiva de um olhar externo, panóptico, para um olhar interno, de praticar o espaço.

Na quarta parte, lança-se o desafio de, a partir da narrativa das sujeitas e dos sujeitos que vivenciam as experiências de praticar a cidade, refletir sobre a percepção que tinham sobre Palmas. Essa discussão buscou evidenciar que um lugar pode, ao mesmo tempo, a depender das experiências que cada sujeita e cada sujeito estabeleceu com este lugar, configurar-se como não-lugar e um lugar, noções desenvolvidas por Augé (1994). Na quinta e última parte, dedica-se a entender o que torna a Praça dos Girassóis um lugar acolhedor para as mulheres.

### **4.1. Da vigilância à sociabilidade: uma análise possível?**

A ação panóptica discutida no capítulo anterior apresentou a análise de um espaço existente na cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins, ou seja, a Praça dos Girassóis. Esse local, conforme foi apresentado, configurou-se como uma arquitetura panóptica que permite a vigilância da população, possibilitando, em alguma medida, o controle do corpo. Todavia, ao que se propõe nesta parte do estudo,

a Praça dos Girassóis, assim como outras partes da cidade, apesar de possuir semelhança à arquitetura panóptica, irá evidenciar práticas cotidianas que estão para além da vigilância, se mostrando em forma de sociabilidades.

A sociabilidade advém da noção do ato de praticar a cidade. De acordo com Certeau (2008), essa percepção só é possível se a cidade for observada de “perto” e “embaixo”, onde é possível perceber as práticas ordinárias. Na percepção do autor, as práticas ordinárias correspondem à forma elementar das experiências humanas no espaço urbano. Em seu estudo, essas práticas fazem referência às experiências vivenciadas pelos caminhantes na cidade de Paris. Todavia, nesta tese, a proposta é analisar as experiências vivenciadas pelas pessoas que realizam atividades físicas em diferentes partes da cidade de Palmas.

Apesar de Certeau (2008) não utilizar explicitamente o personagem Flâneur, da obra Charles Baudelaire (2006), o autor o descreve em seu estudo como sendo aquele que vive as práticas ordinárias da cidade. Em outra perspectiva, Certeau (2008) valeu-se do personagem Voyeur, também de Charles Baudelaire; esse corresponde aquele que observa a cidade na sua totalidade, ou seja, observa a cidade do alto e de longe. Certeau (2008) descreve Voyeur como sendo o olho totalizador, ou o olhar solar, ou ainda o poder onividente.

Interessante notar que Certeau (2008) não excluiu um ou outro personagem, ele percebe a presença tanto do Voyeur (observador da cidade) quanto de Flâneur (observador e praticante da cidade) influenciando no movimento de mudança da cidade. Tomando como referência esses dois personagens, analisa-se a Praça dos Girassóis para além da sua arquitetura panóptica, ou seja, com a análise, busca-se identificar outras espacialidades, como as descritas por Certeau (2008, p. 172):

Escapando às totalidades imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), a “outra espacialidade” (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço). Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível.

As práticas cotidianas, que neste estudo se referem às atividades físicas, possibilitaram que as áreas públicas existentes em Palmas, como é o caso da Praça dos Girassóis, ultrapassassem os limites determinados pela sua arquitetura. De

acordo com Certeau (2008, p. 178), “o caminhante transforma em outra coisa cada significado espacial”. O caminhante não aceita passivamente as limitações impostas pelo desenho urbano, ele “[...] também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais (CERTEAU, 2008, p. 178). Fato observado na narrativa de Apolo ao ser questionado sobre os lugares que utiliza para realizar atividades físicas:

Aqui em Palmas a gente não tem, quer dizer, a gente tem um ponto fixo da gente se encontrar, que é na Praça dos Girassóis, mas locais mesmos, certos a gente não tem não, um dia a gente vai para Praça dos Povos Indígenas, na Teotônio Segurado, no outro vai para a JK, então a gente não tem ponto fixo para correr não. A gente marca um dia para correr em tal lugar, vai lá faz o exercício, não tem um lugar definido.

O uso dos espaços para a realização de atividades físicas apresenta possibilidades diferentes das fixadas pela ordem construída. Apolo demonstra que a atividade física lhe permite ultrapassar os “caminhos considerados lícitos ou obrigatórios” (CERTEAU, 2008, p. 178), somente um aspecto se mostra fixo, o local do encontro, que é a Praça dos Girassóis; os demais vão se revelando no percurso, um dia vai para um lugar, outro dia para outro, como ele afirma “a gente não tem um lugar definido”.

A indefinição do lugar, descrita por Apolo, lança luz ao que Certeau (2008) define como ato de praticar a cidade: “a caminhada [...] lança suspeita, arrisca, transgredi, respeita [...] mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes”. A atividade física realizada por Apolo amplia as possibilidades de praticar a cidade, ultrapassando os limites impostos pelo desenho urbano.

#### **4.2. Palmas: vista do alto e de longe**

Vista do alto e de longe, Palmas parece ser um todo coerente. Seu desenho, suas dimensões e a divisão dos seus espaços revelam uma cidade sem conflitos ou contradições. Pensada nessa perspectiva, ou seja, sem a presença de pessoas, é possível pensar o desenho de Palmas como uma obra de arte, elaborada para ser observada, como um cenário ideal para Voyeur.



A arquitetura da cidade para Voyeur é “onde se origina o prazer de ‘ver o conjunto’, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos” (CERTEAU, 2008, p. 170), por isso ela é mais importante do que a necessidade de praticar a cidade. O questionamento do autor é decorrente da nova arquitetura das cidades, como pode ser percebido no seguinte fragmento:

O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores (CERTEAU, 2008, p. 170).

A cidade pensada sob a perspectiva de Voyeur, como parece ser o caso de Palmas, dificilmente atenderia às necessidades de Flâneur, que tanto observa quanto pratica a cidade. As mudanças materializadas no urbanismo moderno, presentes em cidades planejadas, como é caso de Palmas, especialmente no que se refere à ausência de pessoas na rua<sup>136</sup>, é uma realidade explicada por José D’Assunção Barros (2012, p. 23). Para este pesquisador, essas cidades:

[...] podem ser lidas de fora, porque o seu traçado carrega explicitamente uma mensagem carregada de intencionalidade. Elas foram feitas para significar algo para o observador que as contempla de uma distância a partir da qual o traçado pode ser percebido na sua totalidade.

As dificuldades impostas pelo planejamento urbano das grandes cidades, decorrente da intencionalidade<sup>137</sup> de afastar<sup>138</sup> as pessoas da rua foi tema de uma das grandes obras do urbanismo escrita por Jacobs (2011), *Morte e Vida das Grandes Cidades Norte-Americanas*, na qual apresenta a rua como sendo a celebração da vitalidade urbana por ser inesgotavelmente rica. Importante ressaltar que a leitura feita pela autora é resultado da sua experiência de praticar a cidade, à semelhança do

---

<sup>136</sup> Embora a nomenclatura de endereço utilizada em Palmas não faça referência à “rua”, o que evidencia e reforça a crítica de Berman (1986) sobre os urbanistas modernos quererem “matar a rua”, não apaga o seu significado. A rua, para Berman (1986, p. 301), é o que garante a cidade, “uma ordem que existe num estado de perpétuo movimento e mudança, a comunhão e a comunicação face a face [...]”.

<sup>137</sup> De acordo com Souza (2006), “[...] a história é uma combinação estonteante de determinismo e indeterminação, em que se combinam níveis variados de condicionamento estrutural com numerosos graus de liberdade para a ação individual [...] em que o esperável é, frequentemente, sabotado pelo inesperado, pelo contingente”.

<sup>138</sup> De acordo com Berman (1986, p. 300), “as ruas foram por toda a parte, na melhor das hipóteses, passivamente abandonadas e com frequência [...] ativamente destruída”

Flâneur. Para a autora, a aparente desordem causada pelas pessoas na rua é o que garante a segurança e a liberdade da cidade.

De acordo com Bernan (1986, p. 301), a rua representa “uma ordem que existe num estado de perpétuo movimento e mudança, a comunhão e a comunicação face a face evanescente, mas intensa e complexa, daquilo que Baudelaire (2006) chamou de família de olhos [...]”, cujo título chama-se *Família dos Pobres*.

A *Família dos Pobres* é uma história criada por Baudelaire (2006) para descrever a importância que o encontro entre as pessoas de diferentes classes sociais desempenha no processo de ampliação das sociabilidades. Por sociabilidade, Marshall Berman (1986, p. 188) entende como sendo o espaço em que “as pessoas aí vão para ver e ser vistas e para comunicar suas visões uns para os outros, não por qualquer motivo oculto, ganância ou competição, mas como um fim em si mesmo”, ou seja, o de praticar a cidade em toda a sua complexidade.

Uma característica marcante do planejamento urbano de Palmas é a separação dos espaços em área comercial e residencial. A aparente ordem expressa na separação dos espaços resultou no afastamento das pessoas das ruas em atividades do cotidiano, especialmente pelas distâncias a serem percorridas. Essa característica da cidade, embora tenha comprometido a mobilidade das pessoas em atividades do cotidiano, representou de certa forma, uma possibilidade para as pessoas praticarem atividades físicas em diferentes partes da cidade.

Separada em funções pré-determinadas, Palmas carrega uma intencionalidade na sua organização. Assim, essas intencionalidades podem ser consideradas como múltiplas, encadeadas e plurais, pois, se por um lado dificulta a mobilidade das pessoas em seus afazeres diários, por outro, contribui para a realização de atividades físicas nesses espaços. Necessário foi perceber, ao longo do estudo, as intencionalidades presentes no desenho urbano de Palmas, mediante análise da subjetividade presente nas narrativas das sujeitas e dos sujeitos que praticam a cidade.

A partir do estudo de Barros (2012), comparou-se Palmas a um padrão de especialização “imposto de fora por alguma ideia matriz, ou de algum desenho preconcebido consoante uma representação específica” (BARROS, 2012, p. 23), visto que, quando da sua concepção, não havia pessoas vivendo na cidade para que os urbanistas pensassem os espaços a partir da necessidade das pessoas. Como uma cidade planejada, Palmas foi pensada antes de ser vivida. Nesse sentido, pode-se

pensar que o desenho da cidade não levou em consideração as especificidades locais, mas sim os interesses externos, correspondente àqueles que viriam a habitá-la.

### 4.3. Prática cotidiana da cidade

A cidade pode ser analisada por diferentes perspectivas. A ideia aqui é refletir sobre a cidade enquanto produto histórico e social, levando em consideração as sociabilidades<sup>139</sup> desenvolvidas em Palmas, em diferentes partes da cidade, tendo a Praça dos Girassóis como objeto de análise,

Conforme Ana Fani Alessandri Carlos (2015, p. 67), a cidade “é um fazer-se intenso, ininterrupto”. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a Praça dos Girassóis pôde configurar-se como uma construção panóptica, como a apresentada no capítulo anterior, também se mostrou válida a troca de experiências que dão sentido ao lugar.

As experiências vivenciadas pelas sujeitas e pelos sujeitos na Praça dos Girassóis, narradas mediante a utilização da metodologia de história oral, representam as apropriações do lugar pelo corpo, na medida em que “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva a algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (AUGÉ, 1994, p. 73).

As narrativas de história oral que marcam os encontros decorrentes da realização de atividades físicas revelam que a Praça dos Girassóis tem passado por constantes mudanças<sup>140</sup>. Construída para ser o centro cívico de Palmas, passou a ser vista também como um espaço de lazer, frequentada por esportistas que usam o lugar não só para a realização de atividades físicas, mas também para a troca de experiências que podem ocorrer tanto no decorrer das atividades físicas quanto em encontros promovidos para integração das pessoas, como no caso de eventos esportivos, eventos de datas comemorativas e eventos de socialização do grupo.

---

<sup>139</sup> Para Pesavento (2007, p. 14), a cidade “é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos”.

<sup>140</sup> De acordo com Carlos (2015, p. 69), “[...] mudanças são hoje cada vez mais rápidas e profundas gerando novas formas de configuração espacial, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas, novos valores”.

A ideia da cidade como algo inacabado abriu possibilidades para analisar a Praça dos Girassóis a partir das sociabilidades desenvolvidas entre as pessoas e destas com o lugar. Essa possibilidade surge a partir da realização das entrevistas de história oral<sup>141</sup>, quando se tornou evidente a importância das relações estabelecidas entre as pessoas na Praça dos Girassóis.

A partir das contribuições de Pesavento (2007) sobre sociabilidade, refletiu-se a respeito do uso cotidiano da Praça dos Girassóis pelas pessoas que realizam atividades físicas regularmente. Por sociabilidade, entende-se como sendo as relações sociais que comportam “personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos [...]” (PESAVENTO, 2007, p. 14).

No momento em que as pessoas utilizam a Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas acabam se apropriando do lugar pelo corpo, não só o corpo vigiado como no estudo que leva em consideração a metáfora do panóptico, mas o corpo que se relaciona com o outro. Nesse sentido, as trocas, as brincadeiras, as competições ou mesmo as confidências entre as pessoas, se traduzem em códigos que só fazem sentido para quem vivencia as experiências significativas do lugar<sup>142</sup>. É “no lugar que encontramos as mesmas determinações de totalidade sem com isso eliminar-se das partes [...]” (CARLOS, 2007, p. 15).

O lugar marca as experiências vividas, que se tornam indissociáveis do lugar porque se relacionam, formam um todo para representar o significado que as experiências tiveram para as sujeitas e para os sujeitos; é no lugar que “se desenvolve a vida em todas as suas dimensões” (CARLOS, 2007, p. 17).

O lugar, para Carlos (2007), pode ser visto em duas dimensões, a “de fora”, que corresponde àquela possível de acompanhar a partir do acontecer histórico. Nesse sentido, a Praça dos Girassóis, inicialmente vista como um centro cívico, passou a ser referenciada como um local de lazer, pelo uso cotidiano dos esportistas. Interessante notar que a Praça não deixou de ser um centro cívico pelo uso dos

---

<sup>141</sup> No Encontro Nacional de História Oral foi apresentado um trabalho, como pesquisa em andamento, que analisou as entrevistas de história oral no artigo intitulado “Espaços de Sociabilidade em Palmas-TO: narrativas que versam sobre a urbanidade em uma cidade planejada” (SANTOS; PARENTE, 2020).

<sup>142</sup> O autor Augé (1994) e a autora Carlos (2007) entendem que as práticas cotidianas transformam o espaço em lugar e Certeau (2008) entende o contrário, que são as práticas sociais que transformam o lugar em espaço.

esportistas, mas incorporou esta referência pelas práticas que passaram a ser desenvolvidas no lugar.

A outra dimensão de lugar trazida por Carlos (2007) corresponde àquela vista “de dentro”, que foi analisada tanto pela sua capacidade de vigiar o corpo quanto de promover a sociabilidade, redefinindo assim o sentido atribuído ao lugar. Analisada de dentro, pouco importa se a Praça dos Girassóis foi construída para ser um centro cívico, ou se foi utilizada como uma construção panóptica que vigia o corpo, mas importa o fato de ter promovido sociabilidades a partir das relações desenvolvidas entre as pessoas e destas com o lugar. Assim, a Praça dos Girassóis, percebida como um espaço propício à realização de atividades físicas, está associada à ideia de lazer, embora não deixe de ser reconhecida como um centro cívico.

A relação desenvolvida entre as pessoas, a partir da prática de atividade física na Praça dos Girassóis, denomina-se como sociabilidade<sup>143</sup>. Essa noção foi elaborada por Pesavento (2007), sendo útil a este estudo de tese pela possibilidade de explicar as razões que levaram as pessoas, para além do controle do corpo, a usar a Praça pela sociabilidade nela desenvolvida, decorrente do uso cotidiano do lugar.

As sociabilidades decorrentes do uso do lugar têm sido debatidas por vários autores, entre eles Peter Burke (2005) que analisou a história de Amsterdã no século XVII a partir de dois sentidos do corpo humano – o olfato e a audição. Em seu estudo, Burke (2005) propôs uma geografia do lugar a partir dos cheiros e dos sons urbanos.

Outro estudo foi o desenvolvido por Santos (2016) e corresponde à história das cidades na perspectiva da Nova História Cultural. O autor adotou como objeto de estudo a história de Teresina, capital do Piauí, observando as sociabilidades desenvolvidas no bar *Nós e Elis*, nas décadas de 1980 e 1990. O foco do autor para esta casa noturna foi decorrente do fato dela ter se configurado como um espaço plural que congrega sonhos e desejos da juventude teresinense, especialmente dos artistas.

No caso desta investigação, o objeto de estudo, no que se refere à análise das sociabilidades, é sobre o uso da Praça dos Girassóis pela população para a realização de atividades físicas. A proposta foi refletir sobre o significado que este espaço possui para as mulheres e para os homens. Se por um lado o panóptico buscou moldar o

---

<sup>143</sup> O estudo de Pesavento (2007) sobre sociabilidades está no campo temático da história das cidades.

comportamento da população em relação à realização de atividades físicas, as relações que são desenvolvidas neste espaço são explicadas pelas sociabilidades desenvolvidas neste lugar.

#### **4.4. Percepção das sujeitas e dos sujeitos sobre Palmas**

Cidades planejadas como é o caso de Palmas carregam intencionalidades que podem ser analisadas a partir da relação que as pessoas têm com o espaço. Os estudos de Certeau (2008) sobre a cidade trouxeram importantes contribuições, especialmente quando se trata de entender as razões que levariam às pessoas a se colocarem na posição de espectadores e não de praticantes da cidade.

Buscando entender as razões que levam as pessoas a se tornarem expectadores ao invés de praticantes do espaço, propõe-se o seguinte questionamento: o que teria ocasionado o afastamento das pessoas das ruas? A arquitetura seria uma das razões, as pessoas teriam se transfigurado em Voyeur, passando a olhar a cidade de longe como é possível observar na narrativa de Flora, ao descrever a cidade:

Palmas é uma cidade limpa, é uma cidade com bastante verde, eu acho uma cidade tranquila, [...] eu não tenho do que reclamar, foi uma cidade que me acolheu de braços abertos, eu sou paraense, estou aqui há 12 anos<sup>144</sup>.

Os aspectos elencados por Flora expressam as características de uma cidade planejada, pensada para atender a uma determinada ordem, uma ordem que poderia facilmente ser desfeita com a presença de pessoas, mas que se impõe e mantem-se assim como uma ordem dada. A presença de pessoas seria a causa da desordem de muitas cidades do passado, desordem que na perspectiva de Jacobs (2011) é o que mantém as ruas seguras e cheias de vida. A autora reconhece que a “desordem” que garante a liberdade da cidade é complexa exatamente por comportar movimento e mudança. Uma “desordem<sup>145</sup>” que leva em consideração a vida (a prática da cidade) e não a arte (o desenho urbanístico da cidade).

---

<sup>144</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 16 de dezembro de 2019.

<sup>145</sup> Tanto Certeau (2008) quanto Jacobs (2011) referem-se não a uma desordem, mas a uma nova ordem que se desenvolve espontaneamente pelas práticas cotidianas. Ou seja, esses autores são

Na narrativa de Flora, observa-se que a relação com Palmas é de estrangeira: “Eu **sou** paraense”, a frase denota que ela pertence a outro lugar que não é Palmas, e continua, “**Estou** aqui há 12 anos”. O verbo “estar” oferece um sentido associado a algo que é temporário, ou seja, que irá ter um fim ou que ainda não se materializou em pertencimento.

O distanciamento das pessoas com os espaços da cidade pode ocorrer por dois aspectos. O primeiro está relacionado ao fato de Palmas ser uma cidade planejada e, por esta razão, ter sido construída a partir de um desenho previamente concebido, sem a presença de pessoas que pudessem influenciar os seus idealizadores. O segundo está diretamente relacionado ao primeiro e diz respeito ao fato de as pessoas terem vindo de outras cidades - “Eu sou paraense”. Pelo fato de Palmas ser uma cidade jovem, muitos de seus habitantes são de outros lugares, o que pode tornar a cidade ainda mais impessoal. O esporte configura-se como possibilidade de aproximar as pessoas das ruas, levando-as a praticar a cidade, o que amplia as possibilidades de encontros com outras pessoas, podendo desenvolver relacionamentos que tornem a relação com o lugar significativa.

Na descrição feita por Poseidon, quando convidado a narrar sobre a relação dos esportistas com a cidade, é possível identificar que Palmas possui várias possibilidades para o desenvolvimento de atividades esportivas:

Palmas é uma capital voltada para que você faça atividade física, ela tem ruas largas para você correr, ela tem praça para você correr, ela tem o lago para você nadar, tem a serra para fazer trilha, para fazer asa delta, para praticar ciclismo, então tudo isto contribui para que nós tenhamos mais praticantes de atividades físicas, para que nós possamos ostentar este *ranking* de primeiro lugar no número de praticante de atividade física por muito tempo ainda<sup>146</sup>.

A percepção de Poseidon sobre as possibilidades existentes em Palmas para o desenvolvimento de atividades físicas é decorrente do seu olhar de profissional como educador físico; isso faz pensar que a sua narrativa não é ingênua, embora ele acredite que a cidade tenha sido planejada para a prática esportiva, esse olhar sobre a cidade é decorrente da sua profissão. As ruas largas não foram planejadas para os

---

contrários ao pensamento dos urbanistas que, sem vivenciar a cidade, ditam regras de como deve ser o comportamento dos cidadãos nos espaços por eles criados.

<sup>146</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 19 de dezembro de 2019.

corredores, as praças<sup>147</sup> tão pouco tiveram esta intenção, nem o lago<sup>148</sup> foi formado para contemplar os esportistas.

As ruas largas, como apresenta Barros (2012, p. 23), “foram feitas para significar algo para o observador”. No caso de Palmas, a rua foi planejada para os carros e não para as pessoas; outros espaços, como as passarelas, tiveram esta função, todavia a cidade não conta com passarelas em toda a sua extensão. Nos locais onde as passarelas ainda não foram construídas, as pessoas são vistas como intrusas, como pode ser inferido pela narrativa de Hermes, ao ser perguntado sobre a relação dos esportistas com a cidade:

[...] o corredor de rua, o que a gente sempre orienta, a gente usa a [rua] Teotônio Segurado, correndo no asfalto, na rua, eu reconheço que isto não é uma prática adequada, mas acaba que isto acontece, quando isto acontece, sempre, isto é lei, é regra nossa, a gente corre na contramão de forma que a pessoa que está correndo ela consiga vê o fluxo de veículos vindo na direção dela, então ela tem um controle visual, se o carro está vindo na direção dela, se ela tiver que desviar do carro ela vai para a calçada e quando o trânsito permitir ela volta para a rua, mas é fundamental este corredor tá sempre correndo na contramão<sup>149</sup>.

A rua deixou de ser um espaço do Flâneur, símbolo da vitalidade urbana, tema da cultura moderna do início do século XX como descrita por Berman (1986, p. 300):

[...] essa cultura urbana cristalizou-se em torno da rua, que emergiu como símbolo fundamental da vida moderna [...] a rua foi experimentada como um meio no qual a totalidade das forças materiais e espirituais modernas poderia se encontrar, chocar-se e se misturar para produzir seus destinos e significados últimos.

Na continuação da descrição, Berman (1986) lamenta o trabalho desenvolvido pelos arquitetos e urbanistas modernos que promove o afastamento das pessoas da rua. Em sua análise, a prática do espaço urbano foi sendo passivamente abandonada e ativamente destruída desde então, como no caso de Palmas, em que o uso da rua no cotidiano das pessoas é desencorajado.

A presença de pessoas nas ruas, no caso deste estudo de tese, revelada pela prática de atividades físicas, demonstra uma forma de resistir à supermodernidade<sup>150</sup>

---

<sup>147</sup> A Praça dos Girassóis foi criada para ser um centro cívico.

<sup>148</sup> Lago artificial formado pela construção da usina hidrelétrica de Lajeado.

<sup>149</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 7 de janeiro de 2020.

<sup>150</sup> Augé (1994) trata como supermodernidade a forma de pensar um período da história em que o “excesso” corresponde à medida exata da superabundância factual do mundo contemporâneo.



que produziu os não-lugares. O não-lugar se constitui como de passagem, provisório e efêmero. No caso de Palmas, a rua é esse não-lugar que, no uso cotidiano, constitui-se como um lugar de passagem.

As ruas largas, como as existentes em Palmas, não foram construídas para facilitar a prática de atividades físicas, mas sim para atender às necessidades do tráfego de veículos; o seu uso pelos esportistas pode ser considerado como um fenômeno que escapa ao escopo do planejamento urbano.

Com relação a essa realidade, Jacobs (2011) afirma que as pessoas promovem o movimento de mudança na cidade, contrariando, muitas vezes, suas configurações; o uso diferente ao do planejado pode configurar-se como um lugar antropológico, ou seja, identitário, relacional e histórico. Ressalta-se, portanto, que, embora a intencionalidade das ruas em Palmas, com grandes dimensões, seja para o uso dos veículos, o seu uso pelos esportistas tem se mostrado como uma possibilidade de alterar esta realidade.

O ato de apropriação dos espaços que não foram planejados para as pessoas, como vem sendo apresentado, não é um movimento que seja possível em atividades do cotidiano. Em outras situações como ir ao supermercado, ou à farmácia, ou ao trabalho, ao hospital, à escola, ou mesmo, como é o tema discutido nesta pesquisa, o ato de se deslocar para um espaço de lazer, as pessoas precisam adaptar e alterar sua rotina. Essa situação consta na descrição feita por Diana ao ser convidada a falar sobre as mudanças ocorridas na cidade diante do uso dos espaços para a realização de atividades físicas:

Eu acredito que sim, que houve mudanças, a gente pode ver aqui na praça, as pessoas saem do serviço, guarda lá sua roupa, já sai com o seu tênis e já vão correr, já vão fazer a caminhada, então eu acredito que sim, que teve uma mudança, por mais que Palmas seja uma cidade planejada, mas é uma cidade distante para você sair de um lugar e ir para outro, então compensa muito mais eu sair do trabalho e já ir fazer uma atividade física antes de voltar para casa [...] <sup>151</sup>.

A narrativa de Diana permite algumas considerações, uma delas faz referência às distâncias a serem percorridas pelas pessoas devido ao desenho urbano da cidade. Diana descreve que elas preferem sair do trabalho e ir direto realizar a atividade física, antes de voltarem para casa.

---

<sup>151</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 8 de janeiro de 2020.

Outro aspecto refere-se à questão da percepção que as pessoas têm de uma cidade planejada: “por mais que Palmas seja uma cidade planejada, é uma cidade distante para você sair de um lugar e ir para outro”. Para Diana, uma cidade planejada não deveria ter problemas dessa natureza, justamente porque foi previamente pensada. Nesse sentido, o modelo cartesiano de separação dos espaços (área residencial e área comercial), a escala dos espaços (extensão das quadras 700 x 700 metros), a ausência de passarelas em toda a sua extensão dificultam a prática dos espaços pelo pedestre, o que, por sua vez, representa um problema de urbanidade para a população.

O planejamento das cidades pressupõe a antecipação aos problemas urbanos que podem existir, todavia, para além de antecipar-se a problemas, esse planejamento pressupõe intencionalidades. De acordo com María-Ángeles Durán (2008), todas as construções possuem ideologias e foram projetadas para atender a uma determinada finalidade. Sobre isso, a ausência de passarelas em toda a extensão da cidade não foi um aspecto priorizado no desenho urbano de Palmas, como pode ser observado nas imagens a seguir:

Figura 8 - Descontinuidade das passarelas ao redor das quadras residenciais

Passarela entre as Avenidas LO-5 e NS-9



Passarela entre as Avenidas LO-5 e NS-9



Fonte: Acervo da pesquisa (2019).

Conforme se observa na Figura 8, a inexistência de passarelas, a descontinuidade do desenho, a presença de postes no meio das passarelas, o desgaste da estrutura, são estes elementos que apontam para a não priorização desse espaço em Palmas.

Embora a descrição de Diana sobre Palmas apresente características de não-lugares: “A gente pode ver aqui na praça, as pessoas saem do serviço, guarda lá sua roupa, já sai com o seu tênis e já vão correr, já vão fazer a caminhada”, o seu uso

efêmero também a constitui como lugar, quando a mesma caminhada resultar em relacionamentos que tornem o uso do local significativos para estas pessoas.

A Praça dos Girassóis pode ser entendida como um não lugar, quando frequentada como um lugar de passagem. Todavia, Augé (1994) afirma que o não lugar pode comportar a ideia de lugar quando este promove memórias significativas para as pessoas. Dessa forma, “existe evidentemente o não-lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele” (AUGÉ, 1994, p.74). Assim, a Praça dos Girassóis pode ser apenas mais uma praça entre tantas outras, a exemplo de um *shopping*, um aeroporto, ou um supermercado, portanto um não lugar, mas também pode configurar-se como um lugar a partir do momento em que nela sejam desenvolvidas relações que as tornem significativas. O uso social é que pode transformar um local em lugar ou não-lugar.

#### 4.5. Sociabilidade desenvolvida na Praça dos Girassóis

O lugar antropológico<sup>152</sup> para Augé (1994) é aquele classificado e promovido a lugar de memória. Para Nora (1993, p. 12), “lugar de memória são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama por ela é ignorada”. Embora, em alguma medida, exista relação entre a proposição dos dois autores, neste estudo, entende-se por lugar de memória a definição de Augé (1994, p. 51), que o apresenta como sendo “princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa”.

Nesta tese, o lugar de memória é aquele que carrega em si um significado, pois é resultado da relação das sujeitas e dos sujeitos com o espaço. É nesse sentido que a Praça dos Girassóis pode ser entendida como um lugar de memória para Hermes, como inferido pela sua narrativa:

[...] Eu cheguei aqui na praça, neste ponto que nós estamos aqui fazendo esta entrevista. Eu cheguei aqui, o dia exato eu não vou conseguir te falar, mas foi no mês de maio, nós estamos em 2019 né, minha matemática agora

---

<sup>152</sup> Lugar antropológico corresponde à “construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja” (AUGÉ, 1994, p. 51).

vai falhar, enfim, têm 12 anos que eu estou na Praça dos Girassóis, no mesmo ponto e por uma felicidade tremenda, eu tenho alunos que começaram comigo lá no início e permanecem comigo até hoje<sup>153</sup>.

A Praça dos Girassóis, no contexto da narrativa de Hermes, pode ser interpretada a partir da noção teórica que Augé (1994, p. 73) atribui a lugar por caracterizar-se como identitário (conjunto de possibilidades, prescrições e proibições), relacional (elementos são distribuídos em relações de coexistências) e histórico (conjuga identidade e relação).

Estar no mesmo lugar, para Hermes, possui um significado, pois o remete às vivências ocorridas ali ao longo dos doze anos. A forma como o grupo se relaciona com os elementos presentes na praça durante as atividades físicas produz memórias que não podem ser desassociadas do lugar.

A utilização da Praça dos Girassóis apenas para a realização de atividades físicas, sem qualquer relação com o lugar ou com as pessoas, faz dela um não-lugar. Todavia, a partir do momento que relacionamentos são desenvolvidos ali, por meio dos percursos que se efetuam, a Praça dos Girassóis pode ser entendida como lugar. Como reforça Augé (1994, p. 74), “o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação”.

O lugar, afirma Carlos (2007, p. 14), “guarda em si e não fora dele o seu significado e a dimensão do movimento da vida, possível de ser apreendida pela memória, através dos sentidos e do corpo”. Tomando como referência essa explicação, é possível abstrair da narrativa de Ceres que a Praça dos Girassóis, para além da vigilância sobre o corpo, representa um lugar em que foram vivenciados momentos significativos, rememorados durante a entrevista, expressos não só em sua fala, mas, também, nos sentimentos de entusiasmo manifestos em seu corpo.

Cada pessoa que pratica o lugar o faz de forma singular, porque cada pessoa é única e suas experiências anteriores possibilitam sentidos diferentes para cada indivíduo por mais que estejam realizando a mesma atividade, ao mesmo tempo, no

---

<sup>153</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 7 de janeiro de 2020.

mesmo lugar. Cada sujeita e cada sujeito construíram uma história de relação com o lugar, como é possível perceber na narrativa de Ceres:

Eu grito muito, eu me divirto muito, me esforço, eu grito com um, grito com outro, coloco apelido, depois tiro, peço desculpa, brigo [risos] eu me divirto assim [...] participo cem por cento da atividade<sup>154</sup>.

Ao analisar a narrativa de Ceres, infere-se que, embora a Praça dos Girassóis se constitua como não-lugar, por ser uma praça entre tantas outras, não só em Palmas, mas como em várias cidades do mundo, a partir do momento em que ela passou a ser praticada e percebida pela entrevistada como um lugar de sociabilidade, essa Praça passa a constituir-se como um lugar. A possibilidade de um lugar passar a ser observado como um lugar está presente na explicação de Augé (1994) quando afirma que no interior dos não-lugares é possível a existência do lugar. Portanto, “o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ, 1994, p. 74).

Da narrativa de Zeus é possível inferir que a Praça dos Girassóis pode configurar-se como um lugar por reunir os elementos que o tornam um lugar antropológico, ou seja, identitário, relacional e histórico (AUGÉ, 1994):

A gente faz amizade que se torna uma família neste ambiente do esporte. São pessoas que a gente pode contar, independentemente do horário, já vivenciei muito isto, principalmente para a gente que não tem família aqui, estes vínculos acabam ajudando muito<sup>155</sup>.

A análise da Praça dos Girassóis é apresentada como um lugar antropológico porque, no contexto da fala de Zeus, ela está investida de sentido: “A gente faz amizade que se torna uma família”. Cada ato colaborativo contribui para a formação de um ambiente de reciprocidade e companheirismo, especialmente, como afirma Zeus, “para a gente que não tem família aqui”, ou seja, para pessoas que vieram de outras cidades, estados ou, inclusive de outros países, como é o caso de Zeus.

Os espaços utilizados para a realização de atividades físicas, como assegura Pesavento (2007, p. 13), são espaços que se constituem como objeto de reflexão a

---

<sup>154</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 12 de novembro de 2019.

<sup>155</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. Os elementos como “gritos, risos, brincadeira”, apresentados na narrativa de Ceres, são entendidos como características de sociabilidade. Como explicado por Pesavento (2007, p. 14), a sociabilidade comporta “práticas de interação e de oposição, ritos e festas”. A narrativa de Carmenta reforça a realização das práticas de sociabilidade:

A gente comemora os aniversariantes do mês, conhecemos muitas pessoas, cada um leva uma coisa, então é bacana as atividades, eu gosto muito<sup>156</sup>.

A Praça dos Girassóis foi tomada como um objeto de reflexão a partir das representações sociais que produziram as práticas sociais, entendidas como sociabilidades. Para Pesavento (2007), as sociabilidades podem ocorrer de diferentes formas, entre elas, pelas práticas cotidianas. As sociabilidades são todas as marcas que “registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo” (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Diante disso, a Praça dos Girassóis pensada a partir da sua arquitetura não é capaz de provocar nas pessoas os sentidos que permitam pensá-la como lugar de memória, todavia, quando pensada a partir das narrativas das pessoas que viveram experiências significativas por meio dos encontros, das trocas, dos conflitos e das contradições, pode ser entendida como lugar por meio da sociabilidade desenvolvida, como consta da narrativa de Cibele:

[...] mas quando eu estou desmotivada aí eu procuro o grupo, que é certo, eu chego lá é uma energia muito boa, todo mundo animado querendo se envolver, o povo gosta muito de foto, gosta muito de tomar um café junto, eu acho isto muito bacana. O grupo é como uma família!<sup>157</sup>

O que é possível inferir pela narrativa de Cibele é que a arquitetura não é o que torna a Praça dos Girassóis um lugar, e sim as sociabilidades: “Gosta muito de tomar um café junto, eu acho isto muito bacana. O grupo é como uma família”. A Praça dos Girassóis só faz sentido como lugar, no contexto da sociabilidade narrada por Cibele, pelas interações que ocorrem no lugar.

---

<sup>156</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 20 de dezembro de 2019.

<sup>157</sup> Entrevistadora: Jeany Castro dos Santos, Palmas, TO, 08 de novembro de 2019.

Outro aspecto importante a ser analisado diz respeito aos sentimentos narrados sobre o lugar: “É uma energia boa”. Ao mesmo tempo em que Cibele se refere ao sentimento produzido pelas pessoas, não é possível desassociá-las do lugar. A narrativa traz um terceiro elemento, a produção de imagens: “O povo gosta muito de foto”. De acordo com Pesavento (2007, p. 14), a cidade “é objeto de produção de imagem e discurso que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam”. Cibele traz a foto como um momento importante para o grupo.

Figura 9 - Ilustrativa de final de treino na Praça dos Girassóis



Fonte: Acervo da pesquisa (2019).

As imagens produzidas diariamente na Praça dos Girassóis compõem o registro da memória das sujeitas e dos sujeitos que fazem uso do lugar. De acordo com Augé (1994) e Carlos (2007), são as práticas sociais cotidianas que transformam o espaço em lugar.

Nesse sentido, retoma-se o questionamento apresentado no início deste capítulo, o qual faz referência à possibilidade do desenvolvimento de sociabilidade na Praça dos Girassóis. Com base na noção de sociabilidade de Pesavento (2007) a partir da análise das narrativas de história oral, conclui-se que as sujeitas e os sujeitos, em alguma medida, conseguiram escapar à vigilância que busca controlar o corpo para o desenvolvimento de sociabilidades.

## PARTE V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta quinta e última parte, apresentou-se as considerações finais, retomando os elementos propositivos da tese e apontamentos sobre o seu alcance, bem como a apresentação da tese defendida neste estudo. A tese apresentou como objeto de análise o corpo e a cidade. Ambos, neste estudo, estão intimamente relacionados, visto que o objeto empírico faz referência às pessoas que realizam atividades físicas na Praça dos Girassóis, do município de Palmas, Tocantins. Chamou à atenção a quantidade de pessoas que utilizam essa praça para esse tipo de atividade, especialmente as mulheres.

A inquietação em relação às razões que levaram a população de Palmas a realizar atividades físicas na Praça dos Girassóis conduziu aos referenciais teóricos que puderam iluminar a análise sobre o corpo e a cidade. Para chegar a estes referenciais teóricos dois questionamentos foram necessários: Por que as pessoas se sentiam impulsionadas a realizar atividades físicas? E, por que a Praça dos Girassóis passou a ser utilizada para a realização dessas atividades?

O desenvolvimento desses dois temas desencadeou, conseqüentemente, duas novas inquietações. No que se refere ao corpo, questionou-se a respeito do porquê mulheres e homens possuem percepções diferentes a respeito da atividade física; e, na categoria cidade, questionou-se sobre as razões que tornaram a Praça dos Girassóis um lugar de sociabilidades.

Para o desenvolvimento da tese, estabeleceu-se como objetivo geral analisar as razões que levaram mulheres e homens a realizar atividades físicas na Praça dos Girassóis, em Palmas-Tocantins. Para tanto, delinear-se quatro objetivos específicos, a saber: 1. analisar os mecanismos de controle do corpo; 2. promover uma reflexão sobre duas dimensões do controle do corpo: a social e a individual, sob a perspectiva de gênero; 3. propor uma analogia entre a arquitetura panóptica e Praça dos Girassóis; 4. identificar os fatores que levaram a sociabilidade na Praça dos Girassóis.

O primeiro objetivo específico foi alcançado mediante o desenvolvimento do Capítulo I, no qual se discutiu sobre os mecanismos de controle do corpo, mediante o referencial teórico do biopoder, mediado pelas fontes orais e documentais. Nesse



capítulo, foi possível desenvolver o argumento de que as atividades físicas compreendem uma estratégia do biopoder para controlar os corpos.

O estudo permitiu inferir que o biopoder exerce influência sobre a necessidade de realizar atividade física, como relatado por Carmenta, que passou a realizar atividade física por recomendação médica para as dores de coluna. Ou até mesmo na situação narrada por Minerva, que apesar de resistir por um tempo aos apelos do médico, rendeu-se e passou a realizar atividade física, entendendo ser o caminho para prevenção de doenças, como diabetes e colesterol.

A estratégia do biopoder mostrou-se presente pela via da sedução quando a atividade física se mostrou uma possibilidade de moldar o corpo para melhorar a estética, como nas situações relatadas por Carmenta, que buscou parecer mais jovem; e Flora, que se mostrou preocupada em ficar magra. Seja pelos argumentos da busca pela saúde ou pela beleza, o biopoder pode ser entendido como um elemento capaz de influenciar mulheres e homens a realizar atividades físicas.

O segundo objetivo específico foi alcançado com a construção do Capítulo II, que se ocupou em refletir sobre o controle do corpo a partir do gênero e da subjetividade, como foi evidenciado na cobrança para que Telure aumentasse os seios por meio de procedimento cirúrgico, sob o argumento de que iria ficar mais bonita; ou magra e jovem, como no caso relatado por Ceres; ou ainda com coxas grossas, bumbum duro e barriga zero como descrito por Diana e até mesmo na situação descrita por Poseidon, em que os homens passaram a cuidar do cabelo, barba e realizar atividade física para emagrecer e perder barriga, como também foi relatado por Zeus. Esses pontos evidenciaram o argumento de que o controle do corpo tem como propósito reforçar as características de classificação binária por meio de modelos de corpo cultural e socialmente produzidos.

Nesse capítulo, evidenciou-se, ainda, que as mulheres são maioria nos grupos que se reúnem na Praça dos Girassóis e, considerando os relatos das mulheres, inferiu-se que as atividades físicas se mostraram como uma possibilidade de encontros, trocas e diversão para elas. Disso, deduz-se que a percepção das mulheres a respeito do momento dedicado às atividades físicas escapa, em alguma medida, ao controle do corpo, dando espaço às trocas de experiência, levando, inclusive, à mudança de percepção em relação aos ideais de corpo socialmente valorizado.

O terceiro objetivo específico foi alcançado com a elaboração do Capítulo III, em que se lançou a desafio de promover uma analogia entre a arquitetura panóptica e a Praça dos Girassóis, argumentando-se que a vigilância é um aspecto importante no controle do corpo. Nessa relação, a Praça dos Girassóis concentrou elementos que favorecem a vigilância dos corpos que a utilizam para a realização de atividades físicas.

Esse argumento foi construído por meio da análise do desenho da Praça dos Girassóis e sua disposição no planejamento urbano da cidade, bem como na posição em que os diferentes personagens ficam distribuídos no contexto de sua utilização. Ao que foi possível inferir é que a estrutura da Praça dos Girassóis comporta a sobreposição da arquitetura panóptica, ampliando ainda mais a sua capacidade de vigilância. Assim, chegou-se ao entendimento de que quanto maior a vigilância, maior o seu efeito, evidenciado na ampliação dos setores que se lançam à proposta de valorização das atividades físicas, conforme apresentado no caso das análises laboratoriais voltadas especificamente para os atletas.

O quarto objetivo específico foi alcançado mediante o desenvolvimento do Capítulo IV, que teve como proposta identificar os aspectos que permitiram o uso contínuo da Praça dos Girassóis pelo esportista. Esse aspecto pôde ser observado na narrativa de Hermes, quando descreveu que está na Praça dos Girassóis há 12 anos atuando como profissional de educação física; ou na narrativa de Ceres, quando relata sobre o quanto se diverte quando está na companhia de outras mulheres realizando atividades físicas nessa mesma Praça; ou ainda na narrativa de Zeus, sobre como se sente bem na companhia das pessoas que realizam atividades na Praça dos Girassóis, sendo ele um estrangeiro nascido em Guiné Bissau, passou a considerar essas pessoas como uma família; ou de Carmenta, quando relata que os encontros com o grupo não se resumem à realização de atividades físicas, mas se ampliam a encontros que vão desde a comemoração de aniversariantes a eventos de campanhas de saúde, como é o caso do Mês Lilás de prevenção ao câncer de mama e o Novembro Azul, destinado à conscientização do homem para a prevenção contra o câncer de próstata. Esses relatos contribuíram para a compreensão da Praça dos Girassóis como um lugar de sociabilidades, dadas as experiências vivenciadas pelas sujeitas e pelos sujeitos no uso cotidiano deste lugar.

Por todo o exposto, o argumento que me empenhei em defender é que os mecanismos de vigilância e controle sobre o corpo influenciam na decisão de praticar

atividades físicas, mas é a sociabilidade desenvolvida no contexto da relação do grupo que garante a prática cotidiana do lugar.

### 5.1. Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 2 ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.pp. 155-202.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed.,. Atual. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2013.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **(MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis**. Outros tempos, Maranhão, n. 29, vol. 17, p. 260-281, 2020. Disponível em: <[https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/776](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/776)>. Acesso em: 12/01/2021.

ALECRIM, Edisselma dos Santos. **Juventudes e cultura, um diálogo possível: o acesso dos jovens a pontos de cultura no município de Palmas**. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Palmas, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/143/1/Edisselma%20dos%20Santos%20Alecrim%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 10/05/2018.

ALENCAR. Edgard. **Pesquisa em Turismo**. Lavras: UFLA/FAEPE. 2007. 174p.

ARAUJO. Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate**. Revista Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, 2005, PP. 41-52.

Aronowitz Robert. **The converged experience of risk and disease**. TheMilbank Quarterly, vol. 87, n. 2, 2009. pp. 417-442. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2728027>>. Acesso em: 10-05/2019.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994. Tradução: de Maria Lúcia Pereira.Título original: Non—lieux – Introduction à uno anthropologie de La surmodernité.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2006.

BARROS. José D'Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BAZZOLI. João Aparecido. **Palmas em foco: contradições de uma cidade planejada**. Palmas: EDUFT, 2019.

BENTHAM. Jeremy. **O Panóptico ou a casa de inspeção**. In: TADEU, Tomaz (org). **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Tradução: Tomaz Tadeu. Título Original: Panopticon.

BERMAN. Marshall. **Tudo que é sólido desmacha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras. 1986. Tradução de: Carlos Felipe Moises e Ana Maria L. Ioriatti. Título original: All That is solid melts into air.

BESSA, Kelly. **Ordem e desordem no processo de implantação de Palmas: a capital planejada do Tocantins**. Revista geosp espaço e tempo. Volume 21, n. 2. p. 496-517. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/117161>>. Acesso em: 02/10/2019.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 12.864, de 24 de setembro de 2013**. Dispõe sobre a atividade física como fator determinante e condicionante da saúde. Brasília: Presidência da República – Casa Civil, 24 de setembro de 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12864.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12864.htm)>. Acesso: em 10/6/2019.

BRASIL. **Lei nº 8.080 de 1990, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: Presidência da República – Casa Civil, 19 de setembro de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso: em 10/6/2019.

BRASIL. **Vigitel Brasil 2006**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2008. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2006.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2006.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2007**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2008. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2007.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2007.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2008**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2009. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2008.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2008.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2009**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2010. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2009.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2009.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2010**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2011. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2010.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2010.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2011**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2011.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2011.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2012**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2013. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2012.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2012.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2013**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2014. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2013.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2013.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2014**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2015. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2014.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2014.pdf)>. Acesso em: 3/09/2017

BRASIL. **Vigitel Brasil 2015**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2017a. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/02/vigitel-brasil-2016.pdf>>

BRASIL. **Vigitel Brasil 2016: em uma década**: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2007b. Disponível em: <<http://www.as.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/VIGITEL-2016.pdf>>. Acesso em: 3/09/2017.

BRASIL. **Vigitel Brasil 2016**. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2016. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/02/vigitel-brasil-2016.pdf>>. Acesso em: 3/09/2017.

BRASIL. **Vigitel Brasil 2017**. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico Brasília 2017. Disponível em:

<<https://sbpt.org.br/portal/wp-content/uploads/2019/01/VIGITEL-2017-18.pdf>>. Acesso em: 3/09/2017.

BRASIL. **Vigitel Brasil 2018**. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico Brasília 2018. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/25/vigitel-brasil-2018.pdf>>. Acesso em: 3/09/2017.

BRASIL. **Vigitel Brasil 2019**. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília 2019. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/25/vigitel-brasil-2018.pdf>>. Acesso em: 3/09/2017.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, coleção repassando a geografia. 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Arte de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. Tradução: de Ephraim Ferreira Alves.

COELHO, Débora de Moraes, FONSECA, Tania Mara Galli. **As mil saúdes: Para quem e além da saúde vigente**. Psicologia & Sociedade; v. 19, n. 2, p. 65-69, 2007.

CONNEL. Robert W. **Políticas da masculinidade**. Educação e realidade. V. 20, n. 2. 1995. Acesso em: 10/12/2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 15/10/2019.

COURTINE. Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2013. Tradução de Francisco Morás. Título Original: Déchiffre le corps: penser avec Foucault.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2012.

DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

DELGADO. Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidade**. Revista História Oral, n. 6, 2003. Dep. De História, FFLCH – USP. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 10/02/2020.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Histórias das Mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais**. São Paulo: Hucitec, 2012.

DINIZ, Francisco Rômulo Alves, OLIVEIRA, Almeida Alves. **FOUCAULT: do poder disciplinar ao biopoder**. Scientia. vol. 2, nº 3, p. 01 – 217. 2014.

DURÁN, María-Ángeles. **La ciudad compartida: conocimiento, afecto y uso**. Santiago de Chile: SUR, 2008. 205p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Tradução: de Roberto Machado.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. Tradução: de Maria Thereza da Costas Albuquerque. Título Original: *Historie de la Sexualité: Le souci de soi*.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Título original: *L'Archéologie du Savoir*.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987. Tradução: de Raquel Ramalhete. Título Original: *Surveiller et punir*.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Trad. Mana Ermantina Galvão – São Paulo: Martins fontes, 1999.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. **Eccos Revista Científica**, Universidade Nove de Julho, vol. 5, n. 1, junho, 2006.

FURTADO, Rafael Nogueira, CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. **O conceito de Biopoder no pensamento de Michel Foucault**. Revista Subjetividades, Fortaleza, dezembro, 2016. pp. 34-44.

GALVÃO, Demétrios Gomes. Os historiadores e a fotografia: encontros transversais. In: VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (orgs.). **Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em história**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. pp. 36-49.

GEHL, Jean. **Cidades para as pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. Tradução: Anita Di Marco. Título Original: *Cities for people*. 262p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte a cultura fitness**. labrys, études féministes/ estudos feministas juin/ décembre 2006/ junho/ dezembro 2006. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br>>. Acesso: 20/10/2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidade e reconhecimento da diversidade**. Cadernos de formação RBCE, p. 71-83, mar. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 21/05/2018

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo & tragédia: Como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007. 299p. Tradução Cláudio Bardella. Título Original: Love, Sex & Tragedy: How the Ancient World Shapes Our Lives.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions**. Journal of Theoretical and Philosophical Psychology, Vol 36, pp. 175-189, 2016.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico**. Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano, 13(2), pp. 3-20, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **O social na psicologia e a psicologia no social: a emergência do sujeito**. Petrópolis. Vozes, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

IVERSEN. Lisbeth. Desenvolvimento urbano, clima e meio ambiente como vantagem competitivas. In: REIS, Ana Carla Fonseca. KAGEYAMA, Peter (Orgs). **Cidades Criativas – Perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011, p. 130-137.

JACOBS Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 510p. Tradução de: Carlos S. Mendes Rosa. Título Original: The Death and Life of great american cities.

JAEGER, Angelita Alice and GOELLNER, Silvana Vilodre. **O músculo estraga a mulher? a produção de feminilidades no fisiculturismo**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2011, vol.19, n.3, pp.955-976. ISSN 0104-026X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300016>. Acesso em: 10-05/2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p. Disponível em: <[https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS\\_DA\\_PLANTACAO\\_-\\_EPISODIOS\\_DE\\_RAC\\_1\\_GRADA.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf)> Acesso em: 10/11/2020.



KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história.** São Paulo: Mackenzie, 2003.

KRAEMER, Fabiana et al. O discurso sobre a alimentação saudável como estratégia de biopoder. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24 [ 4 ]: 1337-1359, 2014.

LAGARDE, Marcela. "**Gênero**", fragmento literal: '**Género**', em **gênero e feminismo**. Desenvolvimento humano e democracia, Ed. horas e horas, Espanha, 1996, pp. 13-38.

LAURENT, Pierre Joseph. **Belezas imaginárias: antropologia do corpo e do parentesco**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2013. Tradução Newton Aquiles Von Zuben. Título Original: Beautés Imaginaires – Anthropologie du corps et de la parenté.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva. ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de. LIMA, Cristiane Cauduro. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem**. *R. gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 130-142, 1999. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/23461>>. Acesso: 08/10/2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re)introduzindo a história oral no Brasil**. Anais. São Paulo: Xamã, 1996.

MELO, Késia Maria Maximiano de. MALFITANO, Ana Paula Serrata. LOPES, Roseli Esquerdo. **Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social**. 2020. *Cadernos Brasileiros de Terapia ocupacional*. 2019, pp. 1065-1066.

MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. Tradução M. D. Magno. In: TADEU, Tomaz (org). **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 88-126. Tradução de: Pourparlers. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/81000/mod.../TC%20O%20panóptico.pdf>>. Acesso em: 10/06/2018.

NASCIMENTO, Stephany de Sá. et al. **Colônia de férias: disciplina e biopolítica infantil**. *Licere*, Belo Horizonte, v. 3. 2017.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Proj. História. São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 24/02/2021.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 16, p. 305 – 332. 2008.

OLIVEIRA, José Manoel Miranda de. Da construção de Palmas à consolidação do Tocantins. In: REIS, Patrícia Orfila Barros (Org). **Palmas: um projeto e múltiplos olhares**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins/EDUFT, 2015.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri de. **Centros urbanos e espaços livres públicos: produção e apropriação em Palmas-TO**. 2016. 340 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de pós-graduação Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2016. Acesso em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/486>. Disponível em: 10/10/2018.

PALMAS, Lei nº 85, de 16 de janeiro de 1991. Dispõe sobre o uso e ocupação do solo de Palmas. 1991.

PARENTE, Temis Gomes. **Gênero e memória de mulheres desterritorializadas**. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 99-111. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1451>>. Acesso em: 10/04/2021

PATINO TORRES, José Fernando; GOULART, Daniel Magalhaes. **Qualitative Epistemology: a scientific platform for the study of subjectivity from a cultural-historical approach**. *The journal of International Research in Early Childhood Education*. vol. 7, N. 1. Pp. 161-181, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, n. 53, 2007.

PIOVESAN, Armando. TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Ver. Saúde Pública, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15/05/2018.

POGREBINSCHI, Thamy. **Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder**. *LUA NOVA* n. 63, 2004.

PORTELLI. Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro: UFF, v. 1, n.2, 1996, pp. 59-72.

PORTELLI. Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Proj. História, São Paulo. 1997.

PORTELLI. Alessandro. **Um trabalho de relação: observações sobre a história oral**. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v. 7, n.13, 2017. PP. 182-195.

PUMAIN, Denise. **An implicit large territorial-technical system: settlement systems.** *Flux*, n. 21, pp. 11-20, 1995.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminina, gênero e história. 2019. In: organização Heloisa Burque de Hollanda. **Pensamento Feminista brasileiro: formação e contexto.** Rio de Janeiro: Basar do tempo, p. 371-396.

REIS, Patrícia Orfila Barros dos. Palmas: uma cidade em busca de significados. In: REIS, Patrícia Orfila Barros dos (org). **Palmas: um projeto e múltiplos olhares – Palmas – TO:** EDUFT, 2015. Cap. 8, pp. 123-143.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SALVATICI, Sílvia. **Memória de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres.** *História oral*, vol. 8, n. 1, p. 29-42. 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Da gordinha à obesa. Paradoxos de uma história das mulheres.** *labrys, études féministes/ estudos feministas janvier/ juin / 2014 -janeiro/junho 2014.* Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys25/corps/denise.htm>. Acesso em: 11/06/2018.

SANTHIAGO, Ricardo. MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevista à distância.** *Revista anos 90*, Porto Alegre, V. 27 – 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266/58383>. Acesso em: 20/06/2021.

SANTOS, Júlio César Batista dos Santos. **Características ambientais, frequência de utilização e nível de atividade física dos usuários do parque dos povos indígenas de Palmas/TO.** 2019. 64 f. TCC (Graduação em Educação Física). Colegiado de Educação Física. Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, TO, 2019.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990.** 2016, 378f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife - PE,. 2016. Acesso em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24532>. Disponível em: 10/10/2018.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, p. 5-22, dez. 1990.

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002; Tradução: de Élvio Antonio Funck. Título original: Only Paradoxes to offer.

SCOTT, Joan Wallach. Usos e Abusos do Gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, dez., 2012.

SILVA, Anderson Nowogrodzki da. **O cuidado de si como forma de resistência ao biopoder: a barba como agente desestabilizador do dispositivo midiático**. REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura, v.7 n.2 dezembro, 2015. pp. 94 – 113.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SOUZA, Candice Vidal. **A invenção do Tocantins. Espaço e tempo na construção da comunidade imaginada em um contexto regional**. Ciências Humanas Em Revista História, Goiânia (GO), v. 6, n.2, pp. 49-63, 1995.

SOUZA, Claudia Resende Alves. **Fatores motivacionais relacionados à prática de corrida de rua por corredores amadores na cidade de Palmas/TO**. 2018. 54 f. TCC (Graduação em Educação Física). Colegiado de Educação Física. Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, TO, 2018.

SOUZA, Elias Caires de; PATINO TORRES, José Fernando. A teoria da subjetividade e seus conceitos centrais. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, Uberlândia, MG, v. 3, n.1, pp. 34-57. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/50574>>. Acesso em: 20/11/ 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SPECK, Jeff. **Cidade Caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tradução de: Anita Dimarco. Título Original: Walkable Cicity: Downtown Can Save America, One Step at a Time.

TAKAHASHI, Erica Emi. **Dinâmicas Socioespaciais e Privatizações em Palmas - Espacialidades e Transformações na Cidade Planejada**. 2018. 221 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de pós graduação em Arquitetura e Urbanismo. Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo. São Carlos – SP. 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-10102018-095413/pt-br.php>>. Acesso em: 10/10/2018.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados -MG: UFGD, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOBIAS, Fabio Lúcio Mello. **O olho que tudo vê: A vigilância dos Estados Unidos sobre o Brasil 1946-1964**. 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008. Acesso em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13068>>. Disponível em: 10/10/2018.

TRIGUEIROS, Conceição. **Panóptico: as ordens da vigilância: uma arquitectura moralista**. Portugal: Caleidoscópio, 2011. 97 p.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: Práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)viver**. 2012. São Paulo: Mariana Bracks Fonseca. Disponível em: <<https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogc3adas-decoloniales-volume-i.pdf>>. Acesso em: 10/01/2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1992.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. CRUZ, Murilo Galvão Amancio. **O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970**. Interface comunicação, saúde e educação. pp.721-31. 2018: Acesso Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/nmQnN5Q5RpqPWrDj5vHjwCf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 31/05/2021.

### 5.3. Anexos

Anexo 1 - Comprovante de cadastro da pesquisa na Plataforma Brasil

**Pesquisador:** JEANY CASTRO DOS SANTOS

**Versão:** 1

**CAAE:** 20699619.1.0000.5519

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade Federal do Tocantins

#### DADOS DO COMPROVANTE

**Número do Comprovante:** 117487/2019

## Anexo 2 - Parecer do CEP aprovando a pesquisa

### Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento  | Arquivo   | Postagem               | Autor                   | Situação |
|---|---|------------------------|-------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_146432_2_É1.pdf                              | 02/11/2019<br>14:10:58 |                         | Aceito   |
| Folha de Rosto  | folha_de_rosto_assinada.pdf   | 05/09/2019<br>22:30:22 | JEANY CASTRO DOS SANTOS | Aceito   |
| Outros  | 6_Roteiro_geral_de_entrevista_de_historia_oral.pdf                  | 28/08/2019<br>06:55:29 | JEANY CASTRO DOS SANTOS | Aceito   |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | 2_Declaracoes_de_Instituicao_participante_assinado.pdf              | 28/08/2019<br>06:54:12 | JEANY CASTRO DOS SANTOS | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | 3_TERMOS_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_TCLE.pdf              | 28/08/2019<br>06:52:14 | JEANY CASTRO DOS SANTOS | Aceito   |
| Declaração de Pesquisadores                               | 1_DECLARACAO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR_RESPONSAVEL_assinada.pdf | 28/08/2019<br>06:51:21 | JEANY CASTRO DOS SANTOS | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | 4_PROJETO_PLATAFORMA_BRASIL_JEANY.pdf                               | 28/08/2019<br>06:49:32 | JEANY CASTRO DOS SANTOS | Aceito   |

### Situação do Parecer:

Aprovado

### Necessita Apreciação da CONEP:

Não

## 5.4 Apêndice

### Apêndice 1 - Roteiro de entrevista profissional de educação física

1. Comente sobre as primeiras experiências como Educador Físico;
2. Comente sobre as suas motivações para morar em Palmas;
3. Comente sobre o início da sua atuação como educador físico em Palmas;
4. Comente sobre a sua relação com outros profissionais que também atuam na Praça dos Girassóis;
5. Comente sobre outros espaços utilizados em Palmas para o desenvolvimento das atividades;
6. Comente sobre a estratégia utilizada para atrair e fidelizar os alunos;
7. Comente sobre o percentual de mulheres e homens no grupo;
8. Comente sobre a cobrança social feita a mulheres e homens em relação ao corpo;
9. Comente sobre a legislação das políticas públicas voltadas à realização de atividades esportivas;
10. Você acha que a atividade física é uma prática elitizada?
11. Comente sobre o posicionamento da prefeitura e estado em relação à utilização da praça para prestação de serviço;
12. Comente sobre as corridas de rua e o trabalho desenvolvido pelos profissionais de educação física;
13. Comente sobre o significado da camiseta;
14. Comente sobre o potencial de Palmas para atração e fixação de profissionais de educação física;
15. Comente sobre o impacto das atividades esportivas na economia local;
16. Você gostaria de fazer algum comentário final?



## Apêndice 2 - Roteiro de entrevista com pessoas que realizam atividades físicas

1. Você mora em Palmas a quanto tempo?
2. Há quanto tempo você pratica atividades físicas?
3. Você realiza qual atividades físicas?
4. Comente sobre a mobilidade urbana em Palmas;
5. Comente sobre a realização de atividade física em Palmas;
6. Comente sobre a utilização das praças;
7. Comente sobre a escolha da atividade física realizada;
8. Comente sobre o relacionamento no grupo;
9. Comente sobre as redes sociais e *selfies*, o que elas significam para você?
10. Comente sobre o significado da atividade física para você;
11. Comente sobre a relação com o seu corpo;
12. Comente sobre as cobranças sociais sobre o corpo;
13. Comente sobre o posicionamento da sua família em relação à atividade física;
14. Comente sobre a influência que você exerce sobre as pessoas em relação à atividade física;
15. Comente sobre como você concilia seus compromissos e as atividades físicas;
16. Comente sobre a participação nas corridas de rua;
17. Comente sobre a relação entre profissionais de educação física;
18. Comente sobre o significado do pódio;
19. Comente sobre o percentual de mulheres e homens nos grupos;
20. Você gostaria de fazer algum comentário final?

## Apêndice 3 - Ofícios encaminhados

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
CÂMPUS DE PALMAS



Av: NS 15 ALC NO 14, Prédio do PPGDR, Palmas – TO | 77020-210.  
Fone: (63) 3232-8224 | [www.uft.edu.br](http://www.uft.edu.br) | [pgdra@uft.edu.br](mailto:pgdra@uft.edu.br)

Documento nº 1/2018

Palmas, 12 de setembro de 2018.

À Senhora

**Carolline Gimenez Graça**

Presidente do Conselho Regional de Educação Física da 14ª Regional Goiás e Tocantins

Eu, Jeany Castro dos Santos, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins, sob a orientação da profa. Dra. **Jemís** Gomes Parente, estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a utilização dos espaços públicos ao ar livre para as práticas esportivas na cidade de Palmas, estado do Tocantins, neste sentido, solicitamos sua colaboração, fornecendo os seguintes dados:

Quantidade de “educador físico” cadastrados em Palmas no período de 2006 a 2018 (parcial), por ano, e por sexo;

Destes profissionais, quantos foram graduados no Tocantins e quantos foram graduados em outros Estados, e quantidade por Estados.

Considerando que a pesquisa está em andamento, solicito um retorno com a máxima brevidade possível ao tempo em que antecipo agradecimentos.

Para dúvidas e esclarecimento, contato: Jeany Castro dos Santos, fone: (63) 8405-6913, endereço eletrônico: [jeanycastros@gmail.com](mailto:jeanycastros@gmail.com).

|

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Jeany', is positioned above a horizontal line.

Doutoranda Jeany Castro dos Santos  
Matrícula: 2017131240

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
CÂMPUS DE PALMAS

Av: NS 15 ALC NO 14, Prédio do PPGDR, Palmas – TO | 77020-210.  
Fone: (63) 3232-8224 | [www.uft.edu.br](http://www.uft.edu.br) | [pgdra@uft.edu.br](mailto:pgdra@uft.edu.br)



Documento nº 2|2019

Palmas, 20 de março de 2019.

À Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Públicos

Eu, Jeany Castro dos Santos, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins, sob a orientação da profa. Dra. ~~Temis~~ Gomes Parente, estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a utilização dos espaços públicos ao ar livre para as práticas esportivas na cidade de Palmas, estado do Tocantins, neste sentido, solicitamos sua colaboração, fornecendo os seguintes dados:

- localização e quantidade de academias ao ar livre instaladas em Palmas e ano de instalação, bem como se os recursos para implantação são provenientes de parceria com o Governo Federal, através do Ministério da Saúde;

Considerando que a pesquisa está em andamento, solicito um retorno com a máxima brevidade possível ao tempo em que antecipo agradecimentos. Para dúvidas e esclarecimento, contato: Jeany Castro dos Santos, fone: (63) 8405-6913, endereço eletrônico: [jeanycastros@gmail.com](mailto:jeanycastros@gmail.com).

Doutoranda Jeany Castro dos Santos  
Matrícula: 2017131240